

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

REGIANE BELLAY

O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO USO DE *TANTO QUE* (E  
VARIANTES) EM *CORPUS* DOS SÉCULOS XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII E

XIX

MARINGÁ - PR

2011

REGIANE BELLAY

O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO USO DE *TANTO QUE* (E  
VARIANTES) EM *CORPUS* DOS SÉCULOS XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII E  
XIX

Dissertação apresentada à Universidade  
Estadual de Maringá, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Letras, área de concentração: Estudos  
Linguísticos.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MARIA REGINA  
PANTE

MARINGÁ

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Bellay, Regiane

B436p O processo de gramaticalização do uso de *tanto que* (e variantes) em *corpus* dos séculos XIII, XIII~XIV, XV, XVI, XVII e XIX/Regiane Bellay. -- Maringá, 2011.

112 f.; quad.

Orientador: Prof. Dra. Maria Regina Pante

Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2011.

1. *Tanto que* (e variantes) 2. Gramaticalização 3. Correlação I. Pante, Maria Regina, orient. II. Universidade Estadual de Maringá... III. Título.

CDD. 21.ed.: 415

JLM-000129

REGIANE BELLAY

**O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO USO DE *TANTO QUE* (E  
VARIANTES) EM *CORPUS* DOS SÉCULOS XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII E  
XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovado em **30 de setembro de 2011**.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Regina Pante

Universidade Estadual de Maringá – UEM

- Presidente -

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neiva Maria Jung

Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/Ponta Grossa - PR

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu tudo, que faz novas todas as coisas em mim, mostrando-me que a luz supera todas as trevas;

Aos meus pais (Miguel e Fatima) e a minha irmã (Sybelle) que viveram comigo o árduo diário do desbravar dos conhecimentos;

Aos amigos, que me acolheram e me suportaram em tantos momentos de inquietude;

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Regina Pante, orientadora deste trabalho, que **tanto** apontou caminhos a serem trilhados, **que** possibilitou a construção do saber;

A todos os professores e pesquisadores de Língua Portuguesa que se dedicam à árdua tarefa da navegação em águas inquietas do saber.

Faço-o agora o mais completo que posso. Outros, futuramente, com mais lazer, alargarão as pesquisas, pois, neste assunto, deparam-nos os autores, floresta inexplorada.

(José Oiticica)

**RESUMO.** O tema da teoria funcionalista da gramaticalização de elementos da oração é abordado nesta dissertação com o objetivo de analisar a gramaticalização do item *tanto que*. Justifica-se pela importância da compreensão do comportamento do item *tanto que*, o que indica caminhos para a desmistificação da correlação e para a exemplificação do processo de gramaticalização. Como objetivos específicos têm-se as buscas: do momento em que o item *tanto que* passa a ocorrer em função consecutiva apenas; do que pode justificar esse processo de gramaticalização; do que possa indicar a existência da correlação entre os *corpora* temporais e consecutivos. O *corpus* analisado diacronicamente por meio do método *type* (locução conjuntiva temporal; quantificador I, II e III) e *token* (284 ocorrências) é composto de: *Dos costumes de Santarém* (XIII); *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (séculos XIII ~ XIV), constando *Vida de Tarsis*, *Vida de uma Monja*, *Vida de Eufrosina*, *Visão de Túndalo*, *Vida de Santa Pelágia*, *Morte de São Jerônimo* e *Visão de Santa Maria Egípcíaca*; *corpus* do século XV (*História dos reis em Portugal em Crônica Geral da Espanha* e *Orto do esposo*); *Crônica dos reis de Bisnaga* (século XVI); *corpus* do século XVII (*Sermão de Santo Antônio aos peixes* e *Compêndio da relação que veio da Índia no ano de 1691*); *corpus* do século XIX (*Descobrimento das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães* e *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao*). Os cinco princípios de Hopper (1991, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) e os princípios de Lehmann (1985, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) são usados como referencial teórico, assim como a teoria da articulação das orações de linguístas e gramáticos. Conclui-se que a existência de *tanto que* temporal no *corpus* pesquisado se extingue no século XIX, o que aponta para um nível de gramaticalização diferente de *tanto que* consecutivo (e variações) que continua a ocorrer até os dias atuais e é analisado tradicionalmente como locução consecutiva em orações subordinadas consecutivas, mas observa-se uma classificação voltada para a correlação, diferenciando subordinativas de correlativas por comportamentos diferenciados entre *tanto que* temporal e *tanto que* consecutivo.

**Palavras-chave:** *tanto que* (e variantes); gramaticalização; correlação.

**ABSTRACT.** The theme of functionalist theory of grammaticalization of elements of clauses is approached in this paper in order to analyze the grammaticalization of *so that*. The comprehension of *so that* behavior is the importance that justifies the existence of this research. As specific objectives it has the searches of: moment that *so that* begins to occur only as consecutive function; what can justify this process of grammaticalization; what can point the existence of correlation between consecutive and temporal *corpora*. The *corpus* analyzed diachronically through the method *type* (temporal conjunctive locution; quantifier I, II and III) and *token* (284 occurrences) is composed of: *Dos costumes de Santarém* (XIII); *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (XIII ~ XIV centuries) includes *Vida de Tarsis*, *Vida de uma Monja*, *Vida de Eufrosina*, *Visão de Túndalo*, *Vida de Santa Pelágia*, *Morte de São Jerônimo* and *Visão de Santa Maria Egípcíaca*; *corpus* from XV century (*História dos reis de Portugal em Crônica Geral de Espanha* and *Orto do esposo*); *Crônica dos reis de Bisnaga* (XVI); *Corpus* from XVII century (*Sermão de Santo Antônio aos peixes* and *Compêndio da relação que veio da Índia no ano de 1691*); *corpus* from XIX century (*Descobrimto das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães* and *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao*). We have the extinction of *so that* as time in the nineteenth century in the corpus studied, what points to a different level of grammaticalization to *so that* as consecution that continues to occur until the present day and it is analyzed traditionally in consecutive subordinate clauses, but there is a classification focused on the correlation, by the differences between subordinated and correlative behavior that are differentiated by *so that* behavior as time and by *so that* behavior as consecutive.

**Keywords:** *so that* (and variations); grammaticalization; correlation.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Dos costumes de Santarém</i> (século XIII) .....	46
<b>Quadro 2:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacence</i> (séculos XIII e XIV) .....	52
<b>Quadro 3:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>História dos Reis de Portugal em Crônica Geral da Espanha</i> (século XV) .....	53
<b>Quadro 4:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Orto do Esposo</i> (século XV) .....	62
<b>Quadro 5:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Crônica dos Reis de Bisnaga</i> (século XVI) .....	68
<b>Quadro 6:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Sermão de Santo Antônio aos peixes</i> (século XVII) .....	70
<b>Quadro 7:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Compêndio da relação, que veio da Índia do ano de 1691</i> (final do século XVII).....	72
<b>Quadro 8:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao</i> (século XIX) .....	74
<b>Quadro 9:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Descobrimento das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães</i> (século XIX) .....	78
<b>Quadro 10:</b> Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> no <i>corpus</i> dos séculos: XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII e XIX .....	78

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
1.1 Pressupostos funcionalistas .....	12
1.2 Gramaticalização .....	16
1.3 A língua como multissistema .....	23
1.4 Articulação de orações.....	27
1.5 A correlação.....	29
1.6 Definição de conjunção .....	38
<b>CAPÍTULO 2. MATERIAL E METODOLOGIA</b> .....	42
2.1 Material.....	42
2.2 Procedimentos analíticos .....	43
<b>CAPÍTULO 3. ANÁLISE</b> .....	45
3.1 Dos Costumes de Santarém (século XIII) .....	45
3.2 <i>Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense</i> (séculos XIII e XIV) .....	46
3.3 <i>Corpora</i> do século XV .....	53
3.3.1 <i>História dos Reis de Portugal in Crônica Geral da Espanha</i> .....	53
3.3.2 <i>Orto do esposo</i> .....	54
3.4 <i>Crônica dos reis de Bisnaga</i> (século XVI).....	62
3.5 <i>Corpora</i> do século XVII.....	69
3.5.1 <i>Sermão de Santo Antônio aos peixes</i> .....	69
3.5.2 <i>Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691</i> .....	71
3.6 <i>Corpora</i> do século XIX .....	72
3.6.1 <i>Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao</i> .....	72
3.6.2 <i>Descobrimento das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães (1898)</i> ....	75
3.7 Discussão .....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	88
<b>ANEXOS</b> .....	94

## Introdução

Esta dissertação tem como objetivo maior analisar a locução conjuntiva *tanto que* em perspectiva diacrônica (séculos XIII a XIX), a fim de identificar em que momento ela perde seu valor temporal, mais fixo em início de período, e passa a assumir apenas o valor consecutivo, tendo como escopos de incidência: verbos, adjetivos e substantivos, além de um emprego mais atual, o de ênfase sobre um conteúdo antecedente, reforçando-o com fins argumentativos.

Uma vez realizada, a presente pesquisa amplia o rol de pesquisas já realizadas em perspectiva diacrônica e orientadas por Maria Regina Pante na Universidade Estadual de Maringá. São elas: *Tempo e espaço: a gramaticalização do item onde em textos religiosos (Séculos XIV, XVI e XXI)*, de Adriana dos Santos Souza (2007); *A estrutura argumental preferida (EAP) em diversas sincronias do português: um exercício de análise do verbo-suporte tomar no português arcaico*, de Érica Fernanda Ortega (2010), e *O item porem em contextos diversos nos séculos XIII-XV: análise de condicionantes morfossintáticos para sua gramaticalização*, de Adel Fernanda Lourenzi Franco Rosa (2010).

Os títulos dessas dissertações evidenciam trabalhos de cunho funcional, que visam às pesquisas que envolvem gramaticalização de itens, trazendo contribuições para o estudo da língua portuguesa em perspectivas sincrônica e diacrônica, visto que o estudo da língua em séculos anteriores auxilia na compreensão do momento presente.

Esta pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro trata das teorias utilizadas para a análise do processo de gramaticalização de *tanto que*. O segundo aborda o material e a metodologia desta pesquisa. O terceiro constrói a análise desse trabalho.

De acordo com Cunha (2008), são várias as teorias utilizadas por linguistas da corrente funcionalista. Nesse vasto campo do Funcionalismo, encontra-se, como um de seus temas relevantes, a gramaticalização, primeiramente definida como um processo diacrônico que consiste na passagem de um item lexical para um item gramatical, assumindo um posicionamento mais fixo no interior de uma sentença.

Para Martelotta e Areas (2003), o funcionalismo tende a adotar uma concepção pancrônica de mudança, focalizando mecanismos geradores de mudanças alicerçados em fatores comunicativos e cognitivos, tendência do funcionalismo norte-americano. Lehmann (1982, *apud* Pezatti, 2007) trata o processo de gramaticalização de modo sincrônico, em que ocorre a perda de autonomia de um signo linguístico. Hopper (1987, *apud* Pezatti, 2007) rebate a existência de uma gramática sincrônica, pois o processo contínuo de organização gramatical é um processo contínuo de gramaticalização.

Hopper (1991) propõe cinco princípios que indicam o grau de gramaticalização dos elementos analisados: a *estratificação*, a *divergência*, a *especialização*, a *persistência* e a *descategorização*. Por meio desses princípios, observam-se características que contribuem para o questionamento da visão tradicional que se resume em coordenação e subordinação de enunciados, quanto à articulação de orações.

Para tanto, o seguinte *corpus* é utilizado: *Dos costumes de Santarém* (XIII); *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (séculos XIII ~ XIV, oscila entre esses dois séculos), constando *Vida de Tarsis*, *Vida de uma Monja*, *Vida de Eufrosina*, *Visão de Túndalo*, *Vida de Santa Pelágia*, *Morte de São Jerônimo* e *Visão de Santa Maria Egípcíaca*; *História dos reis de Portugal in Crônica Geral de Espanha e Orto do esposo* (século XV); *Crônica dos reis de Bisnaga* (século XVI); *Sermão de Santo Antônio aos peixes* e *Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691* (século XVIII); *Descobrimento das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães* e *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao* (século XIX).

Optamos por obras de épocas e de gêneros diferentes a que tínhamos acesso, atendendo a uma perspectiva diacrônica, ou seja, ao delimitarmos o período, buscamos verificar em que momento *tanto que* deixou de ser empregado com valor temporal, por meio de *type* e *token*. Para Bybee (2010), *type* e *token* são dois métodos de contagem de frequência relevantes para estudos linguísticos. *Token*, frequência de texto, é formado pela constituição da frequência da ocorrência de uma palavra ou de um morfema. *Type* refere-se à frequência no dicionário de uma parceria em particular. A consecução, a temporalidade e a evidencialidade apresentada em *tanto que* e em suas variações constitui o *type* desse trabalho. O total de apresentações desses termos constitui o *token*. Esses dois métodos de contagem de frequência são importantes não só para visualizar a frequência geral, por século, com que se emprega um determinado item, mas também para averiguar as diversas funções que um mesmo item pode desempenhar nos contextos analisados.

O tema da teoria funcionalista da gramaticalização de elementos da oração é abordado nessa dissertação com o objetivo de analisar o processo de gramaticalização do item *tanto que*. Como objetivos específicos têm-se as buscas: do momento em que o item *tanto que* passa a ocorrer em função consecutiva apenas; do que pode justificar esse processo de gramaticalização; do que possa indicar a existência da correlação entre os *corpora* temporais e consecutivos. Esta pesquisa parte da hipótese de que o item do processo constante de gramaticalização busca sempre a economia, ou seja, a forma mais simples e prática de expressão, tem seu comportamento temporal substituído por outros itens de valor temporal como *logo* que já o acompanham nos *corpora* e exercem função de ênfase temporal. Esses itens assumem a função

temporal de *tanto que*, passando de ênfase temporal a elemento temporal principal da oração, o que torna essa construção mais prática, fluindo com mais agilidade, pois se economiza o item *tanto que*. Desse modo, esta tese justifica-se pela importância da compreensão do comportamento do item *tanto que*, o que indica caminhos para a desmistificação da correlação e para a exemplificação do processo de gramaticalização.

Trabalhos como de Módolo (2004) abordam o processo de gramaticalização de conjunções correlativas. *Gramaticalização de estruturas X-que no Português do Brasil* é um artigo de Lima-Hernandes que discute sobre as rotas de mudança no Português do Brasil por meio de categorização cognitiva de estruturas X-que. *O item porem em contextos diversos nos séculos XIII e XV: análise de condicionantes morfossintáticos para sua gramaticalização*, dissertação de Rosa (2010), aborda, por meio da frequência *type* e *token*, fatores que justifiquem a mudança do item exaustivamente levantado com contagem manual dos dados. Esses trabalhos são exemplos que se unem a este que se desenvolve sobre o item *tanto que* (e variantes), pois buscam levantar motivos que constituem a gramaticalização de itens, também, com contagem manual. Essa pesquisa tem seu destaque inédito ao referir-se ao caminho da correlação apontado pelo trajeto percorrido por *tanto que* (e variantes) devido à relação causa/consequência estabelecida entre as orações.

## **Capítulo 1. Fundamentação teórica**

### **1.1 Pressupostos funcionalistas**

O surgimento do Funcionalismo no Estruturalismo, o pioneirismo de Saussure na seleção entre os fenômenos a serem descritos e as tendências funcionalistas constituem os pressupostos teóricos nesse capítulo. Faz-se um panorama geral do vasto campo do Funcionalismo e de suas ramificações no Brasil.

Segundo Costa (2004), o Estruturalismo, corrente que compreende a língua como estrutura é uma corrente teórica que regeu a primeira metade do século XX. No entanto, segundo o desenvolvimento dos estudos nessa área, a língua não é uma organização em estruturas previamente estabelecidas de um conjunto de signos unívocos. Com isso, os estruturalistas conseguiram grandes resultados na descrição fonológica e morfológica, o que não ocorreu para com o nível sintático e o discursivo.

De acordo com Cunha (2008), o Funcionalismo surge no Estruturalismo, mas enfatiza a função das unidades linguísticas. As primeiras análises funcionalistas são atribuídas aos membros da Escola de Praga, originada no Círculo Linguístico de Praga, contribuindo, principalmente, para a diferenciação de análises fonéticas e fonológicas dos sons, para a análise dos fonemas em traços distintivos e para as noções de binário e marcado. No século XX, a Escola de Genebra define os elementos afetivos da linguagem; a Escola de Londres considera as funções de enunciados e textos quanto às funções de unidades dentro de uma estrutura e considera a linguagem como parte de um processo social; o grupo holandês utiliza três níveis na análise das funções em uma sentença. Dessas, a Escola de Londres e o grupo holandês contribuíram, também, para o desenvolvimento do Funcionalismo.

Segundo Pezatti (2007), Saussure foi o primeiro a reconhecer a necessidade de estabelecer uma seleção entre os fenômenos a serem descritos, dada a complexidade da linguagem. Posteriormente, a definição do ponto de vista e o modo de fazer pesquisa mudaram com o desenvolvimento da linguística. O modelo predominante da década de 70 do século XX provinha da gramática gerativo-transformacional, para a qual o trabalho com a sintaxe de uma língua só parecia possível dentro de seus parâmetros de investigação. Como essa gramática não considerava outros fatores, por exemplo, o de ordem discursivo-pragmática, surgiram várias tendências (Sociolinguística, Linguística textual, Análise do Discurso, Análise da Conversação, Funcionalismo etc).

Pezatti (2007) acrescenta, ainda, que o ponto de vista funcional também se encontra na Escola Linguística de Praga, cujo pioneiro Roman Jakobson estende a noção de função da linguagem restrita ao Estruturalismo, ao considerar os participantes da interação e outros fatores da comunicação.

Segundo Cunha (2008), o Formalismo norte-americano caracterizou-se por uma tendência formalista com Leonard Bloomfield, a qual resiste atualmente com a linguística gerativa. Por outro lado, uma tendência para o Funcionalismo foi desenvolvendo-se sob influência dos trabalhos de etnolinguistas, dentre os quais Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf. Além disso, a autora menciona Dwight Bolinger como um dos primeiros a considerar que os fatores pragmáticos operam sobre determinados fenômenos linguísticos estudados pelos estruturalistas e gerativistas. A iconicidade é enfatizada por Joseph Greenberg. Gillian Sankoff e Penelope Brown também contribuem ao apontar as motivações discursivas geradoras das estruturas sintáticas de língua de Papua-Nova Guiné. Para Talmy Givón (1979, *apud* Cunha, 2008), a existência da sintaxe se dá para desempenhar determinada função, a qual determina sua maneira de ser. Bernd Heine e Tânia Kuteva são parte de um grupo que trabalha na Alemanha com questões de mudança linguística, gramaticalização e empréstimo com modelo semelhante ao dos norte-americanos.

O Funcionalismo, todavia, reatualizou-se. Segundo DeLancey (2001, *apud* Pezatti, 2007), o Funcionalismo moderno é um retorno à concepção de Whitney, de Von der Gabelentz e, entre outros, de Hermann Paul, os quais defendiam a explicação da estrutura linguística em termos psicológicos, cognitivos e funcionais e que centravam o enfoque linguístico em fenômenos sincrônicos e diacrônicos no final do século XIX, destacando a linguagem a serviço da comunicação.

Não há, entretanto, apenas uma teoria utilizada por todos os linguístas da corrente funcionalista, pois há uma grande variedade de modelos teóricos. Nos EUA, por exemplo, há várias escolas e tendências funcionalistas, e, mesmo o grupo da Califórnia, com o maior número de linguístas, não segue uma teoria funcional homogênea.

Para Neves (1997), há dificuldade em definir uma única teoria funcionalista, pois há vários modos de função. Esse termo pode se referir ao uso da linguagem e ao efeito. Há várias propostas de conjuntos de funções da linguagem. A proposta de Roman Jakobson (1969), da Escola Linguística de Praga, aborda o contexto (função referencial), o remetente (função emotiva), o destinatário (função conativa), o contato (função fática), o código (função metalinguística), a mensagem (função poética). Halliday (1973, *apud* Neves, 1997) indica a

pluralidade funcional pela construção desta na estrutura linguística e tem por base de organização a semântica e a sintaxe (o léxico e a gramática).

Neves (1997) afirma ainda que a gramática funcional tem por característica de base o uso das expressões linguísticas na interação verbal, pressupondo pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico. No modelo de Dik (1989, *apud* Neves, 1997), a expressão linguística é função da intenção do falante, da informação pragmática do falante e da antecipação que esse faz da interpretação do destinatário, e a interpretação do destinatário é função da expressão linguística, da informação pragmática do destinatário e da sua dedução sobre a intenção comunicativa do falante. A relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é mediada pela expressão linguística. Mackenzie (1992, *apud* Neves, 1997) tem a mesma linha funcional de Dik e tem a gramática funcional como proprietária de uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua e a sistematicidade da estrutura da língua. Qualquer paradigma funcionalista pode ser caracterizado pela integração de componentes. Dik (1979, *apud* Neves, 1997) afirma as intervenções semânticas, sintáticas e pragmáticas como as organizadoras da estrutura do predicado.

Nichols (1984, *apud* Neves, 1997) cita três tipos de Funcionalismo: o *conservador* aponta a inadequação do formalismo sem propor uma análise da estrutura; o *moderado* critica a inadequação e propõe uma análise da estrutura; o *extremado* nega restrições sintáticas ao negar a realidade da estrutura como estrutura, considerando que as regras se baseiam internamente na função.

Apesar dessa falta de homogeneidade, são destaques na corrente funcionalista a concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social e o estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real. Com isso, não se admitem dicotomias, tais como aquelas entre sistema e uso e entre língua e fala, no Estruturalismo, nem entre competência e performance, no Gerativismo.

Segundo Pezatti (2007), Labov menciona os diferentes posicionamentos adotados por Martinet (1962), Kiparsky (1971), Halliday (1967), Kuno (1972) e Givón (1979). Para Martinet (1962), há eficiência comunicativa das unidades estruturais, por oposições entre as unidades ao sistema; para Kiparsky (1971), há distinção semântica, em que o conceito de função se refere a um relacionamento entre uma dada forma e seu significado referencial; para Halliday (1967), há motivação discursiva da estrutura sentencial, com oposição entre tema e rema e entre dado e novo; Kuno (1972), além do estatuto informacional, propõe o conceito psicológico ou cognitivo que seleciona o ponto de vista assumido pelo falante na direção da sentença que elabora; Givón



(1979) é da opinião de que há princípios comunicacionais que governam a forma da estrutura da linguagem.

Ao considerar esses diferentes posicionamentos, Pezatti (2007) conclui que se podem verificar os três conceitos de função definidos por Garvin (1978): *função interna*, em que se pode designar a(s) relação(s) entre uma forma e outra; *função semântica*, entre uma forma e seu significado; *função externa*, entre o sistema de formas e seu contexto.

Antonio (2009) considera que os diferentes modelos funcionalistas analisam a língua em sua função comunicativa, em que o falante se comunica por meio do discurso multiproposicional, sendo influenciado por fatores pragmáticos e tendo sua construção partindo de uma gramática que rege a construção dessas proposições. O autor cita como principais contribuintes para os estudos do texto as seguintes correntes funcionalistas da atualidade com ramificações no Brasil: a Gramática Funcional de linha holandesa e a Gramática Discursivo-Funcional, a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, o Funcionalismo da Costa-Oeste dos EUA e a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST), desenvolvida no âmbito das duas últimas correntes citadas anteriormente a esta.

A gramática funcional de Halliday (1985, *apud* Neves, 1997) é uma teoria sistêmica que se interpreta metafuncionalmente e que exemplifica o pensamento funcionalista mais corrente. A gramática funcional possui o texto como a unidade maior de funcionamento e os itens como multifuncionais. A investigação da multifuncionalidade prevê a investigação do cumprimento de diferentes funções da linguagem (ideacional, interacional e textual) e do funcionamento dos itens segundo diferentes limites de unidade. Esse autor aborda a gramática funcional com uma condução de exame por níveis, colocando a frase como limite superior, nível em que permanece a gramática tradicional, instalando-se um limite construcional, em que partes formam um todo e em que a norma corresponde à organização não-construcional. O nível dois abrange o que há abaixo, acima, ao lado, ao redor e além da oração.

Para Dik (1997b), a gramática funcional objetiva descrever e explicar línguas naturais de modo psicológico e pragmaticamente. A pragmática destaca o uso das línguas para propósitos comunicativos na interação verbal, ao passo que a psicologia focaliza os processos mentais envolvidos na interpretação e na produção de expressões linguísticas.

Para Suassuna (1995), o Funcionalismo destaca-se por vários aspectos: modelo teórico explicativo aliado à descrição; consideração do texto além de uma soma de palavras; destaque às intenções do falante; estudo da linguagem em uso; reconsideração do desvio como índice das necessidades que estabelecem a fala; ênfase no relacionamento empático entre locutor e interlocutor, destacando a relação entre a língua e a cultura; noção de ato de fala como a seleção

de opções linguísticas inter-relacionadas feita pelo falante no contexto das situações de fala; discussão de funções que vão além da função informativa.

Nesse vasto campo do Funcionalismo, encontram-se muitos temas relevantes tais como: a perspectiva funcional da sentença; o estatuto informacional; o conceito de tópicos; o ponto de vista e o fluxo de atenção; a transitividade e a relevância discursiva; a estrutura argumental preferida e o fluxo de informação; o processo de gramaticalização. Este último, para Traugott e Köning (1991, *apud* Pezatti, 2007), é definido em uma perspectiva diacrônica, pois corresponde ao processo dinâmico, unidirecional e diacrônico, pelo qual um item lexical obtém um estatuto gramatical durante a evolução temporal.

No Brasil, segundo Cunha (2008), o Funcionalismo foi impulsionado a partir de 1980, quando grupos de pesquisadores propõem fatores de natureza comunicativa e cognitiva na interpretação do funcionamento de tópicos morfossintáticos em textos falados e escritos; há, entre esses grupos, todavia, uma diversidade de orientações teóricas de base funcionalista com combinação de diferentes perspectivas nas análises. A informatividade, a iconicidade, a marcação, a transitividade e o plano discursivo são questões centrais, destacando-se a gramaticalização e a discursivização.

O Funcionalismo, portanto, manifesta-se de modo diferenciado, conforme época e grupo de pesquisa, mas, quanto ao objeto de estudo há homogeneidade, pois está baseado no uso real da língua, abrangendo, assim, as necessidades da língua na interação social. A integração de componentes da língua caracteriza qualquer paradigma funcionalista. Segue-se com um levantamento teórico sobre o processo da gramaticalização, teoria funcionalista focalizada nesta tese.

## **1.2 Gramaticalização**

Nesse capítulo, apresentam-se definições e descrições da gramaticalização sobre diferentes perspectivas de vários linguístas. Apresenta-se, também, a discussão da unidirecionalidade no processo de gramaticalização.

Hopper e Traugott (1993, *apud* Vitral e Ramos, 2006) citam a passagem do item lexical para o gramatical, que passa a ser clítico e afixo. O não retorno de um item a uma etapa da gramaticalização já percorrida é bastante criticada. A proposição que destaca a redução fonética e a redução semântica dos itens trata dessas reduções por meio de outros quadros teóricos. Quanto à gradualidade, a categorização sintática é caracterizada como não discreta e como instável ao estar sujeita à atuação dos falantes, a qual pode ser consciente ou não. A última

proposição trata de uma revisão da distinção sincronia/diacronia, o que é consequência da dificuldade de tratar a gradualidade e o que aponta para a necessidade de se repensar a questão da mudança que ocorre no processo de gramaticalização. Desse modo, o que se faz é uma tentativa de elaboração de um esboço da teoria da gramaticalização, por meio do desenvolvimento de trabalhos, nessa área, os quais permitem supor a ausência de um modelo teórico.

Para Traugott e Heine (1991), há consenso em afirmar que a gramaticalização é parte da teoria da língua que focaliza a independência da língua e da parole, do categórico e não-categórico e do que é fixo e não-fixo na linguagem. É, também, um processo linguístico diacrônico e sincrônico da organização de categorias e da codificação.

Esses autores afirmam que há uma diversidade de perspectivas sobre gramaticalização entre vários autores, referindo-se à gramaticização, à gramatização e à gramaticalização. Os autores reconhecem que Meillet (1912) foi o primeiro a usar o termo gramaticalização, que é muito discutido por Bopp (1816), por Humboldt (1825) e por Gabelentz (1891). O precursor utiliza o termo como evolução de formas gramaticais fora das formas lexicais mais recentes. Quanto à perspectiva do discurso à perspectiva morfossintática, o percurso discurso → sintaxe → morfologia → morfofonêmica → zero é tratado em Givón (1979), em Bybee (1985), em Hopper (1988), e em Li e Thompson (1974), entre outros. A perspectiva da codificação gramatical sobre gramaticalização estuda o que a codificação gramatical possibilita tipologicamente na linguagem ou em linguagens, e como se organiza em um período de tempo, estudos desenvolvidos por Givón, por Mithun e por Thompson e Mulac, ou como se organiza pancronicamente, como se pode perceber em Frajzyngier, em Nichols e em Timberlake.

Traugott e Heine (1991) citam a relação da gramaticalização de modo diacrônico como um tipo de mudança da linguagem, a qual se submete a certos processos gerais e aos mecanismos de mudança, e que é caracterizada por certas consequências como as mudanças na gramática. No entanto, nem toda mudança implica gramaticalização.

A unidirecionalidade também é citada por Traugott e Heine (1991) como característica da gramaticalização, mas nem toda unidirecionalidade resulta em gramaticalização. O aumento da abstração, da significação pragmática e da conectividade são tipos de unidirecionalidade, que também não constituem garantia de gramaticalização.

Para os autores, a unidirecionalidade pode surgir como o de um único caminho de evolução, mas abordagens que se referem a domínios funcionais múltiplos, Kemmer (1988), ou se referem a processos correlatos estão mais próximas da realidade. No último caso, Heine e Reh (1984) sugerem um modelo, tripartido com a classificação de correlações de mudança (status

semântico-sintático, comportamento gramatical e substância fonológica), enquanto Lehmann (1985) propõe uma classificação bipartida de acordo com processos paradigmáticos e sintagmáticos e é criticado por indicar redução de alcance pela gramaticalização, mas seu foco nas correlações é classificado como de importância crucial, o qual permite projetar gramaticalização diacrônica em dados sincrônicos.

A transferência metafórica, a transferência metonímica, a reanálise, a analogia e a incorporação de material gramatical de linguagens são exemplos de mecanismos que tornam a mudança possível. Nenhum mecanismo é restrito à gramaticalização e todos são independentes da unidirecionalidade associada à gramaticalização.

Segundo Hopper (1991), a relação com a definição de gramática é o único caminho para a revelação da gramaticalização. Com isso, não há uma construção de tipologia da gramaticalização ou de princípios que diferenciem gramaticalização de outros tipos de mudança.

Esse autor afirma que as definições de gramática e de gramaticalização são problemáticas, quando se trata de uma língua individual de modo isolado. Contudo, suposições sobre gramática permitem a emergência de regularidades, como a consideração de categorias morfológicas como parte da gramática, e como o envolvimento de certos clíticos e afixos por itens lexicais. Essas generalizações são necessárias principalmente quando há ausência de dados históricos.

O presente autor cita Lehmann (1985), o qual propõe princípios que são úteis e indispensáveis para guiar mudanças históricas, mas funcionam melhor com a morfologização, pois abordam estágios avançados e inconfundíveis. Esses princípios são: paradigmática, tendência de organização em paradigmas de formas gramaticalizadas; obrigatoriedade, tendência de transformação em formas obrigatórias pelas formas opcionais; condensação, diminuição das formas; coalescência, perda de formas adjacentes; fixação, ordens lineares soltas transformadas em presas.

Para Lehmann (1995, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) o parâmetro da integridade ocorre no eixo paradigmático da relação do fator peso e do aspecto paradigmático. Esse parâmetro do peso paradigmático diferencia um signo dos demais membros de sua classe e proporciona proeminência no contraste com outros signos. A atrição fonológica e a dessemantização constituem as perspectivas em que esse parâmetro pode ser apreciado.

Lehmann (1995, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) apresenta também a paradigmaticidade como o grau de coesão de um item com outros em um paradigma, sendo a medida desse parâmetro pelo tamanho e pela homogeneidade do paradigma, em que paradigmas altamente gramaticalizados tendem a ser menores do que os menos gramaticalizados. Quanto à

variabilidade paradigmática, aborda a possibilidade de uso de outro item em lugar daquele em processo de gramaticalização. Parâmetros sintagmáticos abrangem o peso versus a sintagmatização, a coesão versus sintagmatização e a variabilidade sintagmática. O escopo ou peso sintagmático diminui com o aumento do grau de gramaticalização, pois trata da extensão da construção que ajuda a formar. A coesão versus a sintagmatização abrange a coesão de um item com outro, tratando do grau com que se liga a outros signos ou ao grau com que deles dependa. A variabilidade sintagmática trata da possibilidade da mudança de posição de um item, sendo mais gramaticalizado, conforme possui posição mais fixa.

Hopper (1991) propõe cinco princípios: a *estratificação*; a *divergência*; a *especialização*; a *persistência*; e a *descategorização*. Esses princípios indicam o grau de gramaticalização dos elementos analisados.

A *estratificação* afirma a existência de novas camadas que emergem continuamente, enquanto as antigas podem coexistir e interagir com essas novas. Omena e Braga (1996, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) exemplificam esse princípio com o uso de *nós* e de *a gente* de modo alternado como em:

F: Porque a única coisa que não vai bem é o seguinte: que *nós* temos aqui uma dificuldade muito grande de colocar a documentação do bar em dia.

F: Então, *a gente* tem condições de fazer uma documentação certa para que eles não tenham o direito de interferir no nosso movimento, entendeu?

Desse modo, *a gente* apresenta semanticamente caráter determinador não apresentado no substantivo *gente*. Gramaticalmente, passa a ser usado como pronome, o que antes era usado como substantivo.

Quando ocorre a *divergência*, uma forma lexical se submete à gramaticalização para um clítico ou afixo, sendo que a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e submeter-se às mesmas mudanças como os itens lexicais comuns. Hopper (1991, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) afirma que a divergência pode ser um caso especial de estratificação. Exemplo desse princípio é a coexistência de *gente* como substantivo e de *a gente* como pronome, sendo forma gramaticalizada coexistindo com a forma-fonte.

Ocorre *especialização*, quando a variedade de possibilidades de formas com diferenças semânticas é reduzida no processo de gramaticalização, resultando em poucas formas que assumem significações gramaticais mais gerais. Com isso, a forma mais adiantada no processo

de gramaticalização tem sua frequência aumentada, o que pode ser exemplificado com a preferência de *a gente* para com *nós*.

Com a *persistência*, há a tendência da aderência de características da significação original do termo que se submete à passagem do lexical para a função gramatical, podendo refletir restrições em sua distribuição gramatical. Por exemplo, usos de *a gente* não são parafraseáveis por *nós*, como em *todos nós*, em que não há como usar a construção *todos a gente*.

Na *descategorização* se observa a perda ou a neutralização de traços morfológicos e sintáticos para assumir características de categorias secundárias (adjetivo, preposição, particípio, entre outras). Por exemplo, processos morfossintáticos de *gente* não ocorrem com *a gente*, como: flexão de número e de grau; derivação; quantificação; determinação; possessão; adjetivação.

Lichtenberk (1991) postula que a gramaticalização é um processo histórico, um tipo de mudança que tem certas consequências para categorias morfossintáticas da língua e para a sua gramática. As consequências prototípicas são: emergência de uma nova categoria gramatical; perda da categoria gramatical existente; mudança na associação da categoria gramatical.

Lehmann (1982, *apud* Pezatti, 2007) trata o processo de gramaticalização de modo sincrônico, pois afirma a gramaticalização pela noção da perda de autonomia de um signo linguístico. Para tanto, tem o peso, a coesão e a variabilidade como parâmetros. Hopper (1987; 1991, *apud* Pezatti, 2007) rebate a existência de uma gramática sincrônica, pois o processo contínuo de organização gramatical é um processo contínuo de gramaticalização.

Pezatti (2007) realça também a definição da gramaticalização de forma diferenciada por vários estudiosos, mas indicando a unidirecionalidade no tratamento dessa questão. Esse modo de definição aponta caminhos sincrônicos ou diacrônicos. Para Heine *et al.* (1991, *apud* Neves 1997), a gramaticalização é colocada, até a década de 70, como diacrônica, analisa a evolução linguística e a reconstrução da história de uma língua ou de um grupo de línguas e relaciona as estruturas linguísticas do momento com os padrões anteriores do uso linguístico. Neves (1997) destaca o caráter gradual ligado à história ao afirmar que há reflexo da gradualidade, quando há a coexistência de forma nova e de forma antiga. Além disso, destaca que a aplicabilidade da gramática funcional se dá para com todas as línguas e todos os tipos de língua.

Lichtenberk (1991, *apud* Neves, 1997) aponta a emergência de uma nova categoria gramatical, a perda de uma categoria existente e a mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical como os três tipos de consequências prototípicas do processo histórico da gramaticalização. Refere-se a protótipo como o grau de semelhança.

Segundo Neves (1997), as causas do processo de gramaticalização constituem uma parte importante das relações entre gramática e cognição. A competição entre economia e iconicidade,

princípio em que se afirma a existência de uma relação não-arbitrária entre forma e função, exemplifica as relações entre gramática e cognição.

Essa autora define gramaticalização como um processo pancrônico, que acomoda uma rede com áreas relativamente rígidas e áreas menos rígidas. Verificam-se acomodações em processo pela fluidez no estabelecimento das categorias, pela fluidez semântica, contextualmente, pela fluidez do grau de regularização, idiomatização e convencionalização e pela polissemia resultante. Nessas áreas se comprovam os princípios básicos propostos por Hopper (1991).

Cunha *et al.* (2003) citam a gramaticalização e a discursivização como fenômenos associados aos processos de regularização, relacionando-os à variação e à mudança linguísticas. Com isso, compreende-se a gramática, que se dá sincronicamente por pressões cognitivas e de uso, em um processo contínuo. Parte-se do não-regular para a regularidade com o uso, com a repetição, transformando o causístico em norma e entrando na gramática. A estabilidade é relativa e aparente, pois as unidades retornam ao discurso ao passarem do sistematizado para o desbotamento e esvaziamento semântico. O processo de gramaticalização privilegia a trajetória dos elementos linguísticos do léxico à gramática e a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, como o de categorias invariáveis para categorias flexionais. A gramaticalização *stricto sensu* aborda a mudança do léxico para a gramática e a gramaticalização *lato sensu* explica mudanças no interior da própria gramática.

A gramaticalização, segundo Costa (2004), inserida na concepção funcionalista, destaca-se na Linguística contemporânea. Esse autor cita a constituição das línguas por elementos transformados, pelo uso linguístico, em estruturas disponíveis para o usuário, contribuindo para novas inclusões e para a cristalização. Com isso, o que se tem conseguido descrever não corresponde ao número de elementos existentes na atividade linguística. O *continuum* é um dos fundamentos dessa teoria e é identificado como sequência, cadeia, linha, ou *cline*. Svorou (1993, *apud* Costa, 2004) afirma que palavras mais gramaticais vêm de palavras lexicais, sendo que elementos da língua (advérbios, preposições, adjetivos, conjunções etc) resultantes de mudanças diacrônicas afetam outros elementos (nomes, verbos, adjetivos, pronomes etc) nos níveis semântico, sintático, mórfico e/ou fônico, decorrendo na mudança de uma forma atual para outra com o passar do tempo.

Para Taylor (1992, *apud* Costa, 2004), a língua impõe um conjunto de categorias aos usuários. A gramaticalização trata as categorias a partir do conceito de protótipo, em que se destaca a gradualidade como uma propriedade do processo de categorização. O método de Perini (1989, *apud* Costa, 2004) trabalha com um sistema de atribuição de traços que permite ter

consciência de elementos protótipos nas classes de palavras. Define-se, então, um traço gramatical quando esse é essencialmente frequente no discurso, ou crucial na descrição, ou pilar na formulação de regras. Além disso, para Taylor (1992, *apud* Costa, 2004), a prototipicidade se estabelece porque há uma hierarquia entre os traços que o elemento apresenta.

Gleick (1988), Waldrop (1993) e Cilliers (2000), todos citados por Castilho (2010), postulam os seguintes objetos como caracterizadores do campo da ciência dos sistemas complexos: periodicidade, fluxo contínuo e mudança exibidos em um tipo de ordem pelos componentes desses sistemas; comportamento irregular, imprevisível, nesses sistemas não lineares; relacionamentos simultâneos pelos elementos desses sistemas, os quais são adaptáveis e auto-organizados e são construídos descontinuamente.

Com isso, anomalias identificadas pela abordagem clássica não são descartadas, constituindo fenômenos vitais para o entendimento do problema. Propõe-se a necessidade de um novo tratamento para o impreciso, o vago, o aproximativo. Os agentes desses sistemas complexos ganham experiência e reveem constantemente sua atuação. Além disso, a consistência nesses sistemas é menos importante que a competição e nenhum método revela por si mesmo o objeto por inteiro ao tratar-se de fenômenos complexos.

Castilho (2010) cita seis postulados da teoria multissistêmica funcionalista-cognitivista: a língua é pancrônica e é uma competência comunicativa que se fundamenta em um aparato cognitivo; as estruturas linguísticas não são objetos autônomos e são multissistêmicas; e os sistemas linguísticos são ordenados por um dispositivo sociocognitivo.

Martellota (2003) afirma que a teoria da gramaticalização está associada às pesquisas sobre mudança linguística no funcionalismo. No processo de gramaticalização, os elementos tornam-se mais fixos e regulares. A unidirecionalidade apresentada nessas mudanças aponta para fatores cognitivos, socioculturais e comunicativos como norteadores da mudança, o que sustenta a visão pancrônica, em que um conjunto de leis gerais se fundamenta em bases não-estruturais.

Neves (2006) ainda acrescenta que a gramaticalização reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo. Segundo ela, constituem o centro das investigações funcionalistas: as relações entre discurso e gramática, que incorporam a pragmática na gramática, admitindo determinações discursivas na sintaxe; a organização do falante nas restrições construcionais livremente; a distribuição de informação e o relevo informativo; os fluxos de atenção e de informação; a relação entre gramática e cognição, em que se assenta a noção de iconicidade e de prototipia; a motivação icônica (extensão dos elementos de uma representação linguística que refletem a extensão da natureza conceptual) e a competição de motivações, por



forças internas ou externas; a prototipia, admitindo-se o vazio nos limites entre categorias; e a fluidez de categorias.

Para Cunha (2008), o funcionalismo, concepção dinâmica do funcionamento das línguas, trata a gramática como um organismo flexível e adaptável às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Toda gramática apresenta uma necessidade de se refazer. A gramaticalização é um fenômeno que diz respeito a essa necessidade. Com a gramaticalização, o item desenvolve novas funções gramaticais, ainda que gramaticalizado, deixando de fazer referência para assumir essas funções.

Assim, mesmo em meio à ausência de consenso sobre a Gramaticalização, as discussões dos diversos linguistas caracterizam a gramaticalização como processo gerado na necessidade de mudança da gramática. Nesse contexto heterogêneo, a sincronia, a diacronia ou a pancronia podem ser consideradas no percurso da gramaticalização. A próxima seção define a gramaticalização considerando a língua como multissistema.

### 1.3 A língua como multissistema

Para Castilho (1994), ao indagar como as significações das expressões linguísticas se codificam gramaticalmente, a gramática funcional analisa fatos gramaticais na situação de fala que os gerou. Os componentes que constituem essa gramática são: o *discursivo*, o *semântico* e o *sintático*.

A análise dos seguintes componentes discursivos tem sido produtiva: a teoria dos atos de fala em relação com a sentença; o fluxo da informação e a organização tópica do texto; a definitude e a indefinitude no discurso; o fundo e a figura no discurso. Quanto aos componentes semânticos, esses não são estáveis o suficiente para estabelecer relações de determinação ao percorrer o caminho da semântica para a sintaxe. O autor (1993; 1994) propõe o uso dos termos *sentido*, *significado* e *significação* para representar noções criadas nos ambientes lexical, gramatical e interacional, respectivamente. Quanto aos componentes sintáticos, os seguintes fenômenos são considerados: a identificação das classes, incluindo a teoria do protótipo de Givón (1986), segundo a qual membros de uma categoria compartilham todos os traços dessa categoria; a organização funcional da sentença e a articulação tema-rema; a ordem do ponto de vista funcional; a concordância nominal e verbal correlacionada com a morfologia.

Para o Funcionalismo mais radical, as estruturas sintáticas são resultado de um processamento das categorias discursivas e semânticas. A gramática é um processo de gramaticalização (cristalização das formas mais produtivas). A diferenciação no funcionamento

sequencial ou simultâneo dos componentes dessa gramática resulta nas suas atuais tendências. O Funcionalismo radical nega a existência da sintaxe, enquanto o Funcionalismo moderado faz a defesa da confluência de fatores estruturais e discursivos sobre a sintaxe.

Para Castilho (2007), a gramaticalização é tratada como um conjunto de processos pelo qual passa um item lexical e envolve: obtenção de novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; transformação em forma presa; desaparecimento. Têm-se como percepções sobre a língua: as línguas naturais, conjuntos de signos lineares, passam por modificações unidirecionais; as categorias lexicais dão origem às categorias gramaticais, devido ao avanço dos produtos linguísticos do léxico para a gramática. Derivações ligam domínios linguísticos (fonética, sintaxe, semântica e discurso).

Quanto ao percurso do Léxico para a Gramática, considera-se a escala linear: Léxico > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > zero. Ocorre o trânsito de forma menos gramatical para mais gramatical: livre > ligada. Ao tratar do percurso do Discurso para a Gramática, observa-se a escala: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero. Nesse sentido, o trânsito é das estruturas pragmáticas para a sintaxe. O percurso da Semântica para a Gramática tem como temas: mudança de sentido concreto para abstrato, base cognitiva de conceitos mais passíveis à mudança, metáfora e metonímia.

O autor é contrário às ideias de linearidade que complicam a teoria da gramaticalização; afirma que a gramaticalização é um processo de criação linguística, para o qual se necessita de uma teoria dinâmica e multissistêmica. Não seria adequado também hierarquizar a Semântica, o Discurso e a Gramática, o que é feito por vários autores ligados às fases da gramaticalização.

Ao fazer o registro sobre o problema da gramaticalização, ele diferencia a abordagem da Ciência clássica das ciências dos sistemas complexos. A Ciência clássica tem produtos como objeto, ao passo que as ciências dos sistemas complexos apontam processos da origem dos produtos como objeto.

Para a Ciência clássica, os fenômenos encontrados na natureza têm a regularidade oculta, pois são desordenados e confusos. Dados irregulares são descartados por não serem explicáveis. A estatividade é considerada para garantir alguns resultados e conclusões. As pesquisas concentram-se em nichos sintáticos, devido à segregação da realidade de origem. Segundo essa Ciência, há, também, elegância conceptual e simplicidade analítica; relações determinísticas entre as partes dos sistemas lineares, sendo o todo igual a essas partes; ocorrências explicadas em termos matemáticos; predominância da dedução.

Para as Ciências dos sistemas complexos, interessam os seguintes pontos: a ordem dos componentes dos sistemas complexos não tem periodicidade, está em fluxo contínuo, em

mudança; os sistemas são dinâmicos com comportamento irregular, imprevisível; os elementos dos sistemas complexos são adaptáveis, auto-organizados e se relacionam simultaneamente; entendimento do problema com base em fenômenos irregulares; proposição de um novo estudo da posição de categorias do impreciso, do vago, do aproximativo, na frase; a atuação dos agentes dos sistemas complexos é constantemente revista, pois os sistemas nunca atingem um estado de equilíbrio; a consistência é utopia, e a competição nos sistemas é mais importante; no tratamento de fenômenos complexos, o objeto por inteiro não é revelado por nenhum método exclusivamente.

Castilho (2010) cita Humboldt, (1936/1990) como definidor de língua como entidade dinâmica que não a constitui como obra, mas como uma atividade. Os fenômenos dinâmicos de Humboldt não foram comportados suficientemente pelos modelos determinísticos das ciências clássicas, o que resultou em uma nova abordagem científica: ciência dos sistemas complexos.

Segundo Castilho (2007), a questão da produção e do produto sempre esteve nas ideias dos linguistas. Duas premissas condicionam a postulação da língua como um sistema dinâmico e complexo: um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional, é a definição das línguas, do ângulo de sua produção, sendo que esses processos operam simultaneamente, dinamicamente e multilinearmente, articulados e concentrados em quatro domínios (lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização); um conjunto de categorias igualmente organizadas em um multissistema é a definição das línguas, do ângulo dos produtos, sendo que os quatro subsistemas (Léxico, Discurso, Semântica e Gramática) são autônomos.

Os princípios sociocognitivos de articulação de processos e seus produtos são considerados “Sociais”, porque têm base em uma análise continuada das situações de ato de fala, e são considerados “Cognitivos”, porque têm base em categorias mentais. No princípio da ativação (projeção pragmática), palavras, sintagmas e sentenças antecipam a atuação verbal do interlocutor. No princípio da reativação (correção), há a busca da eliminação de erros de planejamento. A autocorreção abrange as próprias intervenções e a heterocorreção abrange a intervenção do interlocutor. No princípio da desativação (elipse), há movimentos de abandono ou desativação de uma estratégia em curso, que resultam na reativação de outra.

O autor registra uma agenda para uma Linguística multissistêmica. Destaca que sistema linguístico é um conjunto de subsistemas e que a análise pode começar em qualquer um deles, desenvolvendo indagações em: lexicalização e léxico; semantização e semântica; discursivização e texto; e gramaticalização e gramática.

O léxico é o conjunto de itens que resultam da Lexicalização, a qual é o processo de criação de itens lexicais a partir de um conjunto de categorias (objeto, espaço, tempo, visão, movimento e, entre outras, evento) e de subcategorias (traços inerentes) cognitivas prévias à enunciação e misteriosamente reunidas nesses itens. Os itens lexicais são formados por: etimologia – lexicalização ocorrida já na língua-fonte; neologia – lexicalização ocorrida na língua-alvo; derivação – lexicalização ocorrida na língua-alvo, por meio de desdobramentos de itens pré-existentes; empréstimo – lexicalização por contato linguístico. Os itens integram classes de palavra (categorias lexicais) e cada item representa a lexicalização de uma determinada matriz de traços. Quanto à relexicalização, Castilho (2007) define como o movimento mental por meio do qual rearranjamos as propriedades lexicais e as palavras que representam, renovando o Léxico. Ao tratar da *deslexicalização*, esse autor define como a morte das palavras, por processo de substituição.

A *semantização* é o processo de criação, de alteração e de categorização dos sentidos, em que diversas estratégias cognitivas intervêm. Três tipos de semantização são compreendidos por esse processo: a *léxica*, a *composicional* e a *pragmática*. Castilho (2007) define a *ressementização* como a alteração na adequação à representação dos objetos e dos eventos: passagem de expressão de espaço à expressão de tempo. A *dessemantização*, segundo o autor, está por trás das alterações de sentido provocadas pela metáfora, pela metonímia, pela especialização e pela generalização, por meio das quais “silenciamos” o sentido anterior e simultaneamente ativamos novos sentidos.

A *discursivização* é definida como o processo de criação do texto. O produto desse processo é o texto e sua ordenação em gêneros discursivos. Além disso, Castilho (2007) afirma que a discursivização produz a hierarquização dos tópicos, a construção das unidades discursivas e sua conexão. A rediscursivização abre caminho à repetição dos enunciados, à sua correção e ao seu parafraseamento, os quais asseguram a coesão do texto, alterando seu eixo argumentativo, entre outras estratégias. A desdiscursivização tem como resultado o abandono da hierarquia tópica: estratégias como os parênteses e as digressões.

Quanto à *gramaticalização*, o autor explica que a ativação das propriedades gramaticais é responsável pela construção dos sintagmas e das sentenças, pela ordenação dos constituintes, pela concordância, pela organização da estrutura argumental, etc. A gramaticalização da qual a Gramática resulta como subsistema é o processo que envolve a fonologização, a morfologização e a sintatização. As alterações afetam: estrutura fonológica (fonologização); estrutura da palavra, seu radical e seus afixos (morfologização); estrutura da sentença, sua reanálise e seus arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização). Os subsistemas da Gramática são: a Fonologia; a

Morfologia; e a Sintaxe. As estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas constituem o produto da gramaticalização, segundo Castilho (2004). A regramaticalização é produzida pela reativação das propriedades gramaticais e a desgramaticalização é a desativação das propriedades gramaticais, responsável pela categoria vazia: na Fonologia (erosão fonética, omissão do núcleo silábico, etc.), na Morfologia (morfema flexional zero) e na Sintaxe (elipse de constituintes sentenciais, ou categoria vazia), conforme Castilho (2007).

Desse modo, percebe-se o princípio da ativação, o princípio da reativação e o princípio da desativação citados em Castilho (2004) na teoria acima. Todos esses princípios agem nos sistemas do léxico, da semântica, do discurso e da gramática.

Assim, todos esses detalhes do panorama formado por Castilho (2007) encaminham-nos para concluir que a língua é multissistêmica, que é preciso buscar alternativas quanto ao modo de fazer ciência dos “gramaticalizadores” e que é necessário um caráter transdisciplinar na pesquisa sobre a mudança linguística. Essa mudança deve principiar no sociocognitivismo e deve identificar eventuais correlatos entre subsistemas. Na seção seguinte, traz-se a teoria da articulação de orações, para uma compreensão de que forma a gramaticalização pode contribuir para esclarecimento da correlação.

#### **1.4 Articulação de orações**

Inúmeras são as pesquisas funcionalistas sobre processos de constituição do enunciado que questionam a visão tradicional que se resume em coordenação e subordinação de enunciados. Givón (1990, *apud* Neves, 2001), por exemplo, nega a existência de uma simples fronteira rígida entre coordenação e subordinação. Lehmann (1988, *apud* Neves, 2001) afirma que orações articuladas se colocam em um *continuum* que representa uma hierarquia entre a coordenação e o encaixamento, havendo as tradicionalmente chamadas orações adverbiais, ponto intermediário desse *continuum*, entre os dois pólos.

O percurso proposto por Hopper e Traugott (1993, *apud* Neves, 2001) vai da subordinação, dependência e encaixamento, à parataxe, oposto da subordinação, passando pela hipotaxe, dependência sem encaixamento. Segundo eles (1993, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007b), o processo de articulação de orações está no domínio da gramaticalização, pois ela compreende as motivações e o desenvolvimento de estruturas gramaticais gerais. Esses autores, juntamente com Halliday (1985, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007b) e com Matthiessen e Thompson (1988, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007b), propõem a seguinte separação de um complexo oracional: *parataxe*, formada por orações coordenadas e justapostas; *hipotaxe*, formada por orações adverbiais e pelas

orações subordinadas adjetivas explicativas; e *subordinação*, formada por subordinadas substantivas e por subordinadas adjetivas restritivas. Hopper e Traugott (1993, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007b) explicam essa distinção por diferentes graus de integração sintática, os quais podem revelar um percurso unidirecional de gramaticalização dessas orações.

Para os autores (1993, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007b), há a proposição de um *continuum* pela combinação de traços de dependência e de encaixamento. A parataxe apresenta menos dependência e menos encaixamento, diferentemente da hipotaxe, que apresenta mais dependência e menos encaixamento, e, também, da subordinação, que apresenta mais dependência e mais encaixamento. Considerando-se a dependência, a integração e o tipo de ligação, a hipotaxe caracteriza-se pela interdependência, a parataxe, pela independência e a subordinação, pela dependência.

Para concluir, eles (1993, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007b) consideram a trajetória da parataxe para a hipotaxe e desta para a subordinação, verificando-se que o padrão oracional da direita é mais gramaticalizado do que o da esquerda e que a mudança de um tipo de oração complexa para outro ocorre da esquerda para a direita, remetendo ao princípio da unidirecionalidade. Nessa trajetória de gramaticalização, admitem-se graus diferentes de gramaticalização.

O processo de gramaticalização, todavia, pode dar-se de uma oração complexa para uma oração simples. Lehmann (1988, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) afirma que esse processo ocorre pela gramaticalização do verbo da oração principal e pela dessentencialização da oração subordinada. Segundo Lehmann (1988, *apud* Gorski, 2001), a dessentencialização ocorre com o verbo que se torna não finito e com o sujeito da subordinada que se perde ou se torna oblíquo.

Lehmann (1988, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) considera níveis de maior ou de menor vinculação sintática entre orações no estabelecimento de uma tipologização das sentenças complexas para os processos de articulação de orações a partir de *continua*. Para tanto, seis parâmetros semântico-sintáticos são postulados por esse autor: rebaixamento hierárquico da oração subordinada e nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula, podendo demonstrar autonomia ou integração da oração subordinada na principal; dessentencialização da subordinada e gramaticalização do verbo principal, podendo constituir indícios de expansão ou redução da oração subordinada ou da principal; entrelaçamento das duas orações e explicitude da articulação, podendo indicar isolamento ou articulação das orações.

Esses parâmetros que podem ocorrer de modo combinado são analisados a partir de um *continuum* estendido em um pólo de máxima elaboração e em outro de máxima compressão de informação lexical e gramatical. Em cada extremo desses *continua* há sentenças paratáticas

(sentenças sintaticamente iguais e interligadas por um conectivo) ou encaixadas (sentenças que se combinam possuindo um dos predicados reduzidos, com encaixamento na oração principal em um constituinte de nível sintático baixo e nominalização), havendo tipos intermediários entre esses pólos, como as correlatas, as adverbiais fortemente nominalizadas, entre outras.

Para Dik (1997a), qualquer texto de linguagem natural pode ser dividido exaustivamente em orações e em constituintes extraoracionais. O autor explica orações como oração principal e subordinada, conforme a gramática tradicional as nomeia. Os constituintes extraoracionais não são nem orações e nem partes delas.

Assim, diante dos diferentes modos de concepção de articulação de orações, deve-se investigar mais profundamente a caracterização da correlação. A maioria dos autores menciona a subordinação e a coordenação como únicas formas de articulação de orações. No entanto, essas formas de articulação não são as únicas formas, como se tem tradicionalmente. Faz-se necessário abordar na próxima seção as definições encontradas sobre correlação.

### 1.5 A correlação

Para definir a correlação, destaca-se o que vários autores consideram por coordenação, por subordinação e por justaposição. Faz-se diferenciação do que esses autores têm por correlação e pelas outras estruturas reconhecidas por essas.

Para Oiticica (1952), a correlação deve ser separada da subordinação, embora seja confundida com ela. A correlação tem valor analítico, características e modalidades próprias. Esse autor reconhece quatro estruturas para o período composto: coordenação, subordinação, correlação e justaposição.

A coordenação pode ser definida como composição do período por orações autônomas, de declaratividade total, mas presas umas as outras por conjunções aspectuais, que não intervêm nessa declaratividade e que marcam relações de adição (“*E rola, e tomba, e se espedaça, e morre!*”) e de oposição, entre outras. Podem ser ainda definidas como separáveis, sendo ligadas por conjunção explícita ou não.

A subordinação compõe o período por orações com declaração parcial de umas dependentes totalmente ou parcialmente de outras, sendo presas a ela por um único conectivo ou sendo reduzidas com a ausência de conectivo. A conjunção subordinativa, a preposição, o adjetivo ou o pronome relativo formam o que o autor define como conectivo. A subordinação pode apresentar circunstâncias limitadoras formando orações adverbiais, pode apresentar conjunção integrante formando orações substantivas (“Eu desconfiei de ter êle vindo sábado”) e

pode apresentar adjetivo relativo ou pronome relativo formando orações adjetivas (“Estive com a senhora cuja casa eu comprei.”).

O autor não apresenta comentários sobre justaposição, apenas afirma que elas podem ser apostas ou intercaladas, e parte para a definição de correlação. Nas correlatas aditivas, há pensamentos conexos e se pode estabelecer a expressão de encarecimento. Há correlatas comparativas de igualdade relativas à qualidade e à intensidade (*Tanta bondade tinha ela, quanta ruindade mostravam os parentes*), há correlação quantitativa intensificada ou correlata quantitativa progressiva (*Tanto mais se ouviam os tiros, tanto mais se alvoroçava o povo*), correlata antitética (*Tanto mais lavrava o incêndio, tanto menos cresciam os recursos para dominá-lo*), correlata comparativa de igualdade (*Tão bela foi a mãe, quanto o é a filha.*), modal (*Assim ditava o mestre, assim escrevia o discípulo*) e correlata comparativa de superioridade (*A igreja é maior que a escola*) e de inferioridade, com uso de *menor* e de *pior*, por exemplo. Assim, as correlatas podem: estabelecer identidade, com uso de elementos identificativos (*tal, tais*); formar estrutura por modelo, com o que ou com quem se compara algo ou alguém, e por modelado, o que ou quem é comparado; e formar estrutura com preferência, conforme o período em que se aplica (*O filho é tal, qual o pai./ Qual foi o pai, tal é o filho*).

Quanto à correlata consecutiva, esse tipo de oração exprime uma consequência, que resulta de um fato enunciado enfaticamente e se prende sempre à oração causativa por um termo intensivo explícito ou implícito (advérbio, adjetivo ou denotativo), sendo a conjunção correlativa *que* o segundo termo correlativo. Com isso, o autor afirma que não há característica de subordinação ou de natureza adverbial, pois não há prisão ao verbo, senão à ênfase, em que o elemento enfático pode aderir-se ao verbo, ao adjetivo, ao substantivo ou ao advérbio.

Existem correlatas reduzidas de infinitivo e há correlatas que, por braquiologia, encurtamento por latência de algum elemento (*O filho é qual o pai.*), só podem ser analisadas quando se recupera o primeiro termo correlativo. Na consecução, esse primeiro termo pode ser *tal* que é classificado como adjetivo qualificativo intensivado implícito. Para o autor é impossível a classificação feita por gramáticos, em que há locução conjuntiva como *de modo que*, *de maneira que* e *de forma que*, pois começam com a preposição *de*, o que demonstra o desconhecimento desses sobre a autonomia das correlatas. Desse modo, não há a existência das conjunções modais.

Além disso, há período composto por correlação que não apresenta a conjunção *que*, pois pode ocorrer inversão de posições, em que a correlata consecutiva aparece em primeiro lugar. Esse tipo de inversão, feita por ênfase, não descaracteriza a correlação.



Para Pauliukonis (2001), a posição de Oiticica para com a correlação não foi considerada relevante pela Nomenclatura oficial da época, porque a gramática guiava os estudos de sintaxe pelo relacionamento formal dos termos no plano da frase. Atualmente, essa proposta deve ser reavaliada ao considerar a estrutura como um eficiente recurso pragmático-argumentativo da interação linguística, sob o enfoque de uma teoria argumentativa do texto, ou de uma Semântica do discurso. Pauliukonis (2001) define a correlação como operação mental, sendo que, pelo uso de dois elementos interdependentes, o emissor é responsável pela abstração de argumentos capazes de captar a adesão do ouvinte para uma conclusão esperada. Desse modo, ao estruturar cláusulas, a correlação ocorre em um nível diferente da coordenação e da subordinação.

Melo (1959) esclarece que a coordenação corresponde ao paralelismo de funções, e a conjunção coordenativa é o conectivo que exprime igualdade de valores sintáticos idênticos; a subordinação constitui-se da relação de dependência entre as funções sintáticas. A correlação é definida como um processo mais complexo do que a coordenação e a subordinação, em que há interdependência havendo a intensificação de um dos membros da frase inteira. O autor (1970) ainda acrescenta que a correlação constitui um terceiro processo sintático, em que a expressão da consequência do que é colocado no primeiro termo se dá pelo segundo termo da oração. Além disso, considera *tão*, *tal* ou *tanto* seguidos de *que* como estruturas mais comuns em correlação consecutiva; a conjunção *que* pode equivaler a *de tal modo que*.

Para Camara Jr. (2009), a correlação, construção sintática em que a enunciação de uma de suas partes prepara a enunciação da outra, estabelece-se por coordenação ou por subordinação, conforme o conectivo utilizado e a noção de sequência decorrente. Para esse autor, a coordenação (parataxe) é a construção em que os termos não ficam conjugados em um sintagma ao se apresentarem em uma sequência; pode dar-se por meio de conjunção ou de pausa, constituindo orações independentes. A subordinação (hipotaxe) opõe-se à coordenação, pois há o estabelecimento de uma relação de determinado a determinante, em que se cria o sintagma. O autor (1975) ainda afirma que as estruturas devem ser fixadas a partir de sistemas binários, sendo a oração subordinada integradora da oração principal e não admitindo um terceiro tipo de ligação intersentencial e uma nova nomenclatura.

Perini (1989) é da opinião de que as orações coordenadas não têm função dentro de outra oração e que estudos mais completos são necessários, mas as correlatas são caracterizadas como as coordenadas, ou seja, não são constituintes imediatos da oração maior e nem são constituintes de nível suboracional, além de possuírem conexão com os sintagmas complexos a que se subordinam, podendo ser coordenadas entre si, repetindo o conectivo. Como particularidade apresentada tem-se as correlatas sem separação por ponto final, o que pode ocorrer com as

coordenadas. Com isso, o autor conclui que se pode analisar a correlata como coordenada ou como um caso especial dela.

Esse autor afirma também que ou a correlação não é mencionada, ou tem papel marginal em gramáticas mais recentes que seguem a NGB. Para ele, o critério de Rocha Lima (1964) não distingue correlação de subordinação ao determinar a existência da independência para a coordenação, da subdependência para a subordinação e da paradedpendência para a correlação. Além disso, coloca a posição de Camara Jr. (1977) para com a correlação como um processo superposto à subordinação e à coordenação.

Para Neves (2000), as construções consecutivas são de dois tipos principais: com antecedente, formada de uma primeira oração com intensificação do estado de coisas, predicação, como um todo, e com intensificação ou quantificação de um dos elementos (substantivo, adjetivo, advérbio) e formada de uma segunda oração com expressão de uma consequência ao estado de coisas, ou do elemento intensificado ou quantificado na primeira oração; sem antecedente, orações iniciadas por locuções conjuntivas subordinativas consecutivas, mais especificamente exprimindo um resultado; as consecutivas do tipo não-correlativo podem apresentar uma construção independente. Essa autora afirma, também, que, nas construções consecutivas com antecedente, a oração consecutiva pode ser introduzida pela conjunção *que* com o verbo no modo finito, ou pelas preposições *para* ou *de*, ou por locução, com o verbo no infinitivo. A autora considera a correlação um tipo diferente de construção que pode apresentar valor semântico coordenativo ou subordinativo.

Além disso, a autora cita o intensificador ou quantificador usado na construção consecutiva como dependente do modo de introdução da oração consecutiva: quando é introduzido por *que* com o verbo no modo finito, são usados advérbios, locuções adverbiais de modo, locuções, advérbios de limite e pronomes. Com esse tipo de introdução pela conjunção *que*, ela menciona os adjetivos, os advérbios, os substantivos e os verbos como elementos que aparecem intensificados ou quantificados. Com isso, a autora conclui que as orações consecutivas mais comuns, que são as iniciadas pela conjunção *que*, têm como antecedentes os seguintes tipos de sintagmas: *tão, de tal modo/maneira* (incidindo sobre o adjetivo); *tanto, de tal modo/maneira, a tal ponto* (incidindo sobre verbo); *tal, tanto, tamanho* (incidindo sobre substantivo); e *tão* (incidindo sobre advérbio). Outra questão observada por ela é a possibilidade de haver dois ou mais antecedentes coordenados (termos, sintagmas ou orações), com apenas uma consecutiva.

Neves (2006) afirma que a base funcionalista questiona a divisão rígida da base tradicional, em que a coordenação implica independência, enquanto a subordinação implica

dependência. A base funcionalista aborda o nível predicacional, proposicional e ilocucional, sob ângulo textual/informacional e interacional, incorporando componente sintático, semântico e pragmático para a análise dos enunciados. Halliday (1985) tem seu trabalho citado pela autora por tratar de blocos enunciativos complexos, os quais são contrários à dicotomia tradicional entre a coordenação e a subordinação e que se constituem por um sistema tático e por um sistema lógico-semântico. O sistema tático aborda a interdependência entre os elementos, abrangendo a parataxe, que relaciona elementos de mesmo estatuto, e a hipotaxe, que relaciona elementos de diferente estatuto. O sistema lógico-semântico se dá pela relação entre os processos com a expansão ou a projeção, cumprindo diverso papel semântico-funcional.

Matthiessen e Thompson (1988, *apud* Neves, 2006) consideram também a avaliação do grau de interdependência das orações de um enunciado complexo. Os autores afirmam que relações retóricas como as de causa, a de condição, entre outras, podem gramaticalizar-se na combinação de orações por listagem ou por relação núcleo-satélite, sendo que essas relações correspondem, respectivamente, à parataxe e à hipotaxe citadas por Halliday (1985).

Neves (2006) contrasta a posição de Matthiessen e Thompson (1988) que são contrários à proposição de um *continuum*, porque consideram isso um desvio do foco da categorização das orações para a determinação de um lugar nesse *continuum* para as orações, com posições favoráveis como a de Hopper e Traugott (1993), com a de Lehmann (1988) e a de Givón (1990). Hopper e Traugott (1993) propõem o percurso da subordinação para a parataxe passando pela hipotaxe. Para Lehmann (1988, *apud* Neves, 2006), as orações vão de um grau máximo para um grau mínimo de autonomia sentencial ou do máximo para o mínimo, sendo o processo de gramaticalização mais avançado quanto mais integradas às orações de um enunciado. Givón (1990, *apud* Neves, 2006), também, propõe diversos pontos sobre o assunto, como a afirmação de que nenhuma oração é totalmente independente de seu contexto imediato e de que existe iconicidade (propriedade representativa do mundo real) entre a integração das orações e dos eventos. Além disso, noções retóricas de temporalidade, condicionalidade, concessão, entre outras, podem ser estabelecidas entre uma oração e seu contexto imediato, quanto ao ponto de vista semântico, sendo as noções de junção, de disjunção, de paráfrase, de tautologia (repetição de forma ou de significado) e de contradição estabelecidas do ponto de vista lógico. Esse autor considera as orações adverbiais antepostas ou intercaladas como prestadoras de reorientação temática, do que podem resultar rupturas temáticas no discurso.

Thompson e Longacre (1985, *apud* Neves, 2006), que consideram as orações adverbiais operadoras de coesão discursiva pela atuação pelo tópico, tratam as orações tipicamente chamadas de tradicionais como relevantes para a organização discursiva e atuam na coesão dos

parágrafos, que são feixes superiores, pois as frases são vistas como feixes. Estudos como o de Lehmann (1988) consideram que quanto mais baixo for o nível estrutural de segmento nuclear, maior será a integração sintática e trabalham nessa linha dos autores citados, em que contrastam os parâmetros de integração entre um segmento nuclear e um satélite. Além disso, Neves (2006) cita a pesquisa de Givón (1979) como indicadora da função de marcar fundo como orações do tipo adverbial e cita a pesquisa de Chafe (1984) como definidora da função de guia para esse tipo de oração.

Para Koch e Vilela (2001), diversas conexões entre estados de coisas (eventos/situações) podem ser expressas pelo princípio sintático da coordenação. Semanticamente, têm-se os seguintes significados gramaticais das conjunções para as frases coordenadas em relação: aditivo, copulativo, seriador; copulativo-negativo; alternativo, disjuntivo e adversativo/opositivo; restritivo; explicativo, parcializador, articulador; causal; conclusivo; concessivo. Para com as subordinadas, esses autores realçam que a subordinação tradicionalmente se dá por relações sintáticas de dependência e que frases subordinadas são frases dependentes, sendo subordinante a frase dominante, a qual é superior às subordinadas. Classifica-se a subordinada, respectivamente, em frase conjuncional, frase relativa e frase interrogativa indireta, conforme a palavra introdutora: conjunção; pronome ou advérbio relativo; e pronome ou advérbio interrogativo.

Módolo (2004) define correlação como uma categoria intermediária, possuindo traços da coordenação e da subordinação. Como meios de distinguir as correlatas de outras orações, Módolo (2004) apresenta características discursivas, gramaticais e semânticas, bem como a existência de uma conjunção em cada sentença correlativa, o que não ocorre com a coordenação e com a subordinação. Como característica discursiva da correlação, o autor afirma que as estruturas correlativas interligam atos de fala dialéticos, apresentando dois eixos argumentativos. Este autor cita Braga (2001) e Foley e Van Valin Jr. (1984) para a distinção quanto às propriedades gramaticais: a correlação ou co-subordinação apresenta menos encaixamento e mais dependência; a coordenação apresenta menos encaixamento e menos dependência; e a subordinação apresenta mais encaixamento e mais dependência. As propriedades semânticas são descritas pelas categorias de inclusão, de focalização, de quantificação e de intensidade que formam as correlatas não-espelhadas. Todos os *corpora* desse trabalho constituem exemplo de correlatas não-espelhadas, pois são formadas de pares não-espelhados, ou seja, diferentes entre si, como *tanto...que*, *tanta...que*. Nesse trabalho não há exemplos de correlatas espelhadas, pois são formadas de pares iguais como *tanto...tanto*, *assim...assim*, *seja...seja*.

Segundo Módolo (2008), as sentenças correlativas demonstram uma relação de interdependência ao correlacionar-se com expressões conectivas. O papel da correlação

conjuncional é encontrado, principalmente, em textos apologéticos e enfáticos, destacando-se pela subjetividade apresentada. Para esse autor, a construção mais prototípica é *tanto que*. Esse autor destaca também a ocorrência de adjacência dos dois elementos da locução nas ocorrências da correlata consecutiva. Módolo (s/d) afirma que *tanto* é advérbio intensificador que constitui o primeiro termo da correlação, não havendo como prender a segunda oração à primeira sem esse intensificador.

Barreto (s/d), em *Gramaticalização das conjunções na história do português*, confronta textos de língua falada do português contemporâneo do Brasil e de Portugal, ao analisar 136 itens conjuncionais em textos do Pe. Antônio Vieira, do século XIII, XIV, XV, XVI e XVII. Desse modo, aponta os itens conjuncionais empregados e analisa o processo de gramaticalização desses itens nesses textos.

Nos textos do português arcaico, encontra-se a correlação *quanto...tanto* e as seguintes variantes: *quanto...mais...tanto mais*, *quanto...mais...tanto...mais*, *quanto...mais...tanto meos*, *tan...mais pouco...quanto moor*, *quanto mais...tanto mais pouco*, *quanto...mais...tanto...meor*, *quanto...tanto mais*. As correlações perdem a possibilidade de inversão dos seus termos como em *quanto...tanto mais* ou *tanto mais...quanto mais*, no século XVII, e passam a ter formas fixas, constituindo-se de duas partes: advérbio *quanto* associado aos advérbios *mais* ou *menos* e advérbio *tanto* associado aos advérbios *mais* ou *menos* também.

As correlações comparativas de igualdade (*tanto...como*, *tanto como*, *tam...com*, *tão como*) apresentam no século XVII, as variantes *tão...quanto* e *tão...quão*. Há, também, a variante *tão...qual* que no português contemporâneo é somente empregada na forma *tanto...como*. Para Rosário (s/d) correlação vista como um terceiro processo de estruturação sintática é um argumento adequado. Além disso, realça que a investigação da correlação é relevante para os estudos vernáculos, mas a maioria dos gramáticos não reconhece essa importância, provavelmente, por influência da tradição normativista provavelmente.

Para Rodrigues (2009), elementos formais estabelecem a conexão da correlação que é considerada uma categoria. Esses elementos formam um par correlativo com cada um de seus componentes em orações diferentes. Para Carone (2008), a correlação é variante formal dos processos de coordenação e de subordinação. Essa variante ocorre por conjunções, com forma geralmente cristalizada, principiando a ruptura do equilíbrio estabelecido entre os dois segmentos. Luft (2008) também ressalta a questão da independência para com a coordenação e da dependência para a subordinação, e a correlação é considerada um tipo especial de coordenação que se estabelece dentro da coordenação e da subordinação.

Santos (2009) verificou a unanimidade de autores tradicionais em afirmar a caracterização das cláusulas consecutivas pelo processo de subordinação, independentemente de sua forma. Com isso, esses autores não exploram as diferenças sintático-discursivas de uma cláusula em que a primeira se estrutura de forma interdependente e é enfática, diferentemente do que ocorre com a segunda cláusula. É possível, segundo essa autora, dividir as consecutivas em um *continuum* de estágios de gramaticalização com base no que Decat (2001), Hopper e Traugott (1993) e Lehmann (1988) expõem sobre gramaticalização de cláusulas. A autora conclui que suas pesquisas apontam para a relação de consequência em estruturas justapostas, coordenadas, subordinadas finitas e não-finitas e, também, nas correlatas. Apresenta também mais de uma noção em um mesmo conector no uso concreto da língua, apresentando limites difusos para esse conector. Sua pesquisa enquadra as correlatas em estruturas de encaixamento, interessa à produção textual por veicular a noção consecutiva, mostra que diferentes estruturas servem e se desdobram às necessidades comunicativas e evidencia o não enquadramento dos rótulos tradicionais à realidade da língua em uso.

Givón (2001) destaca que, tradicionalmente, seja funcional ou sintaticamente, a coordenação e a subordinação são vistas pelo traço da independência e da dependência, respectivamente. No entanto, essa classificação não é suficiente, pois é necessário descrever essas formações por meio da pragmática e do discurso.

Para Decat (2001), comumente, as gramáticas do português classificam a cláusula adverbial pela conjunção que as inicia. Para Góis (1955, *apud* Decat, 2001), hipotaxe é um tipo de articulação de cláusulas que reflete a organização do discurso, incluindo a cláusula hipotática, que é um tipo de organização. É necessário averiguar o tipo de funções discursivas a que uma cláusula adverbial serve ao articular-se a uma porção do discurso.

Para Castilho (2002), quando cada sentença constitui um ato de fala, têm-se estruturas independentes ou coordenadas. Quando sentenças formam um único ato de fala, ocorrem estruturas dependentes ou subordinadas. Quando ocorre uma relação de interdependência entre as sentenças, há formação de estruturas interdependentes ou correlatas. As sentenças complexas são constituídas por esses três tipos de relação intersentencial.

O autor menciona que a maioria dos autores descarta a correlação e classifica as sentenças como estruturadas: por justaposição (uma sentença se opõe à outra, sem nexos conjuncionais); por coordenação (coordenação de sentenças por nexos conjuncionais); por encaixamento (uma sentença se encaixa em um constituinte da outra); sem encaixamento (sentença em relação de adjunção com a outra); com a primeira forma figurando uma expressão

correlacionada com outra expressão (verbalizam dois atos de fala com relacionamento recíproco).

Como tipos de coordenação são considerados: conjuntiva ou aditiva; disjuntiva ou alternativa; e contrajuntiva ou adversativa. A subordinação divide-se em substantivas, adjetivas e adverbiais (causais, condicionais, temporais, finais, concessivas, comparativas, consecutivas, conformativas e proporcionais). Castilho (2002) comenta que é interminável a relação das adverbiais, se relacionadas com advérbios. Quanto às correlatas, o autor comenta que não é adequado diluir as aditivas e as alternativas entre as coordenadas, bem como não é correto fazer o mesmo entre as consecutivas e as comparativas entre as subordinadas. Para o autor, é preciso admitir a existência de categorias intermediárias.

Castilho (2010) cita a existência de: coordenação aditiva e adversativa; subordinação adverbial causal, condicional, final, concessiva e temporal; correlação aditiva, alternativa, comparativa e consecutiva. Diferencia a adição na coordenação da adição na correlação, por esta se realizar na correlação por: única partícula na segunda parte (*não somente...como, não só...senão* etc); duas partículas na segunda parte (*não só...mas até, não somente...mas também* etc); cruzamento sintático de três partículas na segunda parte (*não só...senão que também, não somente...senão que também*, por exemplo); termo intensificador interferindo no primeiro elemento (*não tão somente...mas, não tão somente...mais ainda*).

Entre os autores que se voltam a fases recuadas da língua portuguesa, citamos Mattos e Silva (1989), que faz uma divisão entre subordinação e coordenação. Segundo ela, a subordinação é caracterizada pela presença de conectivo subordinante e com verbo em forma finita ou com enunciado com verbo em forma nominal que pode ser precedido de preposição ou de conjunção, constituindo as subordinadas tradicionalmente chamadas de reduzidas. Na coordenação, ao contrário da subordinação, somam-se comunicados expressos por cada constituinte coordenado. No entanto, a autora afirma não pretender entrar na discussão teórica sobre os conceitos de subordinação e de coordenação, destacando a importância de se saber que se encontram, diante de *corpus* trecentista, relacionantes que desapareceram contemporaneamente, bem como se encontram relacionantes que antes não tinham esse comportamento.

A autora esclarece, ainda, que os quantificadores atualizam o nome e acrescentam alguma informação ao que é designado no processo de comunicação. Em relação ao nosso objeto de pesquisa, o conectivo correlativo *tanto que*, a autora identificou a maioria dos usos de *tanto* como quantificador do tipo I, ou seja, que atualiza o nome substantivo, e algumas ocorrências de

*tanto que* que quantificam o processo verbal; encontrou, também, o *que* consecutivo considerado subordinante correlacionado aos quantificadores *tan*, *tanto*, *tal* e *tamanho*.

Rosário (2009, *apud* Rodrigues; Rosário, 2010) constata a ocorrência de 184 construções aditivas em um *corpus* composto por 20 anúncios e 7 editoriais do século XX. Verifica que os anúncios não apresentam ocorrências de correlatas, enquanto que o gênero editorial proporciona o uso dessas construções. Além disso, define as construções correlatas como marcadas (mais complexa estruturalmente, menos freqüente e mais complexa quanto à atenção, ao esforço e ao tempo de processamento) em relação às coordenadas.

Assim, gramáticos tradicionais não consideram a existência da correlação. Contudo, não se pode negar a presença e a contribuição da correlação nas pesquisas já realizadas, apontando diferenças, quando comparadas à subordinação e à coordenação. Finaliza-se o capítulo teórico com definição de conjunção, para abordar a descrição do item *tanto que* (e variantes) nesta tese.

## 1.6 Definição de conjunção

A definição de conjunção está intimamente ligada ou não à afirmação da correlação. Com isso, nessa seção, se faz a verificação dos posicionamentos de linguistas e de gramáticos sobre o assunto.

Para Oiticica (1955), a conjunção indica relação entre pensamentos por: coordenação, em que os sentidos das frases são completos e independentes; por subordinação, em que uma ou mais frases completam o sentido de outra; correlação, em que há paralelismo nos sentidos, dependendo um do outro, sem que haja frase principal, ou subordinação, e sem conjunção, a não ser *que*. Melo (1970) afirma que diversas locuções conjuntivas são formadas pela combinação de *que* com outros elementos e que na década de setenta, em que fez essa afirmação, certos valores, comuns na língua clássica, vão rareando-se. *Tanto que* com significação de *logo que* (temporal) é um desses valores indicados.

Said Ali (1971) discute a função de ligar orações, que, geralmente, recai sobre as conjunções. Segundo esse autor, a conjunção influencia uma oração em conjunto, assinalando a relação lógica em que a sequente está com a inicial. O autor realça também que a locução conjuncional pode adquirir valor diferente de advérbio.

Para Camacho (1999), é necessário buscar maior clareza e precisão no tratamento das conjunções, por meio da descrição do funcionamento de unidades conectadas por atuação de juntivos e pela descrição da relação semântica de conjunção. Com isso, cita a possibilidade minimalista e a maximalista para a decisão da quantidade de valores semânticos a serem



atribuídos a um conectivo, segundo o que afirmaram Posner (1980) e Schiffrin (1986). Os minimalistas identificam as conjunções da língua natural com os conectivos lógicos, enquanto os maximalistas destacam os valores semânticos específicos dos conectivos que contribuem para a interpretação pragmática das construções coordenadas.

A conjunção subordinativa introduz ou pode introduzir a oração que ocupa ou pode ocupar a primeira ou a segunda posição em um período composto por duas orações. As consecutivas e as comparativas são as únicas conjunções subordinativas que demonstram resistência à inversão, sendo incluídas entre as coordenadas. Macambira (1997) cita Carreter (1919), Oiticica (1964) e Lima (1950) como autores que vão além dessa posição, classificando as consecutivas e comparativas na categoria das correlatas.

Para Azeredo (2007), que apenas fornece exemplos de pares correlativos em frases, a correlação faz parte da coordenação. Esse autor afirma, também, que conceitos sobre coordenação e subordinação não são sempre claros e inconfundíveis.

Segundo Camara Jr. (2009), as conjunções são conectivos e, entre classificações feitas por gramáticos como coordenativas ou subordinativas, o autor aponta a existência de um uso subordinativo em uma correlação subordinativa consecutiva ou de consequência com predominância da partícula *que*. Para Módolo (2004), a formação das conjunções correlativas (uma consequência do processo sintático de redobramento, em que a conjunção se desdobra em duas expressões, apontando para a outra simultaneamente) é explicada pelo processo de gramaticalização.

Góis (1955, *apud* Decat, 2001) aponta a possibilidade de as conjunções possuírem mais de uma classificação, o que estaria em desacordo com as gramáticas tradicionais que apresentam listas de conjunção classificadas sob um título apenas. O conectivo antecipa o tipo de inferência que surge, conforme a proposição relacional.

Castilho (2002) admite que as palavras estão continuamente sujeitas ao processo de gramaticalização, sendo que os itens do léxico se dividem em palavras principais, palavras acessórias e palavras gramaticais nesse processo. Os advérbios estão entre as palavras acessórias e provêm da gramaticalização de palavras principais. Há substantivos que passam a advérbios e desses passam às conjunções sentenciais.

Esse sistema binário (coordenação/subordinação) é percebido também pela classificação de conjunções como coordenativas ou como subordinativas por Coutinho (1969). Esse autor afirma que o português herdou poucas conjunções do latim e que a língua recorreu aos advérbios e às preposições para preencher a função conjuntiva.

Neves (2006) destaca a tradicional definição de conjunção por seu estatuto sintático, sendo a ligação de elementos de igual estatuto sintático correspondente à coordenação e a ligação de um termo subordinado ao seu subordinante correspondente à subordinação. Essa perspectiva não vai além do limite da frase onde há a integração de elementos componentes dos menores para os maiores. Mithun (1988, *apud* Neves, 2006) descreve a origem de conjunções coordenativas ocorrentes em sintagmas nominais nas construções comitativas (expressas por sintagma preposicional), ou em partículas adverbiais de significado aditivo, sendo muitas vezes de valor discursivo, e mostra a coordenação entre orações por elemento adverbial em algumas línguas. Isso aponta o processo de gramaticalização de algumas conjunções, incluindo línguas que não possuíam conjunções.

A autora (2006) cita Halliday e Hasan (1976) como definidores da conjunção como um processo textual, relação semântica na qual se especifica a conexão do que vem depois e do que vem antes de um enunciado, abrangendo diversos tipos de estruturação de superfície. Halliday e Hasan afirmam que as relações realizadas por quatro tipos de conjunções existentes (a aditiva, que inclui a alternativa; adversativa e a causal, que incluem a razão, o propósito, a consequência e o resultado, entre outros; e a temporal).

Quanto às conjunções, Neves (2000) aponta a ausência de distinção entre advérbios e conjunções, elementos em fase de transição. Além disso, muitas conjunções coordenativas são novas nas línguas e resultam de gramaticalização tardia e puderam entrar em línguas sem conjunções para estabelecer coordenação. Essa autora observa também que as conjunções não se prendem a uma única classificação. Há relações de tipo lógico-semântico (causal, condicional, concessiva) associadas à temporaneidade estabelecida entre as orações. Por exemplo, em *Mudou a conversa quando alguém perguntou pelas dicas*, há uma relação de causa-efeito expressa cronologicamente.

Gonçalves *et al.* (2007a) afirmam que, na história das línguas, Meillet (1912) destaca a classe das conjunções como sujeita à renovação. Paul (1886, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007a) descreve as conjunções como derivadas historicamente de advérbios conjuncionais ou de usos de pronomes conjuncionais, os quais ligavam orações antes de se transformarem em conjunções. Segundo Mithun (1988, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007a), há uma tendência à derivação de advérbios discursivos pelas conjunções coordenativas. Gonçalves *et al.* (2007a) destacam também o consenso sobre as alterações no significado serem conduzidas pela metáfora, de natureza cognitiva, e pela metonímia, de natureza pragmática, que são mecanismos complementares. A metáfora projeta significados de um domínio cognitivo mais concreto para

um mais abstrato de modo discreto. A metonímia produz a mudança de um significado a outro, pela reinterpretação contextual, de modo contínuo e gradual.

Para Ilari e Basso (2006), tradicionalmente, a conjunção é a palavra que liga orações, sendo conjunção coordenativa, quando liga orações de mesmo nível, e sendo conjunção subordinada, quando liga orações de níveis diferentes. A classificação de subordinativa para uma oração indica que essa é um termo da oração matriz em que se encaixa. Quando exerce o papel de integrante, é classificada como oração substantiva; quando exerce o papel de adjunto, é classificada como adverbial. Quanto a essas colocações, os autores afirmam que não se pode determinar a escolha entre conjunções coordenativas e subordinativas como estabelecimento de nexos entre orações. A coordenação, a subordinação e a justaposição expressam qualquer relação entre orações.

Hintze (2008), em pesquisa realizada em três dicionários de língua portuguesa (*Novo Aurélio*, de 2004, *Houaiss*, de 2001, e *Dicionário Unesp*, de 2004), confirma que há limitação das descrições sobre locuções conjuntivas, pois essas se apresentam como morfossintáticas, ou como semânticas e estão limitadas às frases e/ou aos períodos isolados. A ignorância de que as pressões externas têm papel correlato ao das determinações do sistema linguístico de um dado momento é uma falha observável nos dois primeiros dicionários, que se estruturam como a maioria dos recursos pedagógicos editados nesse campo de estudos.

Desse modo, a definição de conjunção ligada à definição de correlação apresenta-se, também, de modo vasto. Não há consenso quanto à definição de conjunção, podendo ou não abranger a correlação.

## Capítulo 2. Material e metodologia

### 2.1 Material

Os textos selecionados para a análise foram: *Dos Costumes de Santarém* (século XIII); *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (*Vida de Tarsis, Vida de uma Monja, Vida de Eufrosina, Visão de Túndalo, Vida de Santa Pelágia, Morte de São Jerônimo, Visão de Santa Maria Egípcíaca*) (século XIII ~ XIV); *História dos reis de Portugal em Crônica Geral de Espanha e Orto do esposo* (século XV); *Crônica dos reis de Bisnaga* (século XVI); *Sermão de Santo Antônio aos peixes* (século XVII); *Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691* (século XVII); *Descobrimento das Filipinas pelo navegador Fernão de Magalhães* (século XIX); *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao* (século XIX).

Trata-se de obras de épocas e de gêneros diferentes. *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (século XIII ~ XIV) constituem histórias de santos, hagiografia e subdividem-se em várias histórias. *História dos reis de Portugal in Crônica Geral de Espanha e Orto do esposo*, obras do século XV, tratam, respectivamente, da narrativa crítica da vida de alguns reis e de narrativas moralizantes sobre fé, pecados e virtudes. *Crônica dos reis de Bisnaga* (século XVI) narra criticamente histórias da vida de reis. *Sermão de Santo Antônio aos peixes* (século XVII) também narra de modo moralizante histórias da igreja e *Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691* (século XVII), assim como *Descobrimento das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães* (século XIX) e *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da estrada violenta dos ingleses na cidade de Macao* (século XIX) são narrativas históricas. Esses textos estão disponíveis em <<http://www.cipm.fcsh.unl.pt>>, no CIPM, Corpus Informatizado do Português Medieval.

Essas obras foram selecionadas sem atender para gêneros distintos; na verdade, opta-se pelas obras a que se tem acesso, atendendo a uma perspectiva diacrônica, ou seja, ao delimitar esse período, busca-se verificar em que momento essa locução passou a ser empregada apenas como locução consecutiva, deixando de ser empregada com valor temporal.

Conforme Frazão da Silva (s/d), a hagiografia traz a história da vida dos intitulados santos. As histórias de santos ou hagiografias, por serem narrativas, apresentam a temporalidade e a consecutividade, por meio da cronologia dos fatos ocorridos e por meio da descrição das ações que resultam em consequências, que contribuem para argumentar moralmente na formação

da temática religiosa dos séculos XIII~XIV. Desse modo, traz relações de causa e de consequência.

A crônica, segundo Andrade (2004), traz relato cronológico sobre qualquer tema. Esse gênero propicia a existência de descrições das relações de causa e consequência, pois ao narrar fatos, pode desempenhar essa relação de causa e consequência entre o que descreve. Esse é, então, um gênero propício para se analisar a presença da correlação consecutiva. As histórias dos reis e a crônica (séculos XV e XVI) apresentam temporalidade e consecução de modo semelhante às histórias dos santos, diferenciando-se pela ausência de caráter religioso. Desse modo, traz relações de causa e de consequência.

O gênero do sermão (século XVII) também é fonte de relações causais e consecutivas, pois apresenta discursos religiosos. Desse modo, o que se narra e se discute sobre posturas ideais da vida proporciona a construção de um relacionamento entre causa e consequência, do mesmo modo que as narrativas históricas também apresentam essa relação entre os fatos e os resultados desses fatos ou dessas ações.

O gênero memória histórica (séculos XVII e XIX), assim como os outros gêneros apresentados, proporcionam tanto a presença da consecução quanto da temporaneidade. Esse gênero analisado traz feitos realizados por navegadores e piratas. Como toda narrativa, traz também a cronologia diretamente ligada à sua estrutura, permitindo a ampla ocorrência da temporaneidade.

Visto que essa pesquisa não envolve uma perspectiva pancrônica, não são considerados textos de todos os séculos. Os textos analisados nessa pesquisa são aqueles que compreendem o início da língua portuguesa até o século em que é possível identificar o desaparecimento da locução *tanto que* com valor temporal. Como na contemporaneidade essa locução já não é mais empregada com esse valor, não há razão para que se elejam textos mais recentes para tal averiguação.

## 2.2 Procedimentos analíticos

Para Bybee (2010), *type* e *token* são dois métodos de contagem de frequência relevantes para estudos linguísticos. *Token*, frequência de texto, é formado pela constituição da frequência da ocorrência de uma palavra ou de um morfema. *Type* refere-se à frequência no dicionário de uma parceria em particular.

Para Bybee (2004), *type* apresenta a frequência das semelhanças de características das ocorrências do item estudado, apontando comportamentos semelhantes também, enquanto *token*

aborda a frequência de uso, estabelecendo um padrão de ocorrências. Para Huitfeldt *et al.* (2010), *tokens* são concretos, enquanto *types* são abstratos. Wetzel (2006) afirma que *tokens* constituem-se por ocorrências das mesmas palavras, mas que não são todas iguais. As palavras são individualizadas pela ortografia, pela fonologia, pela etimologia e por função e sentido gramatical.

A consecução ou a temporalidade apresentada em *tanto que* e em suas variações, constitui o *type* desse trabalho, juntamente com a evidencialidade/realce. O total de apresentações desses termos constitui o *token*. Esses dois métodos de contagem de frequência são importantes não só para visualizar a frequência geral, por século, com que se emprega um determinado item, mas também para averiguar as diversas funções que um mesmo item pode desempenhar nos contextos analisados.

Analisa-se o que pode caracterizar temporalidade e/ou consecutividade: adjacência ou contiguidade (ausência de elemento entre os elementos *tanto* e *que*); presença de advérbios e expressões de tempo; anáfora (elemento em relação com outro elemento já citado previamente no período); quantificação (elementos nominais, observando-se suas flexões, elementos verbais, argumentos). Essas características permitem evidenciar valores temporais, consecutivos e/ou de evidência.

A partir do levantamento de *token* e de *type* dessa locução e de sua análise, descrevem-se as características das duas funções de *tanto que* separadamente nos séculos encontrados e um resultado total de todos os dados encontrados em todos os séculos.

Convém ressaltar que a locução *tanto que* é analisada da forma como se encontra nos fragmentos e as leituras correspondentes se prestam apenas ao entendimento do contexto. Ou seja, ao analisar-se a estrutura e a sintaxe desse item, considera-se a forma como são empregados nos *corpora* analisados. Para evitar a repetição desnecessária de exemplos de mesma estrutura, reproduzem-se, na medida do possível, exemplos diferentes em cada obra e século. As demais que não estão elencadas aqui se encontram anexas para consulta ao final da dissertação.

### Capítulo 3. Análise

Para que se tenha uma visão abrangente das ocorrências nas obras, apresenta-se, para cada uma delas, um quadro com as ocorrências *token* e *type* e, ao final, apresenta-se um quadro geral de todos os séculos. Como as obras disponíveis do século XIII ainda são escassas e aquelas que estão disponíveis para consulta ainda apresentam muitos resquícios do latim, opta-se por unir a única obra consultada (*Dos Costumes de Santarém*) àquelas que se encontram datadas entre os séculos XIII ~ XIV (*Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense*). Em todas as obras analisadas, separa-se, primeiramente, o valor temporal do item, mais prototípico, para, em seguida, apresentar os contextos em que seu uso foi o consecutivo.

#### 3.1 *Dos Costumes de Santarém* (século XIII)

A única ocorrência de *tanto que* nessa obra do século XIII é registrada com valor temporal, como se pode constatar da leitura do fragmento:

[1] Costume é que molher que he en uila non sse pode chamar forçada saluo sse a tõe en logo que non possa braadar. mays quando sayr desse logo deuesse logo a carpir & braadar pela rua & dizer que foãao me forçou e irse logo aa justiça & dizer-lhj quen a forçou e en que logar & sse o assy non fezer non sse pode chamar por forçada & sse ffora da vila for forçada deue uijr carpindo & braadando & nomeando quen a forçou & ir logo aa justiça & queyxar-se & dizerlhi quen a forçou & assy sse pode dizer por forçada & se non poder esse dia per noyte que seia ou per prison que lhi façan uenha en outro dia ou **tanto que** for solta.

[1'] [*É costume que a mulher que está na cidade não seja chamada de abusada, salvo se alguém a possuir em local onde não possa gritar. Mas, quando sair desse lugar, ela deve logo chorar e gritar pela rua e dizer “João me forçou” e ir à justiça, dizendo quem abusou dela e em que lugar. E, se assim não o fizer, não se pode chamar de abusada e, se fora da cidade for forçada, deve vir chorando, gritando e nomeando quem a forçou e ir logo à justiça, queixar-se e dizer-lhe quem a forçou e assim se pode dizer por forçada. E, se não puder nesse dia, porque está de noite ou na prisão, que venha em outro dia ou **assim que** for solta.*]

Essa leitura temporal em [1] advém da correlação entre as ações expressas nas orações conectadas: *E, se não puder nesse dia, porque está de noite ou na prisão, que venha em outro dia ou (venha) assim que for solta*. Além disso, a presença do sintagma de valor temporal *em outro dia* reforça o valor temporal expresso por *tanto que*. Com isso, faz-se a leitura de que deverá ir quando for solta, e o sintagma *outro dia* determina o dia da soltura. Tem-se, então:

<b>Quadro. 1: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>Dos costumes de Santarém</i> (século XIII)</b>		
<b>Frequência <i>token</i></b>		<b>Frequência <i>type</i></b>
<b>1 (100%)</b>		<b>01</b>
<b>Valor</b>	<b>Tipo</b>	<b>Total</b>
Temporal	Loc. conj. Temporal	01 (100%)
Consecutiva	Quantificador tipo I, II ou III	0 (0,00%)

### 3.2 *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (séculos XIII~XIV)

Nas *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, constituída de pequenas narrativas de vários santos, escritas entre os séculos XIII ~ XIV, encontra-se um total de 25 ocorrências, das quais 13 são temporais e 12 são consecutivas. Opta-se pela apresentação de todos os exemplos dessa obra, cada qual com a indicação da narrativa em que o item foi encontrado.

Nesse momento, essa opção de apresentação dos exemplos, também, auxiliará na compreensão dos demais exemplos temporais e consecutivos presentes nas obras dos outros séculos, pois, após os exemplos temporais e consecutivos das *Vidas de Santos*, opta-se por apresentar apenas alguns exemplos das demais obras, para que o trabalho não se torne repetitivo e cansativo. Ao final desta dissertação, todavia, há todos os exemplos analisados, inclusive os que serão aqui expostos, de forma que o leitor poderá consultá-los para pesquisas futuras.

Foram encontradas 13 ocorrências do emprego do item com valor temporal:

[2] E **tanto que** esto disse leixou a vistidura de molher... (*Vida de Eufrosina*)

[2'] [*E, assim que disse isso, deixou a vestimenta de mulher...*]



[3] **tanto que** esto disse deu logo ho spritu a Deos. (*Vida de Eufrosina*)

[3'] [*assim que disse isso, deu logo o espírito a Deus.*]

[4] **Tanto que** Zozimas esto ouvio ssayo-sse daquel moesteyro. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[4'] [*Assim que Zozimas ouviu isto, saiu daquele mosteiro*]

[5] **Tanto que** chegou ao rryo de Jordam braadou-lhe hũa voz. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[5'] [*Assim que chegou ao rio de Jordão, uma voz lhe bradou.*]

[6] E eu cuidey qui esto que era por rrazom da minha fraqueza porque era molher e trabalhei-me de entrar com outras molheres per muitas vezes mais todo era em vaao. ca **tanto que** eu poinha ho pee no portal logo era inpuxada per força. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[6'] [*E eu pensei que isso fosse por causa de minha fraqueza, porque era mulher e tratei de entrar com outras mulheres, mas, muitas vezes, era em vão, pois, assim que eu colocava o pé no portal, logo era empurrada pela força.*]

[7] E eu daqui endiante nom ençugarey esta carne com maaos feytos. mais **tanto que** me outorgares que eu adore o lenho da Santa Cruz. logo eu rrenunçiarey ho ssegre e todas as ssuas cousas. (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)

[7'] [*E eu, daqui em diante, não sujarei essa carne com mãos feitas, mas, assim que me concederes que eu adore o lenho da Santa Cruz, logo eu renunciarei ao mundo e a todas as suas coisas.*]

[8] **tanto que** eu esto disse tive em meu coração. que a madre de Deos me ganharia todas estas cousas de Nosso Ssenhor. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[8'] [*assim que disse isso, senti em meu coração que a Mãe de Deus me ganharia todas essas coisas de Nosso Senhor*]

[9] ...e tirey-me daquel logar en que horava e misturey-me com os outros que entravam em o templo e **tanto que** quise entrar nom foy enpuxada como ante. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[9'] [*...e tirei-me daquele lugar em que orava e misturei-me com os outros que entravam no templo e assim que quis entrar, não foi empurrada como antes*]

[10] E **tanto que** chegey aaquel logar ãn que fezera o prometimento aa madre de Deos ffiqey os giolhos em terra. (*Visão de Santa Maria Egipcíaca*)

[10'] [*E assim que cheguei naquele lugar em que fizera a promessa à Mãe de Deus, ajoelhei na terra*]

[11] **Tanto que** eu esto disse ouvi hũa voz que dizia assy: (*Visão de Santa Maria Egipcíaca*)

[11'] [*Assim que disse isso, ouvi uma voz que dizia assim:*]

[12] mais **tanto que** me vya teptada logo começava de chorar quando me lembrava daquella que ffora mínha guiador. (*Visão de Santa Maria Egipcíaca*)

[12'] [*...mas, assim que me via tentada, logo começava a chorar, quando me lembrava daquela que fora minha guia*]

[13] Quando ho santo homen leeo as leteras ficou mui alegre porque per aquella scriptura ssoube o nome da santa molher e ffoy çerto que **tanto que** ella rreçeebo delle ho santo sacramento em ho anno trespasado que logo sse ella ffoy aaquel logar. (*Visão de Santa Maria Egipcíaca*)

[13'] [*Quando o santo homem leu as cartas, ficou muito alegre, porque, por aquela escritura, soube o nome da santa mulher e foi convencido de que assim que ela recebeu dele o santo sacramento a três anos atrás, que logo ela se foi para aquele lugar.*]

[14] **Tanto que** esto disse viu hũu lenho pequeno. (*Visão de Santa Maria Egipcíaca*)

[14'] [*Assim que disse isso, viu um lenho pequeno*]

De [3] a [14], as ocorrências de *tanto que* com valor temporal apresentam algumas características semelhantes. Em [3], [6], [7], [12] e [13], há a presença do advérbio de tempo *logo*, que funciona como advérbio enfático do valor temporal de *tanto que*; em [2], [9] e [10], tem-se *tanto que* precedido da conjunção coordenada aditiva *e*, cuja função é a de encadear enunciados, função típica nessa fase da língua; em [6], está *tanto que* precedido da conjunção coordenada explicativa *ca* (cujo valor mais comum é o de *porque* e *pois*, além de construir orações comparativas); em [7] e [12], *tanto que* é precedido da conjunção coordenada adversativa *mas*, ainda com a grafia aproximada latina *mais*, originária de *magis*, advérbio comparativo latino. Em [13], *tanto que* encabeça uma oração que se encontra intercalada a uma outra oração, ou seja, a oração que encabeça não está vinculada a qualquer outra, a exemplo de

*tanto que* precedido de orações coordenadas. Para melhor compreensão, repete-se o exemplo [13]:

[13] Quando ho santo homen leeo as leteras ficou mui alegre porque per aquella scriptura ssoube o nome da santa molher e ffoy çerto que **tanto que** ella rreçeebo delle ho santo sacramento em ho anno trespasado que logo sse ella ffoy aaquel logar. (*Visão de Santa Maria Egipcíaca*)  
*Quando o santo homem leu as cartas, ficou muito alegre, porque, por aquela escritura, soube o nome da santa mulher e foi convencido de que, assim que ela recebeu dele o santo sacramento a três anos atrás, logo ela se foi para aquele lugar.*

Retirando a oração introduzida por *tanto que* com valor temporal, tem-se: *Quando o santo homem leu as cartas, ficou muito alegre, porque, por aquela escritura, soube o nome da santa mulher e foi convencido de que [...] logo ela se foi para aquele lugar.*

Uma análise mais atenta das ocorrências [3], [4], [5], [8], [11] e [14] permite incluí-las entre aquelas precedidas do conectivo *e*, visto que se trata de construções com *tanto que* iniciando enunciados que se referem, de alguma forma, a algo mencionado anteriormente, ou seja, há, na oração introduzida por *tanto que*, um elemento que se refere anaforicamente a algo presente na porção de texto antecedente. Para ilustrar o que se afirma, o exemplo [2], repetido abaixo, apresenta estrutura semelhante àquela presente em [3], [4], [8], [11] e [14], ou seja, todas têm, após a expressão *tanto que*, o pronome demonstrativo *esto* (isso), seguido da forma verbal *disse*, retomando claramente algo anteriormente mencionado:

[2] E **tanto que esto** disse leixou a vistidura de molher... (*Vida de Eufrosina*)

[2'] [*E, **assim que** disse **isso**, deixou a vestimenta de mulher...*]

Em [5], tem-se o sintagma *rryo de Jordam*, antecedido de artigo definido, indicando que *o rio* já foi mencionado:

[5] **Tanto que** chegou ao rryo de Jordam braadou-lhe hũa voz. (*Vida de Santa Maria Egipcíaca*)

[5'] [***Assim que** chegou ao rio de Jordão, uma voz lhe bradou.*]

Além de [5] exemplificar a relação temporal, faz retomada anafórica. Essa relação também exemplifica a relação causa/consequência, em que há uma ação temporalizada e científica (*Assim que chegou ao rio de Jordão*) relacionada a uma consequência (*uma voz lhe bradou*).

Analisa-se a expressão *tanto que* com valor consecutivo ao observar, por meio dos *corporas* analisados nessa pesquisa, se ocorre o seu emprego de forma contígua ou não e, se contígua, sobre qual elemento recai o item *tanto*: se sobre a forma verbal, daí ser invariável, ou se sobre sintagmas nominais com os quais concorda, propiciando ênfase sobre eles. Observa-se de perto a análise efetuada por Mattos e Silva (1989), para quem os quantificadores atualizam o nome e acrescentam alguma informação ao que é designado no processo de comunicação. Para ela, a maioria dos usos de *tanto* ocorre como quantificador do tipo I, ou seja, atualiza sintagmas nominais, e algumas ocorrências de *tanto que* quantificam o processo verbal (tipo II); também identificou o elemento *que* consecutivo considerado subordinante correlacionado aos quantificadores *tan, tanto, tal* e *tamanho*.

As ocorrências de *tanto que/tanto...que* e variantes com valor consecutivo foram 12:

[15] ...e eram **tantos amadores que** ha amavom que muitos moryam por ella... (*Vida de Tarsis*)

[15'] [...e eram **tantos amantes que** a amavam que muitos morriam por ela...]

[16] E ao tempo de ssa morte, ffez **tam boo tempo que** todos seus amigos a ssterraram mui honrradamente. (*Vida de uma monja*)

[16'] [*E ao tempo de sua morte, fez **tão bom tempo que** todos os seus amigos a enterraram com muita honra.*]

[17] E a moça em tam pouco tempo ouve **tanta sçiençia que** o padre sse maravilhava muito. (*Vida de Eufrosina*)

[17'] [*E a moça, em tão pouco tempo, adquiriu **tanta sabedoria que** o padre se maravilhou muito.*]

[18] ...vio vñir gram cõpanha de **dyabóós. tantos que** a casa hu o corpo jazia era chea de dentro e de fora. (*Visão de Túndalo*)

[18'] [... viu vir grande legião de **diabos, tantos que** na casa em que jazia o corpo estava cheia dentro e fora.]

[19] ...e arredor del estavã **tantas almas que** nõ ha homẽ que as podesse contar. (*Visão de Túndalo*)

[19'] [...e ao redor dela estavam **tantas almas que** não há homem que as pudesse contar]

[20] E **tanto** era **fremoso que** muy gram maravilha era. (*Visão de Túndalo*)

[20'] [*E era **tão formoso que** era grande maravilha.*]

[21] E entõ começarõ de sobir per elle. e virõ outras **tantas maravilhas. que** nõ ha coração que as podesse pensar. (*Visão de Túndalo*)

[21'] [*E, então, começaram a subir por ele e viram **tantas outras maravilhas que** não há coração que as pudesse pensar.*]

[22] De **fremosura** averam **tanta que** vencerã o sol de clarydade. (*Visão de Túndalo*)

[22'] [*Tinham **tanta beleza que** venceram a claridade do sol.*]

[23] E eu estendy a mão e tomei-a e meti-a en hũa piia que estava ante as portas da igreja. E como ffoy metida en na agua, logo logo a pressa leyxou e tirou de sy toda çugidade e ficou linpa e branca como a neve e voou em **tanta alteza** sobre Lo aar **que** os meos olhos perderam dela vista. (*Vida de Santa Pelágia*)

[23'] [*E eu estendi a mão, tomei-a e a coloquei em uma pia que estava diante das portas da igreja. E como foi colocada na água, logo, logo, pela pressa, tirou de si toda a sujeira e ficou limpa e branca como a neve e voou **tão alto** sobre o ar, **que** os meus olhos perderam de vista.*]

[24] ...e **tanto** foy no amor de Deos **pungida e edificada, que** era de maravilha as lagrimas que dos seos olhos sayam. (*Vida de Santa Pelágia*)

[24'] [...e foi **tão incitada e edificada** no amor de Deus **que** as lágrimas que saiam dos seus olhos eram de alegria .]

[25] Oo piedoso senhor Jhesu Cristo **a tua grandeza** he **tanta que** ho nom pode dizer nenhũa creatura a qual os ceos nen a terra nem ho mar nem todalas cousas en elles contiudas non o podem receber... (*Morte de São Jerônimo*)

[25'] [*Ó piedoso Senhor Jesus Cristo, a tua grandeza é tanta que nenhuma criatura não pode dizer, a qual os céus, nem a terra, nem o mar, nem todas as coisas neles contidas não podem-no receber...*]

[26] ...e **tanto ssabia** este santo velho das tẽetaçooõs e de veençer as batalhas dos pecados **que** muitos viinham a el dos houtros moesteyros. (*Visão de Santa Maria Egipcíaca*)

[26'] [*...e tanto sabia das tentações e de vencer as batalhas dos pecados, que muitos vinham a ele dos outros mosteiros*]

De [15] a [25], há o elemento *tanto* como quantificador do tipo I, ou seja, como um elemento que atualiza, respectivamente, os sintagmas nominais *amadores, bom tempo, sçiencia, dyabóós, almas, fremoso, maravilhas, fremosura, alteza sobre Lo aar, incitada e edificada no amor de Deus, tua grandeza*. Por esse motivo, o elemento se apresenta flexionado em gênero e em número para concordar com esses sintagmas, assim como aparece empregado com outras formas: *tan, tãõ, tanto, tantos, tanta, tantas*.

Em [26], *tanto que* é empregado de forma descontínua quantificando o processo verbal *ssabia* (tipo II), motivo pelo qual não se apresenta flexionado, visto que intensifica esse processo. Trata-se, como afirma Mattos e Silva (1989), de um elemento consecutivo considerado subordinante correlacionado ao quantificador verbal *tanto*.

O total geral de ocorrências de *tanto que/tanto...que* (*e variantes*) em *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacence* (séculos XIII~XIV) pode ser observado em:

Quadro. 2: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> ( <i>e variantes</i> ) em <i>Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacence</i> (séculos XIII~XIV)		
Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>
25 (100%)		02
Valor	Tipo	Totais
Temporal	Loc. conjuntiva temporal	13 (52%)
Consecutiva	Quantificador tipo I	11 (44%)
Consecutiva	Quantificador tipo II	1 (4%)

### 3.3 *Corpora* do século XV

*Orto do Esposo e História dos Reis de Portugal in Crônica Geral da Espanha* constituem os *corpora* do século XV. Nesse século, esses *corpora* apresentam o sentido de consecução superior ao de tempo. Exemplificam-se algumas ocorrências do item nas duas obras separadamente para, em seguida, apresentar um quadro geral desse século. O número total de exemplos de cada tipo estará nos anexos.

#### 3.3.1 *História dos Reis de Portugal in Crônica Geral da Espanha*

A única ocorrência encontrada na *História dos Reis de Portugal em Crônica Geral da Espanha* é consecutiva:

[27] Depoys, el rey de Castela, dando lugar aa sua nan boa entençan, **tanto** escandalizou el rey de Portugal **que** ele ronpeo guerra con Castela

[27'] [*Depois, o rei de Castela, dando lugar a sua má intenção, tanto escandalizou o rei de Portugal, que ele começou guerra com Castela*]

Essa única ocorrência de valor consecutivo, empregada de forma descontínua, intensifica o processo verbal *escandalizou*, ou seja, trata-se de um quantificador de tipo II. Assim como em [26], tem-se esse quantificador verbal anteposto ao verbo:

Quadro 3: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) em <i>História dos Reis de Portugal em Crônica Geral da Espanha</i> (séculos XV)		
Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>
1 (100%)		1
Valor	Função	Totais
Temporal	Locução conjuntiva temporal	0 (0%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	0 (0%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	1 (100%)

### 3.3.2 Orto do Esposo

N' *Orto do Esposo* há 22 ocorrências de emprego temporal. A conjunção *e* e o advérbio de tempo *logo* são apresentados como em [28]:

[28] Aquella uirgem sancta Dorothea te anuia esto, asy como o promenteu, estas doas do orto do seu esposo. **E, tanto que** as eu tomey e comecey de braadar, **logo** aquelle moço non pareceu mais, e eu creio que era angeo de Deus.

[28'] *[Aquela virgem santa Dorotea te envia isso, assim como o prometeu, estas doas do jardim do esposo. E assim que eu as tomei e comecei a bradar, logo aquele moço não apareceu mais e eu creio que era anjo de Deus.]*

Além desses dois elementos, nesse exemplo há mais o pronome demonstrativo *esto*, em função anafórica [29]:

[29] **E, tanto que esto** disse Sancto Aleixandre, logo o filosapho ficou mudo, com a boca çarrada...

[29] *[E, assim que Santo Alexandre disse isso, logo o filósofo ficou mudo, com a boca fechada...]*

Esse mesmo pronome demonstrativo mais o advérbio de tempo *logo* como em [30] é apresentado em 2:

[30] **Tanto que** Sancto Agostinho **esto** leeo, **logo** foy espargida ãno seu coração hũa luz de segurança, que tirou delle totalas treeuas da duuida da ffe de Jhesu Christo que ante auia.

[30] *[Assim que santo Agostinho leu isso, logo foi espargida no coração a luz da segurança, que tirou dele todas as trevas da dúvida da fé de Jesus Cristo que antes tinha.]*

Há uma ocorrência de expressão que retoma algo anteriormente mencionado, ou seja trata de um elemento de referenciação; além disso, há, também, a presença do advérbio de tempo *logo* [31]:

[31] **Tanto que as ceruas** som prenhes, **logo** sse partem dos machos.

[31] *[Assim que as cervas ficam prenhes, logo se afastam dos machos.]*



O advérbio de tempo *logo* é apresentado em [32]:

[32] Porê diz Sam Jeronimo que o senhorio e a dignidade, **tanto que** o homê entra em elhe, **logo** o leixa...

[32'] [*Por isso diz São Jerônimo que o senhorio e a dignidade, **assim que** o home entra nele, **logo** o deixa...*]

Há, também, 2 ocorrências de *tanto que* precedido da conjunção coordenada aditiva *e* e intensificado com as expressões temporais *agora* [33] e *manhã* [34]:

[33] E ella me promenteu que o farya. **E agora, tanto que** foy degolada, ueeo a myn hũũ menino que me parece que non he mais de jdade de quatro ãnos, e chamou-me a de parte e falou-me tam perfectamente, que a min parecia seer eu rustico ante el...

[33'] [*E ela me prometeu que o faria. **E agora, assim que** foi degolada, veio a mim um menino que me parece que não tem mais de quatro anos e chamou-me em um canto e falou-me tão perfeitamente que a mim parecia que eu era rústico diante dele...*]

[34] **E, tanto que** foy **manhã**, foy-sse seu caminho e chegou ao jrmitam muy triste e con grande coyta.

[34'] [*E, **assim que** foi **de manhã**, foi-se por seu caminho e chegou ao ermitão muito triste e com grande dor.*]

Em 8 ocorrências, há a locução conjuntiva *tanto que* precedida da conjunção *e* mais um elemento anafórico (3 com o pronome demonstrativo *esto* [35] e 5 com outro elemento empregado anaforicamente [36]):

[35] **E o diaboo, tanto que esto** ouuiu, feze o mandado do sancto homê m per uirtude do nome de Jhesu.

[35'] [*E o diabo, **assim que** ouviu isso, fez o mandado do santo homem por virtude do nome de Jesus.*]

[36] Non come os corpos mortos nen outras cousas çuyas e esta sobre os ryos e sobre as aguas e uee de longe a sôõbra do açor, e, **tanto que o uee**, fuge e uay-se esconder dentro en sua toca.

[36'] *[Não come os corpos mortos nem outras coisas sujas e está sobre os rios e sobre as águas e vê de longe a sombra do pássaro e, **assim que o vê**, foge e vai se esconder dentro de sua toca.]*

Finalmente, há 2 ocorrências de emprego de *tanto que* com o pronome demonstrativo anafórico *esto* [37]:

[37] **Tanto que esto** ouuio o fillosapho, ficou espantado e disse: Creeo.

[37'] *[Assim que o filósofo ouviu isso, ficou espantado e disse: Acredito.]*

Há 72 ocorrências de *tanto que* e variantes com valor consecutivo, das quais 63 são do tipo I, ou seja, o elemento *tanto* intensifica um nome em função substantiva [38] a [40]:

[38] E este Sancto Ignacio, antre os muytos tormentos que lhe fezeron, sempre muyto ameude nomeaua este nome Jhesu, e pella uirtude delle **tanta forteleza** auia em soffrer con paciencia, **que** pella dulçura do nome de Jhesu non sentia os tormentos.

[38'] *[E este santo Inácio, entre os muitos tormentos que lhe fizeram, sempre nomeava com muita frequência o nome de Jesus, e pela virtude dele havia **tanta fortaleza** no sofrer com paciência **que** pela doçura do nome de Jesus não sentia os tormentos.]*

[39] E **tanta** foy a **uirtude** daquel sangue muy casto, **que** con a queentura do sangue foy tornada a aquella senhora a quêêtura natural, em guisa que sayu sã e curada daquel banho, depois que foy banhada em elle sete uezes.

[39'] *[E **tanta** foi a **virtude** daquele sangue muito casto **que**, com a queentura do sangue, aquela senhora foi tornada à queentura natural, de modo que saiu sã e curada daquele banho, depois que foi banhada nele sete vezes.]*

[40] Assy fez hũ rey, que avia nome Roberto, que nõ quis andar pello caminho comũ dos outros rex mas era de **tanta deuaçon**, **que** ã todas as festas do ãno senpre estaua ã algũ mosteyro e cantaua cõ os monjes o officio de Deus.

[40'] *[Assim fez um rei, cujo nome era Roberto, que não quis andar pelo caminho comum dos outros reis, mas era de **tanta devoção** **que** em todas as festas do ano sempre estava em algum mosteiro e cantava com os monjes o ofício de Deus.]*

Há também ocorrências de *tanto*, ainda do tipo I, mas como intensificador de um nome em função adjetiva [41] a [51]. Eis algumas construções com *tanto...que*:

[41] Muytas sanctas molheres, contemplando en Jhesu Christo, auiam **tam grande** dulçura en suas almas **que** do fauoo do spiritual dulçor, que auiam ãno coração, saya aa boca hũu dulçor de mel...

[41'] *[Muitas mulheres santas, contemplando em Jesus Cristo, tinham **tão grande** doçura em suas almas **que** do favo da doçura espiritual, que tinham no coração, saía à boca uma doçura de mel...]*

[42] E **tam fraco** era per razom do estudo e da oraçom e da estêẽça, **que**, iazendo elle en seu estrado, tiinha hũa corda en hũa traue em que lançaua as mãos pera se alçar a conprir o officio do mosteyro.

[42'] *[E estava **tão fraco** era por causa do estudo, da oração e da abstinência **que**, jazendo em seu leito, tinha uma corda na cabeceira na qual lançava as mãos para se levantar e cumprir o ofício do mosteiro.]*

[43] Tal he este fogo todo. E entom o meestre ficou **tam espantado** do fogo, **que** pose em seu coração leixar o segle e emtrar en religiom.

[43'] *[E então o mestre ficou **tão espantado** com o **fogo** que decidiu deixar o mundo e entrar na religião.]*

[44] E **tanto** he **exalçada** a sciencia da Sancta Scriptura, **que** della he scripto per Jhesu, filho de Sirac, falando en pessoa da sabedoria:

[44'] *[E a ciência da Santa Escritura é **tão exaltada** que dela é escrito por Jesus, filho de Sirac, falando em pessoa da sabedoria:]*

[45] E porẽm diz Sancto Anselmo que **tam bõõ** he o Senhor, **que** non pode seer cuydado outra cousa melhor nen tam boa como elle.

[45'] *[E por isso diz Santo Anselmo que o Senhor é **tão bom** que **não** pode ser pensar em outra coisa melhor nem tão boa como ele.]*

[46] **Tam grande** foy o temor que ouieron os poboos do Occidente de Alexandre, que andaua no Oryente, **que** de todo o mundo lhe mandauã subgeyçon e obediẽcia...

[46'] *[**Tão grande** foi o temor que tiveram dos povos do Ocidente de Alexandre, que andava no Oriente, **que** todo mundo lhe tinha sujeição e obediência...]*

[47] **Tam peçoento** he o basilico, **que**, se o alguẽ tanger cõ asta, posto que seia muy longua, logo ã essa ora morre aquelle que o tange.

[47'] *[O basilico é **tão peçonhento que**, se alguém o tocar com uma haste, ainda que seja muito comprida, logo morre na hora aquele que o toca.]*

[48] **Tam poderosa** fez Deus a alma do homẽ, **que** da sua muy cõprida bemauẽturãça que sera dada ãna fim aos sanctos, sobreauõdara ãno corpo o conprimento da saude e a forteleza de nũca seer cõrronpido.

[48'] *[Deus fez a alma do homem **tão poderosa que** da sua plena bem-aventurança, que será dada no fim aos santos, sobreabundam no corpo a plenitude da saúde e a fortaleza de nunca ser corrompido.]*

[49] ...segũdo pooem os estrologos, **tam pequena** he toda a terra, **que** nõ he senõ tal come hũũ ponto ã conparaçõn do ceo.

[49'] *[...segundo dizem os astrólogos, a terra é **tão pequena que** não é mais que um ponto em comparação com o céu.]*

[50] Enna era da encarnaçõn de mil e duzentos ãnos lydarom os tartaros cõ os de Ûgaria e de Pellonia, e assy forã destruydas aquellas terras, que foy a fame **tam grande, que** as madres comiam os filhos e muytos faziam pam de hũũ poo dhũũ monte por farinha.

[50'] *[E no ano de mil e duzentos anos, era da encarnação, os tártaros lutaram com os da Hungria e da Polônia e assim foram destruídas aquelas terras, e a fome foi **tão grande que** as mães comiam os filhos...]*

[51] Outrosy, hũa dona lhe trouue con deuaçõn tres escudellas de pao, e elhe as louuou muyto, mas **tanto** era de cõciencia **streyta** e singular, **que** nõ quis tomar nehũa cousa.

[51'] *[Outrossim, uma dona lhe trouxe com devoção três escudelas de pau e ele as louvou muito, mas era de consciência **tão dura e singular que** não quis aceitar coisa alguma.]*

Embora Mattos e Silva (1989) não tenha mencionado o elemento *tanto* como quantificador de advérbio, há 7 exemplos nos *corpora* analisados [52] a [58] quantificadores de tipo I, visto que quantificam sintagmas que, embora com função adverbial, têm, muitas vezes, uma base nominal substantiva. Como são em número reduzido, transcrevem-se todos eles:

[52] Quando Sam Paulo foy degolado, saltou logo a cabeça fora do corpo, e, depois que foy asy fora do corpo, chamou con uoz clara, per linguagem hebrayca dos judeus, o nome de Jhesu Christo, o qual nome era a elle muy doce en sua uida, e o elle nomeara **tam ameude** en suas epistolas, **ca** el nomeou o nome de Jhesu ou nome de Christo quinhentas uezes en suas epistolas.

[52'] *[Quando São Paulo foi degolado, a cabeça logo saltou fora do corpo e, depois que ficou assim fora do corpo, chamou com voz clara, com linguagem hebraica dos judeus, o nome de Jesus Cristo, cujo nome era a ele muito doce na sua vida e ele o nomeara **tão repetidamente** em suas cartas **que** ele nomeou o nome de Jesus ou nome de Cristo quinhentas vezes em suas cartas.]*

[53] E **tam marauilhosamente** me deleito ãnas uozes e ãnos doces cantares daquella celestial corte, **que** me lenbra daquello que diz o propheta Daud ãno salmo:...

[53'] *[E me deleito **tão maravilhosamente** nas vozes e nos doces cantares daquela celestial corte **que** me lembro daquilo que o profeta Davi diz no salmo:...]*

[54] E **tam bem** sabia caçar, **que** o escudeiro andaua caçando con elle todo o dia ataa a nocte per logares periigosos...

[54'] *[E sabia caçar **tão bem que** o escudeiro andava caçando com ele todo o dia até à noite por lugares perigosos...]*

[55] Ca ella **tam sagesmente** falaua e tã discretamente conselhaua e tam proueytosamente emduzia e amoestaua, **que** claramente parecia que o Senhor Deus, que ensyna sciencia a todo homen, siia e moraua en ella.

[55'] *[Pois ela **tão sabiamente** falava e tã discretamente aconselhava e tã proveitosamente induzia e admoestava **que** claramente parecia que o senhor Deus, que ensina ciência a todo homem, estava e morava nela.]*

[56] Ca ella tam sagesmente falaua e tã **discretamente** conselhaua e tam proueytosamente emduzia e amoestaua, **que** claramente parecia que o Senhor Deus, que ensyna sciencia a todo homen, siia e moraua en ella.

[56'] *[Pois ela tã **sabiamente** falava e tã **discretamente** aconselhava e tã proveitosamente induzia e admoestava **que** claramente parecia que o senhor Deus, que ensina ciência a todo homem, estava e morava nela.]*

[57] Ca ella tam sagesmente falaua e tã discretamente conselhaua e **tam proueytosamente** emduzia e amoestaua, **que** claramente parecia que o Senhor Deus, que ensyna sciencia a todo homem, siia e moraua en ella.

[57'] *[Pois ela tão sabiamente falava e tão discretamente aconselhava e **tão proveitosamente** induzia e admoestava **que** claramente parecia que o senhor Deus, que ensina ciência a todo homem, estava e morava nela.]*

[58] E ella me prometeu que o farya. E agora, tanto que foy degolada, ueeo a myn hũũ menino que me parece que non he mais de idade de quatro ãnos, e chamou-me a de parte e falou-me **tam perfectamente**, **que** a min parecia seer eu rustico ante el...

[58'] *[E ela me prometeu que o faria. E assim que foi degolada, veio a mim um menino que me parece que não tem mais de quatro anos e chamou-me em um canto e falou-me **tão perfeitamente** **que** a mim parecia que eu era rústico diante dele...]*

Finalmente, há 9 ocorrências de quantificador do tipo II [59] a [67] , ou seja, o elemento *tanto* intensifica um processo verbal. Também, transcrevem-se todos os exemplos, visto que são em número reduzido:

[59] Quando nace, dorme per tres dias e per tres noytes, e enton o padre **tanto ruge** e tanto se asanha, **que** faz acordar e leuantar o filho que dormia.

[59'] *[Quando nasce, dorme por três dias e por três noites, e então o pai **tanto ruge** e tanto se irrita **que** acorda e levanta o filho que dormia.]*

[60] Quando nace, dorme per tres dias e per tres noytes, e enton o padre tanto ruge e **tanto se asanha**, **que** faz acordar e leuantar o filho que dormia.

[60'] *[Quando nasce, dorme por três dias e por três noites, e então o pai tanto ruge e **tanto se irrita** **que** acorda e levanta o filho que dormia.]*

[61] E elle respondeo e dise: Esto non posso eu fazer per nehũa guisa, porque eu **tanto amo** Jhesu Christo, **que** o trago pintado e escolphydo ãno meu coraçom.

[61'] *[E ele respondeu disse: Isso eu não posso fazer de modo algum, porque eu **amo tanto** Jesus Cristo **que** o trago pintado e esculpido no meu coração.]*

[62] E elles som taaes como a sôõbra e como a jmagem que parece emno espelho. E **tanto se detêẽ** e ãbargam em elles, **que** perdem porẽ os bêẽs uerdadeiros, que som os celestriaaes.

[62'] *[E eles são tais como a sombra e a imagem que aparecem no espelho. E **tanto se detem e ambargam neles que perdem por isso os bens verdadeiros que são os bens celestiais.]***

[63] E elles som taaes como a sôõbra e como a jmagem que parece emno espelho. E **tanto se detêẽ** e ãbargam em elles, **que** perdem porẽ os bêẽs uerdadeiros, que som os celestriaaes.

[63'] *[E eles são tais como a sombra e a imagem que aparecem no espelho. E **tanto se detem e ambargam neles que perdem por isso os bens verdadeiros que são os bens celestiais.]***

[64] Asy he que Moyses foy casado con hũa raynha de hũa terra de Ethiopia, e el queria-sse partir della e hyr-sse pera sua terra, e ella **tanto o amaua, que** o non queria leixar per nehũa maneyra.

[64'] *[Assim é que Moisés foi casado com uma rainha de uma terra de Etiópia e ele queria se separar dela e ir para sua terra, e ela o **amava tanto que não queria deixá-lo de maneira alguma.]***

[65] E o sancto homẽ escusaua-se canto podia, e os parêtes e amigos do finado o **aficarõ tanto, que** o ouue de fazer.

[65'] *[E o santo homem escusava-se o quanto podia, e os parentes e amigos do falecido o **pressionaram tanto que ele teve de fazer.]***

[66] Hũu papa, que ouue nome Johãne, natural de Margantina de Ingraterra, foy molher, ca ella, seendo moça pequena, leuou-a hũu seu amigo aa cidade de Athenas en trayo de barõ, e **aprendeo tanto, que** foy sabedor ã muytas ciencias, en tal guisa que nõ auia nehũũ que fosse jqual a ella...

[66'] *[Um papa de nome Joana, natural de Margantina de Inglaterra, foi mulher, pois ela, sendo moça pequena, levou-a a um amigo seu na cidade de Atenas e a vestiu de homem e **aprendeu tanto que foi sabedor de muitas ciências de tal modo que não havia ninguém que fosse igual a ela...]***

[67]...e **deteu-sse tanto, que** trespassou aquella hora em que auia de chegar ao loguar, e perdeo poren o galardom que ouuera dauer.

[67'] [...e *deteve-se tanto que* passou a hora em que tinha de chegar ao lugar e perdeu por isso a recompensa que deveria receber.]

Os *corpora* [65] e [66] apresentam-se mais gramaticalizados, pois são empregados como atualmente, ou seja, de modo fixo. Isso ocorre porque a adjacência ou contiguidade é marca de fixação do posicionamento de *tanto que*.

O total de ocorrências de *tanto que/tanto...que* (e variantes) n'Orto do Esposo (século XV) observa-se no seguinte quadro:

Quadro 4: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) n'Orto do Esposo (século XV)		
Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>
94		2
Valor	Tipo	Total
Temporal	locução conjuntiva temporal	22 (19%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	63 (73%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	9 (8%)

### 3.4 Crônica dos reis de Bisnaga (século XVI)

Na *Crônica dos reis de Bisnaga* (século XVI), há 61 ocorrências de emprego temporal de *tanto que*, das quais 6 apresentam *tanto que* precedido da conjunção coordenada *e*, encadeadora de enunciado, seguido do advérbio de tempo *logo* e de outras expressões temporais equivalentes [68] a [73]:

[68] ...e com hũu terçado seu ho matou, e **tanto que** ho fez, mamdou sellar hũu cavallo em que **lloguo** cavalgou...

[68'] [...e com um golpe de espada o matou, e **assim que** o fez, mandou selar um cavalo em que **logo** cavalgou...]

[69] E **tanto que** foy noute, e as **oras chegadas**, elrey teve cuydado de se sahir...

[69'] [E **assim que** **escureceu** e as **horas chegaram**, o rei teve cuidado de sair...]



[70] e bota se no foguo contanto esforço que he pera espantar; e **tanto que** se lamça estão os parentes prestes com lenha que **logo** a cobrem...

[70'] [*e se coloca no fogo com tanto esforço que é de se espantar; e **assim que** se joga, os parentes estão prontos com lenha que **logo** a cobrem...*]

[71] E **tanto que** sobimos esta serra **logo** temos a terra chã...

[71'] [*E **assim que** subimos esta serra, **logo** temos a terra chã...*]

[72] e **tanto que** elrey ysto ouvyo mamdou **loguo** que [...] cortassem a cabeça a sessenta homens...

[72'] [*e **assim que** o rei ouviu isso, mandou **logo** que cortassem a cabeça de sessenta homens....*]

[73] e **tanto que o sol he posto** são **loguo** muytas tochas acesas...

[73'] [*e **assim que o sol se põe**, muitas tochas **logo** são acesas...*]

Há 5 ocorrências da expressão *tanto que*, as quais não estão precedidas da conjunção aditiva *e*, mas estão seguidas do advérbio de tempo *logo* e de outras expressões equivalentes [74] a [78]:

[74]...**tanto que** o pay foy morto, **llogo** toda a terra foy alevantada pellos capitãees...

[74'] [*...**assim que** o pai foi morto, **logo** toda a terra foi elevada pelos capitães...*]

[75]...asy lhe parecya a elle e aos seus que **tanto que** elrey soubesse que elle ally estava, que **llogo** o hiria buscar...

[75'] [*...**assim** lhe parecia e aos seus que, **assim que** o rei soubesse que ele estava ali, **logo** iria buscá-lo...*]

[76] **Tanto que veyo a allva** do dia seguinte, elrey, depois de feytas suas orações acostumadas [...] cavalgou em companhia dos mayns principaes senhores e capitães seus...

[76'] [***Assim que o dia clareou**, o rei, depois de fazer suas orações costumeiras [...] cavalgou em companhia dos seus principais senhores e capitães...*]

[77] e com paixão mamdou cortar a cabeça a Salebatação, que estava em Bisnaga, ho quoyal foy **lloguo** feyto **tanto que** virão seu recado.

[77'] *[e com paixão mandou cortar a cabeça de Salebatacão, que estava em Bisnaga, fato que ocorreu logo, assim que viram o seu recado.]*

[78] **tanto que** esta gente he dentro começo **logo** as molheres solteyras a bailhar...

[78'] *[assim que esta gente está dentro, logo as mulheres solteiras começam a bailar...]*

Em 26 ocorrências, *tanto que* está apenas precedido da conjunção coordenada *e*, encadeadora de enunciado ([79] a [84]):

[79] ... e levou lho, e **tanto que** chegou as portas do paço, mamdou a el rey hũu recado em como estava ally...

[79'] *[...e levou-o, e assim que chegou às portas do paço, mandou um recado ao rei de como estava ali...]*

[80] e mamdou lhe que entrasse, e **tanto que** entrou homde elle estava, lhe apresentou hũa batega d ouro...

[80'] *[mandou que ele entrasse e assim que entrou onde ele estava, lhe apresentou uma bandeja de ouro...]*

[81] e **tanto que** el rey chegou vyo a verdade da treyção...

[81'] *[e assim que o rei chegou viu a vedade da traição...]*

[82] e **tanto que** Narsenaque soube que era morto, e que ho mamdara matar, alevantou seu yrmão por Rey...

[82'] *[e assim que Narsenaque soube que era morto, e que o mandaram matar, elevou seu irmão a rei...]*

[83] e **tanto que** te virem em Chãodagary [...] vivemdo atee lly em sua liberdade, todos te ajudarão...

[83'] *[e assim que te virem em Chãodagari [...] vivendo até ali em liberdade, todos te ajudarão...]*

[84] E **tanto que** chegão no lugar onde hão de queimar lamção dinheiro segumdo podem...

[84'] *[E assim que chegam ao lugar onde hão de queimar, lançam dinheiro conforme podem...]*

As ocorrências somam 25 de *tanto que* seguido de elemento empregado anaforicamente ([85] a [89]):

[85] **Tanto que** el rey acabou **ho** que tanto desejava, mādou a seus capitães destruir algũs logares e villas...

[85'] [*Assim que o rei acabou o que tanto desejava, mandou a seus capitães destruir alguns lugares e vilas...*]

[86] **tanto que** a gente da cidade soube **da vimda d elles** [...] cerrarão as portas com pedra...

[86'] [*assim que a gente da cidade soube da vinda deles [...] cerraram as portas com pedra...*]

[87] **tanto que** entrão dentro **nesta casa** temdes de pillar a pylar sobre que ella estaa fumdada muytas covas pequenas...

[87'] [*assim que entram nessa casa, tendes de pilar a pilar sobre a qual estão fundadas muitas covas pequenas...*]

[88] **tanto que** passava por **elles** começavão de aballar...

[88'] [*assim que passavam por eles, começavam a se abalar...*]

[89]...tanto fizerão que derão outro cavallo a Salabatação; **tanto que** nelle foy não parecya senão raivoso lobo antre ovelhas...

[89'] [*... tanto fizeram que deram outro cavalo a Salabatação; assim que ele foi, não parecia outra coisa, senão lobo raivoso entre as ovelhas...*]

Há 5 ocorrências de *tanto que* como conjunção consecutiva, das quais 5 são de quantificador de tipo II, quantificador de processo verbal, [90] a [94]:

[90] ...**tanto temyão** os seus golpes, e cousas **que** fazião, que os deixavão hir, ...

[90'] [*...tanto temia os seus golpes e coisas que faziam que os deixavam ir...*]

[91] ...e **tanto entrarão** pella gente **que** se acharão junto com a batalha d elrey...

[91'] [*...e tanto entraram pelo meio da gente que se viram junto com a batalha do rei...*]

[92]...**tanto fizerão que** derão outro cavallo a Salabatação;

[92'] [...**tanto fizeram que deram outro cavalo a Salabatacão;**]

[93] e **tanto soube dizer** a elrey **que** o tirou de toda hira e sanha que contra ho ydallcão tinha...

[93'] [*e tanto soube dizer ao rei que lhe tirou toda ira e desejo de vingança que tinha contra o ydallcão...*]

[94] A gente della he bramca, e os homens de bõos corpos; o rey d ele he senhor de grande thisouro, e de muita gente, e de muytos alyfantes, porque neste reyno os ha mais, que sobem **tanto que** dizem que não ha outro mayor senhor que ele...

[94'] [*A gente dela é branca e os homens são de bons corpos; o rei dele é senhor de grande tesouro, de muita gente e de muitos elefantes, porque nesse reino os há mais, que sobem tanto que dizem que não há outro maior senhor que ele...*]

Como quantificador de tipo I, *tanto que* ocorre 15 vezes, das quais 13 quantificam um nome em função substantiva de [95] a [98] e 2 quantificam um nome em função adjetiva de [99] a [100]:

[95] E no tempo que Crisnarao foy sobre esta cidade era ymverno, pella quoyal causa a ribeira que a cercava hia tão grande, e levava **tanta augoa que** elrey não lhe podia fazer nenhũu dapno;

[95'] [*E no tempo em que Crisnarao esteve sobre esta cidade era inverno, com isso, a ribeira que a cercava ia tão grande e levava tanta água que o rei não lhe podia fazer nenhum dano;*]

[96] e d ally fez **tanta guerra a elrey Crisnarao, que** lhe foy necessaryo mamdar sobre elle muita gente...

[96'] [*e dali fez tanta guerra contra o rei Crisnarao que foi necessário mandar contra ele muita gente...*]

[97] e pomdo o por **hobra** fez **tanta que** atravessou a ylha de Ceyllão...

[97'] [*e pondo-o em trabalho, fez tanto que atravessou a ilha de Ceilão...*]

[98]...tomando a **gente** de pee, he **tanta que** cerca os valles e montes...

[98'] [...tomando a gente de pé, é tanta que cerca os vales e montes,]

[99] E no tempo que Crisnarao foy sobre esta cidade era ymverno, pella quoa causa a ribeira que a cercava hia **tão grande**, e levava tanta augoa **que** elrey não lhe podia fazer nenhũ dapno;

[99'] [*E no tempo em que Crisnarao esteve sobre esta cidade era inverno, com isso, a ribeira que a cercava ia **tão grande** e levava tanta água **que** o rei não lhe podia fazer nenhum dano;*]

[100]...estão feytos de madeyra hũus palamques estreytos muyto altos **tanto que** por cima dos muros erão vistos...

[100'] [*...são feitos uns palanques estreitos muito altos, **tanto (altos) que** eram vistos por cima do muro...*]

Há, também, 2 ocorrências que não se encaixaram nas características até aqui mencionadas, ou seja, não são quantificadores nem de tipo I nem de tipo II. Trata-se de expressão de realce, de evidência, empregada para evidenciar um fato anteriormente mencionado em [101] e em [102], sendo que *tanto* pode ser retirado sem haver perda de significação. Isso ocorre, pois os exemplos dos fatos em [101] e em [102] (*omde achaveis todas as carnes, convem a saber, carneiros, cabras, porcos, gallinhas, lebres, perdizes, e outras aves, e ysto em grande abastança; chegou gente do rey de Bisnaga, e a gente de Domaar, e asy outros muytos capitães com muyta em fimda gente*) mantém a quantificação representada por *tanto*. Opta-se por classificá-la como quantificador de tipo III, incidindo sobre argumentos, retomados anaforicamente:

[101] no bairro de cada capitão tem sua praça, omde achaveis todas as carnes, convem a saber, carneiros, cabras, porcos, gallinhas, lebres, perdizes, e outras aves, e ysto em grande abastança, **tanto que** vos parecia estardes na cidade de Bisnaga...

[101'] [*no bairro de cada capitão há uma praça, onde achareis todas as carnes, a saber: carneiros, cabras, porcos, galinhas, lebres, perdizes e outras aves; e isto com grande fartura, **tanto que** parecia estardes na cidade de Bisnaga...*]

[102] lhe chegou gente do rey de Bisnaga, e a gente de Domaar, e asy outros muytos capitães com muyta em fimda gente, **tanto que** asy forão todos juntos...

[102'] [*lhe chegou gente do rei de Bisnaga, e a gente de Domaar, e assim outros muitos capitães com uma infinidade de gente, **tanto que** assim foram juntos...*]

Em [101], a intensificação recai sobre os tipos de animais presentes na cidade; em [102], recai sobre o número de pessoas presentes que chegavam de regiões diferentes.

Essas duas últimas ocorrências equivalem a construções muito utilizadas no português contemporâneo, tal como:

- Você viu Solange ontem?
- Claro que sim.
- Tem certeza?
- Claro, **tanto que** falei com ela por alguns minutos.

Note-se que a expressão *tanto que* não tem como escopo de incidência um processo verbal ou um nome em função substantiva, adjetiva ou adverbial, e sim todo o conteúdo veiculado: a certeza de que viu Solange reside no fato de ter falado com ela por alguns minutos. Esse argumento serve para comprovar a veracidade do fato de ter visto Solange.

A presença desses dois exemplos nos permite afirmar que tal construção já começava a ser empregada naquela fase da língua, e não recentemente, como se imagina em um primeiro momento.

Eis um quadro das ocorrências de *tanto que/tanto...que* e variantes na obra analisada:

<b>Quadro 5: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) na <i>Crônica dos Reis de Bisnaga</i> (século XVI)</b>		
<b>Frequência <i>token</i></b>		<b>Frequência <i>type</i></b>
83		3
<b>Valor</b>	<b>Tipo</b>	<b>Totais</b>
Temporal	locução conjuntiva temporal	61 (73%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	15 (19%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	5 (6%)
Realce/evidência	Quantificador tipo III	2 (2%)

### 3.5 Corpora do século XVII

#### 3.5.1 Sermão de Santo Antônio aos peixes

No *Sermão de Santo Antônio aos peixes* (século XVII), encontram-se apenas uma ocorrência de *tanto que* com valor temporal [103], a qual não está precedida de conjunção coordenada aditiva nem de expressões que denotam tempo; apesar disso, há elemento empregado anaforicamente, caso do sintagma nominal *esta árvore*:

[103] mas também diz que **tanto que** foi cortada **esta árvore** as aves voaram e os outros animais...

[103'] [*mas também diz que, **assim que** foi cortada **esta árvore**, as aves e os outros animais voaram...*]

Há apenas 1 ocorrência de *tanto que* como quantificador de processo verbal [104]:

[104] Aqueles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto **multiplicaram tanto que** deram de comer a cinco mil homens...

[104'] [*Aqueles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto **multiplicaram tanto que** deram de comer a cinco mil homens...*]

Como quantificador de tipo I, identifica-se 1 ocorrência quantificando um nome em função substantiva [105]:

[105] Tendes todos quantos sois **tanto parentesco** e simpatia com a virtude, **que**, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe.

[105'] [*Tendes todos quantos sois **tanto parentesco** e simpatia com a virtude **que** Deus concede o melhor e mais delicado peixe, mesmo tendo proibido a pior e mais grosseira carne no jejum.*]

Há 11 ocorrências como quantificador de um nome em função adjetiva de [106] a [108]:

[106] Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna **tão parecida** à de Santo António em Arimino, **que** é força segui-la em tudo.

[106'] *[Quanto mais são em minha doutrina, qualquer que seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo Antônio em Aimin, **que** é melhor segui-la em tudo.]*

[107] Mas esta dor é **tão ordinária, que** já pelo costume quase se não sente.

[107] *[Mas esta dor é **tão ordinária que** quase não se sente já pelo costume.]*

[108] **Tão alheia** cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, **que**, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer!

[108'] *[É coisa **tão alheia**, não só da razão, mas também da mesma natureza, **que**, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer!]*

Como quantificador de um nome em função adverbial, há 2 ocorrências:

[109] só ele havia de ser constante até morrer, se fosse necessário; e foi **tanto** pelo contrário **que** só ele fraqueou mais que todos...

[109'] *[só ele seria constante até morrer, se fosse necessário; mas foi **tão** ao contrário, **que** só ele fraquejou, mais que todos...]*

[110] O mar está **tão** perto **que** bem me ouvirão.

[110'] *[O mar está **tão** perto **que** me ouvirão bem.]*

Tem-se, como ocorrências de *tanto que/tanto...que* (e variantes) no *Sermão de Santo Antônio aos peixes* (século XVII), o seguinte quadro:

Quadro 6: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) no <i>Sermão de Santo Antônio aos peixes</i> (século XVII)		
Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>
16		2
Valor	Tipo	Totais
Temporal	locução conjuntiva temporal	1 (5%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	14 (90%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	1 (5%)



### 3.5.2 *Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691*

No *Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691* (do final do século XVII), encontram-se 13 ocorrências de *tanto que*, das quais apenas uma foi empregada como locução conjuntiva de valor temporal ([111]), valor esse reforçado pelo emprego do advérbio de tempo *logo*:

[111] ...& que ao menos depois de estar algum tempo com o Damão, & Tomongôm, o deixassem ir ao Sindûm, o qual **tanto que** tivesse noticia, **logo** o viria buscar...

[111'] [...e que ao menos depois de estar algum tempo com Damão e Tomungum, deixassem-no ir a Sindum, de onde, **assim que** tivesse notícia, **logo** viria buscá-lo...]

Uma ocorrência apresenta a locução *tanto que* empregada como modificador do processo verbal, ou seja, como modificador de tipo II ([112]):

[112] Logo depois deste recado chegou o Angã com o presente do Damão, que constava de huns bem curiosos cestinhos de palha, & cãna, de ervas odoríferas, & de outras cousas, entre as quaes vinhão huns bollinhos cheirosos, que **estimão tanto, que** se não concedem, senão a pessoas muito grandes...

[112] [*Logo depois desse recado, chegou o Angã com o presente do Damão, que constava de uns bem curiosos cestinhos de palha e cana, de ervas aromáticas e de outras coisas, entre as quais vinham uns bolinhos cheirosos, que valem tanto que não se dão a não ser a pessoas muito importantes...*]

As demais, em um total de 11 ocorrências, são todas de tipo I (7 modificam um nome em função substantiva como em [113] e 4 modificam um nome em função adjetiva como em [114] e em [115]):

[113] Foraõ de **tanta admiração** estas festivas demonstrações, **que** hum Capitaõ Mouro mandou para ajuda dos gastos hum pouco de ouro...

[113'] [*Essas festivas demonstrações foram de tanta admiração que um capitão mouro mandou um pouco de ouro para ajuda dos gastos...*]

[114] ...& foi **tão grande** a carga de pimenta, & outros generos, **que** não a podendo levar todaa embarcação (...) deixarão grande parte em terra...

[114] [...e foi **tão grande** a carga de pimenta e de outros gêneros **que**, não a podendo levar toda na embarcação, deixarão grande parte em terra...]

[115] O Capitão, (...) condescendeo com os rogos daquelles Principes, de que ficarão **tão alvoroçados**, **que** hum delles pediu hũa faca para tirar sangue dos braços...

[115] [*O Capitão, (...) condescendeu com os pedidos daqueles príncipes, os quais ficaram tão alvoroçados que um deles pediu uma faca para tirar sangue dos braços...*]

Tem-se, então, como quadro geral de ocorrências:

<b>Quadro 7: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) no <i>Compêndio da relação, que veio da Índia do ano de 1691</i> (século XVII)</b>		
<b>Frequência <i>token</i></b>		<b>Frequência <i>type</i></b>
13		2
<b>Valor</b>	<b>Tipo</b>	<b>Totais</b>
Temporal	Locução conjuntiva temporal	1 (7%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	11 (86%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	1 (7%)

### 3.6 *Corpora* do século XIX

#### 3.6.1 *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao*

Nesse *corpus* do século XIX, encontram-se 25 ocorrências, das quais uma é temporal, mas com uma estrutura bem diferente daquelas temporais analisadas até aqui [116]:

[116] A este tempo unem se as embarcações; Barreto é o primeiro que trépa pelo Taó acima, e **tão depressa** pôde firmar os pés sobre a tolda inimiga, cantou victoria...

[116] [*Nesse tempo, unem-se às embarcações; Barreto é o primeiro que sobe pelo Tao acima e tão depressa pôde firmar os pés sobre a tolda inimiga, cantou vitória...*]

O modo de construção dessa ocorrência apresenta-se diferente das demais até aqui analisadas, visto que não ocorre o emprego de *tanto que*, e sim apenas de um dos elementos do par correlativo (*tão*); o segundo elemento (*que*) apresenta-se elíptico, mas pode ser retomado:

*Barreto é o primeiro que sobe pelo Tao acima e tão logo pôde firmar os pés sobre a tolda inimiga, cantou vitória...*

Como se pode observar, o elemento *tão* próximo do substantivo *depressa* constrói a leitura temporal.

As demais ocorrências, em um total de 24, apresentam [117] de quantificador verbal, ou seja, de tipo II:

[117] Tributamos tão grande respeito a nossos maiores, que não podemos prescindir deste seu costume; e **presamos tanto** a V. S.a, **que** para não o ferir a vara da Justiça mandamo-la segurar.

[117'] [*Tributamos tão grande respeito a nossos superiores que não podemos prescindir desse seu costume; e prezamos tanto V.S.a que, para a vara da Justiça não o ferir, mandamo-la segurar.*]

Há 3 ocorrências de quantificadores de nomes em função substantiva (tipo I) como [118]:

[118] **Tanto medo** tinham de Cam-pau-sai, **que** nem ao lado dos portuguezes se atreviam acommettelo.

[118] [*Tinham tanto medo de Cam-pau-sai que nem não se atreviam a enfrentá-lo nem ao lado dos portuguezes.*]

Em 20 ocorrências, há quantificadores de nomes em função adjetiva (tipo I) como em [119] e em [121]:

[119] Os macaenses são **tão zelozos** das suas liberdades, **que** até na meza das sessões do Governo tiraram ao Presidente a regalia de ficar isolado no extremo della.

[119] [*Os macaenses são tão zelozos das suas liberdades que até na mesa das sessões do Governo tiraram a regalia do Presidente de ficar isolado na cabeceira.*]

[120] Os nossos estavam já **tão praticos** nos canaes das ilhas da China, **que** os piratas apenas lhe escapavam nos pequenos rios, onde os nossos vasos não podiam entrar.

[120] [*Os nossos já estavam tão práticos nos canais das ilhas da China que os piratas apenas escapavam deles nos pequenos rios...*]

[121] Tomaram os mandarins calor **tão ardente**, **que** não deixavam passar um dia sem repetirem intimações para que os ingleses saíssem de Maçau...

[121] [*Os mandarins foram motados de um ímpeto tão ardente que não deixavam passar um dia sem repetirem intimações para que os ingleses saíssem de Macao...*]

As ocorrências de *tanto que/tanto...que* (e variantes) na *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao* (século XIX) enquadram-se em:

Quadro 8: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) na <i>Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao</i> (século XIX)		
Frequência <i>token</i>		Frequência <i>type</i>
25		2
Valor	Tipo	Totais
Temporal	Locução conjuntiva temporal	1 (3,5%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	23 (93%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	1 (3,5%)

### 3.6.2 *Descobrimto das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães (1898)*

Nesse *corpus* do final do século XIX e quase início do século XX, não se identifica o emprego de *tanto que* com valor temporal. Nas 26 ocorrências nele constantes, há 2 que quantificam o processo verbal [122] e [123]:

[122] N'esta guerra se **excedeu tanto** em valor **que**, a par do ferimento que recebeu em uma perna, de que ficou coxeando, lhe foi dado o posto de quadrilheiro-mór, ou capitão de uma companhia...

[122'] [*Nessa guerra se **excedeu tanto que**, a par do ferimento que recebeu em uma perna, da qual ficou coxo, foi-lhe dado o posto de quadrilheiro-mór ou capitão de uma companhia...*]

[123] O escudo das suas armas ia ser picado, o nome da sua familia execrado, apontado ao desprezo; e elle **estimava tanto** os pergaminhos de seus antepassados, o seu nome, a sua patria, **que**, ao apartar-se d'ella pela primeira vez, recommendara a seus herdeiros, nas desposições testamentarias, que lhe guardassem o seu escudo de armas e o transmitissem aos seus descendentes.

[123'] [*O escudo das suas armas seria picado, o nome da sua família, execrado, apontado ao desprezo, e ele **estimava tanto** os pergaminhos de seus antepassados, o seu nome, a sua pátria **que**, ao apartar-se dela pela primeira vez, recomendara a seus herdeiros, nas disposições testamentárias, que guardassem o seu escudo de armas e o transmitissem aos seus descendentes.*]

Em 4, há quantificação de nomes em função substantiva como em [124]:

[124] ...e com **tanta proficiência** discutiu os seus planos **que** conseguiu desvanecer todas as duvidas no espirito de Carlos V...

[124] [*...e discutiu seus planos com **tanta proficiência que** conseguiu dissipar todas as dúvidas do espírito de Carlos V...*]

Há 13 que quantificam um nome em função adjetiva como em [125] e em [126]:

[125] A tempestade foi **tão violenta que** rasgou todo o panno da caravella...

[125] [*A tempestado foi **tão violenta que** rasgou todo o pano da caravela...*]

[126] O frio, porém, era **tão intenso que** os operarios mal podiam fazer uso das mãos...

[126] [*O frio, porém, era tão intenso que os operários mal podiam fazer uso das mãos...*]

[127] e [128] quantificam uma expressão adverbial:

[127] **Tão bem** se entenderam, **que** o rei da ilha de Masavá veio a bordo fazer os seus cumprimentos a Magalhães...

[127] [*Entenderam-se tão bem que o rei da ilha de masavá veio a bordo fazer os seus cumprimentos a Magalhães...*]

[128] Assim entabularam os navegantes relações com a gente da ilha de Masavá que **tão bem** os recebeu, **que** a frota ali se demorou até 4 de abril...

[128] [*Assim os navegantes criaram relações com a gente da ilha de Masavá, que os recebeu tão bem que a frota se demorou ali até 4 de abril....*]

Nesse *corpus*, também encontram-se 5 ocorrências de quantificador de tipo III, ou seja, quantificador de realce/evidência de algo mencionado ([129] a [132]). Em todas elas, tem-se a expressão *tanto que* precedida da conjunção coordenada aditiva *e*, embora nesses contextos ela não seja necessária, conforme se verifica no uso atual dessa expressão como elemento de realce/evidência:

[129] Este piloto, que era muito entendido em cosmographia, parece que tinha seus agravos de Magalhães, e, ou por este motivo, ou porque ia doente, **e tanto que** morreu depois na viagem...

[129] [*Esse piloto, que era muito entendido em cosmografia, parece que tinha seus problemas com Magalhães e, ou por esse motivo, ou porque estava doente, tanto que morreu depois da viagem...*]

[130] Não foram as tempestades que difficultaram a marcha, porque essas felizmente não assaltaram os navegantes n'aquelle mar, **e tanto que** estes lhe chamaram mar Pacifico...

[130] [*Não foram as tempestades que difficultaram a marcha, porque essas felizmente não assaltaram os navegantes naquele mar, tanto que eles lhe chamaram mar Pacífico...*]

[131] O rei de Masavá mostrou-se muito reconhecido a Magalhães **e tanto que**, pedindo este para com elle trocar viveres por fazendas, o rei lhe mandou arroz e do mais que tinha...

[131] [*O rei de Masavá mostrou-se muito reconhecido a Magalhães, **tanto que**, ao lhe pedir para com ele trocar víveres por fazendas, o rei lhe mandou arroz e de tudo o mais que tinha...*]

[132] O regulo que não quizera reconhecer a auctoridade dos estrangeiros, chamava-se Silapulapú; mas outro regulo da mesma ilha, chamado Lula, mostrou-se mais docil, **e tanto, que** prometteu a Magalhães o mandar-lhe presentes em troca dos que d'elle recebera.

[132] [*O régulo que não quisera reconhecer a autoridade dos estrangeiros chamava-se Silapulapu, mas outro régulo da mesma ilha, chamado Lula, mostrou-se mais dócil, **tanto que** prometeu a Magalhães mandar-lhe presentes em troca do que ele recebera.*]

Em [133], encontra-se o emprego do intensificador *mais* junto a *tanto que*, conferindo ao contexto uma leitura de ênfase, de reforço, de acréscimo, de inclusão de argumento:

[133] Sem navios nem meios para os adquirir e aprestar, sem nada poder esperar do rei que o desprezara, tinha fatalmente que recorrer a Castella, **tanto mais, que** para realizar a sua viagem, não querendo abeirar-se de terras portuguezas, precisava tocar em terras sujeitas á Hespanha e onde não era permittido estabelecer trafico sem auctorisação do rei de Castella.

[133] [*Sem navios nem meios para adquiri-los e aprontá-los, sem nada poder esperar do rei que o desprezara, tinha fatalmente que recorrer a Castela, **tanto mais que**, para realizar a sua viagem, não querendo abeirar-se de terras portuguesas, precisava tocar em terras sujeitas à Espanha e onde não era permitido estabelecer tráfico sem autorização do rei de Castela.*]

Essa proposta de leitura de acréscimo de informação é possível com a substituição de *tanto mais que* por *ainda mais que*:

*Sem navios nem meios para adquiri-los e aprontá-los, sem nada poder esperar do rei que o desprezara, tinha fatalmente que recorrer a Castela, **ainda mais que**, para realizar a sua viagem, não querendo abeirar-se de terras portuguesas, precisava tocar em terras sujeitas à Espanha e onde não era permitido estabelecer tráfico sem autorização do rei de Castela.*

Opta-se pela inclusão dessa ocorrência junto àquelas de realce, de evidência, visto que se trata de recurso linguístico utilizado para inserir um argumento a mais para a construção do enunciado. De [129] a [132], o quantificador *tanto* pode ser suprimido sem perda de sentido nessas ocorrências. Assim, tem-se o quadro geral de ocorrências do século XIX:

<b>Quadro 9: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) no <i>Descobrimento das Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães (1898)</i> (final do século XIX)</b>		
<b>Frequência <i>token</i></b>		<b>Frequência <i>type</i></b>
26		3
<b>Valor</b>	<b>Tipo</b>	<b>Totais</b>
Temporal	Locução conjuntiva temporal	0 (00,0%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	19 (73,0%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	2 (7,69%)
Realce/evidência	Quantificador tipo III	5 (19,2%)

### 3.7 Discussão

Têm-se já no total de ocorrências de *tanto que* e de suas variações (*tão*, *tanto*, *tanta*, *tantos*, *tantas*), uma porcentagem maior das consecutivas para com as temporais. Essa porcentagem maior torna-se única com o passar dos séculos. Pode-se afirmar que o *corpus* pesquisado apresenta 284 ocorrências *token*, enquanto apresenta três modos *type*, sendo 55% (quantificador tipo I) e 8% (quantificador tipo II) formado de valor consecutivo, 63% formado de valor temporal e 7% de valor de realce/evidência (quantificador tipo III):

<b>Quadro 10: Ocorrências de <i>tanto que/tanto...que</i> (e variantes) no <i>corpus</i> dos séculos XIII, XIII~XIV, XV, XVI, XVII e XIX</b>		
<b>Frequência <i>token</i></b>		<b>Frequência <i>type</i></b>
284		3
<b>Valor</b>	<b>Tipo</b>	<b>Totais</b>
Temporal	Locução conjuntiva temporal	100 (35%)
Consecutivo	Quantificador tipo I	156 (55%)
Consecutivo	Quantificador tipo II	21 (8%)
Realce/evidência	Quantificador tipo III	7 (2%)



As ocorrências temporais destacaram-se por meio da presença de *logo* e por adjacência. As consecutivas, por sua vez, destacaram-se por antecedentes coordenados para uma consecutiva.

As classes de palavras como um todo também caracterizam a consecução, ao contrário das ocorrências temporais que quando são antecedidas, apresentam a conjunção aditiva e, em único caso, apresentam o advérbio *cá*, já que *tanto que* temporal sempre inicia a oração. A adjacência se dá como característica prototípica temporal, enquanto a característica mais presente no *corpus* para a consecução é a descontinuidade, o que comprova a interdependência nas correlativas por meio de *tanto que*, o qual não possui obrigatoriedade de estar adjacente, confirmando o que Módolo (2008) afirma sobre a pouca ocorrência de adjacência.

Os antecedentes coordenados para uma consecutiva também indicam a diferença do comportamento sintático das temporais, porque não fazem correlação, para permitir antecedentes coordenados. A anteceção de *tanto* em orações consecutivas é em sua maior parte feita por verbos. No entanto, mesmo quando há oração, substantivo, pronome, preposição, vírgula, advérbio, ou conjunção antecedendo *tanto*, esses elementos constroem, com o verbo presente na oração em que estão, a ação que *tanto* descreve. Nas orações temporais, *tanto* é antecedido duas vezes por advérbio e, na sua maior parte, pela conjunção *e* ou inicia o período, sendo temporal antecedido de ponto final ou de oração. Nesse caso, *tanto* não está marcando a qualificação da ação, através de consequência, como na consecutiva, mas demarca o tempo da oração que compõe, não fazendo correlação com a ação de outra oração como se faz na consecutiva.

Além disso, observa-se a frequência de *logo* que aponta para a gramaticalização de *tanto que*, o qual, por sua vez, aponta para a existência da correlação. A presença de *logo* ocupa o lugar temporal com o passar do tempo, havendo a ausência de *tanto que* temporal no século XIX.

Diante da polêmica da correlação, o nível de gramaticalização encontrado contribui para desmistificar esta questão. Observa-se a diferença entre *tanto que* temporal e *tanto que* consecutivo, em que os termos temporais não constroem o significado de tempo, se analisados separadamente. Quanto à consecução, os elementos *tanto* e *que* constroem seu sentido, com ou sem adjacência, de modo que uma parte se localiza em uma oração e a outra parte se localiza na outra oração:

[22] De fremosura averam **tanta que** vencerã o sol de clarydade. (*Visão de Túndalo*)

[22'] [*Tanta da formosura tinham, que venceram da claridade do sol.*]

Nesse caso, por exemplo, poderia haver:

**Tanta** da formosura tinham **que** venceram da claridade do sol .

Tanto da forma adjacente como aparece no *corpus*, como da forma hipotética, percebe-se que *tanto* reforça o sentido da oração *da formosura tinham*, enquanto *que* faz uma ponte entre a oração intensificada e a oração *venceram da claridade do sol*, a qual se refere à consequência da oração intensificada por *tanta*.

A posição gramaticalizada e prototípica de *tanto que* temporal indica sua classificação como Oração Subordinada Adverbial Temporal, enquanto a posição de *tanto que* consecutivo demonstra esse lado da polêmica de classificar as orações consecutivas como correlatas ou subordinadas, quando se observa a variação ocorrida com essa formação.

Quanto às antecedências coordenadas para uma mesma consecução, esta característica indica particularidades da correlação e da subordinação. Isso aponta para uma particularidade correlativa destacada por Módolo (2004), o desdobramento em duas expressões realizado nas correlativas. Desse modo, as temporais se fundem em uma única significação temporal, não possibilitando nenhum desdobramento. Por essa mesma razão, não se tem esse desdobramento correlativo de mais de uma oração para uma consecutiva nas subordinadas temporais.

Portanto, percebe-se também que entre as subordinadas e as correlatas não há um mesmo comportamento, observando-se os níveis de gramaticalização desses. Os princípios de Lehmann (1985) apontam a obrigatoriedade e a fixação observadas em *tanto que* temporal, quanto ao não desdobramento, que impede o uso de vírgula separando estes elementos e que não permite a existência de mais de uma oração para uma mesma temporal como na consecutiva.

Na ocorrência de classificação temporal, *tanto que* é indissolúvel, diferente de *tanto que* consecutivo, em que *tanto* exerce intensificação em uma parte da oração e *que* exerce a introdução do fato consecutivo, como acima se observa a intensificação de *fremosura* e a introdução da vitória da claridade.

Os princípios de Hopper (1991) indicam que *tanto que* temporal tem um nível de gramaticalização mais avançado do que *tanto que* consecutivo, pois se desenvolve em todos os princípios colocados por esse autor. A estratificação pode ser observada entre *tanto que* temporal e *tanto que* consecutivo como camadas emergentes que partiram do advérbio ou do adjetivo formando as locuções conjuntivas. Quanto à divergência percebe-se *tanto* ligado com *que* na formação temporal de modo que juntos constroem um único sentido, não construindo significação separadamente, como foi acima exemplificado pelos princípios de Lehmann (1995, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007).

Na construção consecutiva, pelas variações e pela formação de correlação, que apresenta dois eixos argumentativos, percebe-se que *tanto* se comporta com mais autonomia do que na formação temporal, pois retoma termos da frase e faz variação, conforme esses termos, o que não se dá temporalmente:

[19] ...e arredor del estavã **tantas** almas **que** nõ ha homẽ que as podesse contar. (*Visão de Túndalo*)

[19'] [*e ao redor dela estavam tantas almas que não há homem que as pudesse contar*]

Há intensificação de *almas* por *tantas* que se flexiona em gênero e em número (feminino e plural), conforme o substantivo *almas* se apresenta nesse mesmo gênero e número.

Observa-se a especialização com a forma *tanto que* (e variantes) sendo reduzida para o sentido consecutivo. Nota-se sua ocorrência, sendo citada como prototípica, até os dias atuais, por pesquisadores do assunto, o que não ocorre com *tanto que* temporal, o qual não é mais usado atualmente. Na formação consecutiva há a persistência de características do adjetivo como a flexão citada, o que não ocorre com *tanto que* temporal, que se comporta como o advérbio. Têm-se a descategorização e a inexistência de *tanto que* temporal nos dias atuais como características de um nível mais elevado de gramaticalização, diferente de *tanto que* consecutivo que não passou por essa descategorização ou desuso.

*Tanto que* temporal apresenta-se com características mais prototípicas: não se flexiona (em gênero e em número) e encontra-se em adjacência. *Tanto que* consecutivo indica a correlação através de suas características gramaticalizadas, pois a possibilidade de adjacência a diferencia claramente da posição fixa que a subordinada temporal apresenta. Isto aponta a interdependência na correlação, porque indica o funcionamento de *tanto* em uma oração que está conectada ao sentido consecutivo de outra oração pelo elemento *que*.

Além disso, os gêneros textuais dos *corpora* foram propícios para as ocorrências temporais e as consecutivas, pois estão relacionados à cronologia e à relação causa/consequência: narrativa de costumes (século XIII); hagiografia (século XIII~XIV); crônicas (*corpus* do século XV); narrativa (*corpus* do século XVI); sermão e documento histórico (século XVII); narrativas históricas (século XIX). Observa-se um total de ocorrências consecutivas superando o número de ocorrências temporais quanto ao *corpus* total, o que indica um avanço das consecutivas, para com as ocorrências temporais. As crônicas propiciam mais espaço para a consecução do que para a temporaneidade, mas essa superou o número de ocorrências consecutivas, no século XVI, mesmo se tratando de *corpora* desse gênero. Mesmo

que as narrativas tenham proporcionado um espaço facilitador para a temporaneidade, pois estão diretamente ligadas à cronologia dos fatos, a consecução é apresentada em número superior em todo o *corpus*, comparado ao número de ocorrências temporais.

Diante de um quadro teórico instável quanto à definição das teorias abordadas sobre funcionalismo, sobre gramaticalização e sobre articulação de orações, focalizam-se pontos comuns e incomuns dessas teorias na descrição de *tanto que* consecutivo e temporal e de suas variações (*tão, tantos, tanta, tantas*). Retoma-se o que Nascimento (1990, *apud* Neves, 1997) afirma ao considerar o formalismo ou o funcionalismo como única opção capaz de em si tratar o fenômeno da linguagem.

Observa-se a adaptação de *tanto* advérbio ou adjetivo para *tanto que* temporal e consecutivo, sendo que a formação consecutiva apresenta relações com o adjetivo, enquanto a formação temporal apresenta uma mesma forma de gênero e de número, não possuindo as mesmas variações do adjetivo, caracterizando-se como o advérbio. Conforme Castilho (2004), as ciências dos sistemas complexos, a adaptação, a auto-organização e a simultaneidade podem ser observadas como um dos pontos de interesse. Segundo esse autor, essa teoria como afirmadora da gramaticalização como processo de criação linguística multissistêmica considera a lexicalização, a semantização, a discursivização e a gramaticalização.

Quanto à gramaticalização, a ativação de novas propriedades gramaticais, pode ser observada nos dois sentidos resultantes da união de *tanto* e de *que* formando as tradicionais locuções conjuntivas de tempo e de consequência, havendo mudanças em *tanto* para com o aspecto adverbial e adjetival devido às novas funções de locuções conjuntivas. A formação temporal aproxima-se mais das características adverbiais do que a consecutiva que apresenta as variações realizadas pelo adjetivo.

As mudanças e a unidirecionalidade, que, segundo Traugott e Heine (1991), não constituem garantia de gramaticalização, podem ser observadas no *corpus*. Quando o advérbio ou adjetivo se junta ao *que* e constitui a formação de locução conjuntiva, há mudança. Nas diferenças apresentadas pelo termo *tanto* na formação temporal, em que a adjacência é prototípica e em que *tanto* não varia como antes, observa-se certa unidirecionalidade. A definição de gramática que para Hopper (1991) encaminha a revelação da gramaticalização com a demonstração da emergência de regularidades como a adjacência de *tanto que* nas temporais e as variações das locuções consecutivas.

Dos princípios de Lehmann (1985) que podem ser observados melhor na morfologização, pode-se observar a obrigatoriedade e a fixação na construção temporal, pois não há como funcionar sem a adjacência estabelecida, enquanto essa fixação e obrigatoriedade de adjacência

não ocorrem com a formação consecutiva. Quanto às variações (*tão, tanta, tantas, tanto*), observa-se que na consecução há a flexão de *tanto* à palavra a que se refere, enquanto que na formação temporal, tem-se a obrigatoriedade e a fixação da forma no masculino e no singular para o termo *tanto*, não remetendo a nenhum termo anterior, intercalado ou posterior a esse. A formação temporal apresenta-se em posição mais fixa, sendo considerada mais gramaticalizada do que a formação consecutiva que apresenta variação entre a adjacência ou não, entre a flexão ou não, entre possuir ou não vírgula separando *tanto* de *que*, entre a presença ou não de preposição antecedendo *tanto*, entre a possibilidade de *que* vir antes de *tanto*, entre a ocorrência ou não de antecedência de coordenadas para uma consecutiva. A formação temporal é apresentada em adjacência, não se verificando o uso de vírgula e a presença de antecedentes coordenados como para uma consecutiva.

Observando-se os cinco princípios de Hopper (1991), a estratificação pode ser observada entre *tanto que* temporal e *tanto que* consecutivo como camadas emergentes que partiram do advérbio ou do adjetivo, formando-se as locuções conjuntivas. *Tanto que* com sentido temporal não quantifica, mas indica sequência temporal do que acompanha, enquanto que *tanto que* com sentido consecutivo, quantifica o que acompanha, como pode ser observado no *corpus*, por exemplo, quanto ao verbo, ao substantivo ou outra classe de palavra que *tanto que* consecutivo quantifique.

Quanto à divergência, percebe-se *tanto* ligado com *que* na formação temporal de modo que juntos constroem um único sentido (*quando, assim que*) não apresentando significação separadamente. Na construção consecutiva, pelas variações (*tão, tanta, tantas, tantos*) e pela formação de correlação, que apresenta dois eixos argumentativos, segundo Módolo (2004), percebe-se que *tanto* se comporta com mais autonomia do que na formação temporal, pois retoma termos da frase, como substantivos, e se flexiona (em feminino, em plural), o que, conforme o autor, não se dá temporalmente. Com isso, a locução *tanto que* apresenta funções diferentes concomitantemente no *corpus* pesquisado, ora com frequência maior do sentido temporal, ora com frequência maior do sentido consecutivo.

Apesar das ocorrências temporais superarem as consecutivas nesse *corpus*, observa-se a especialização com a forma *tanto que* sendo reduzida para o sentido consecutivo ao notar sua ocorrência, sendo citado como prototípica até os dias atuais, por exemplo, por Módolo (2008), o que não ocorre com *tanto que* temporal, o qual não é mais usado atualmente. Com a presença de *logo* ao lado de *tanto que* temporal, com o passar dos séculos o sentido consecutivo tem aumento e *tanto que* (e variantes) com valor consecutivo assume esse sentido totalmente com a ausência de *tanto que* temporal no século XIX do *corpus* pesquisado.

Na formação consecutiva há a persistência de características do adjetivo como a flexão, o que não ocorre com *tanto que* temporal. A restrição do uso de *tanto que* consecutivo se dá na posição inicial da frase que não ocorre, pois depende do que quantifica, do que remete anteriormente, para apresentar a consequência.

Há descategorização quanto à formação temporal, pois não quantifica e deixa de existir quanto à locução adverbial temporal. Por outro lado, *tanto que* consecutiva tem a característica da flexão e da quantificação de origem adjetiva.

A emergência da nova categoria, locução conjuntiva, em *tanto que* caracteriza o que Lichtenberk (1991) classifica como consequência prototípica. Outra consequência, segundo esse autor, é a perda da categoria gramatical que se observa na passagem do adjetivo e do advérbio *tanto* às locuções conjuntivas, em que *tanto* em função temporal não intensifica e/ou qualifica algum termo. Isso confirma a colocação de Cunha (2008) sobre o desenvolvimento de novas funções gramaticais, sendo que se define um traço gramatical como essencialmente frequente, segundo Perini (1989, *apud* Costa, 2004).

Desse modo, *tanto que* deixa de ter gramaticalmente função temporal no século XIX, segundo o *corpus* pesquisado. Isso pode ser comprovado pelo exemplo abaixo que já não apresenta a consecução, mas apresenta a estrutura *tão depressa* indicando temporaneidade também:

[258] A este tempo unem se as embarcações; Barreto é o primeiro que trépa pelo Taó acima, e **tão depressa** pôde firmar os pés sobre a tolda inimiga, cantou Victoria

[258'] [*Nesse momento, as embarcações; Barreto é o primeiro que sobe pelo Taó acima, e tão depressa pôde firmar os pés sobre a tolda inimiga, cantou vitória*]

Essa estrutura, como se pôde observar em todo *corpus* pesquisado, não é uma estrutura comum à temporaneidade e nem mesmo à consecução. Desse modo, indica a não estaticidade da língua, caminho percorrido pela gramaticalização.

Assim, foram analisadas todas as ocorrências da locução conjuntiva formada por *tanto que*, quer empregada contiguamente, quer empregada separadamente. Observam-se os seguintes aspectos morfossintáticos nas construções com *tanto que/tanto...que*:

a) quando o seu emprego é temporal, há a presença de advérbios de tempo, tais como *logo*, *agora*, ou outro sintagma que expresse tempo, os quais enfatizam o valor temporal de *tanto que*; além disso, o emprego de *tanto que* após conectivos coordenativos evidencia uma relação de

tempo com a ação expressa na oração antecedente, assim como a presença de elemento(s) empregado(s) anaforicamente, fato que comprova que o valor temporal está atrelado a algo anteriormente mencionado;

b) quando o emprego de *tanto que* é consecutivo (com ou sem presença de antecedentes coordenados para uma consecutiva), observa-se se ocorre o seu emprego de forma contígua ou não e, se contígua, sobre qual elemento recai o item *tanto*: se sobre a forma verbal, daí ser invariável, ou se sobre sintagmas masculinos e femininos, com os quais concorda, propiciando ênfase sobre eles.

c) quando o emprego de *tanto que* é de evidência, observa-se que seu emprego recai na argumentatividade da oração.

Com isso, as estruturas rígidas de *tanto que* temporal e de *tanto que* consecutivo convêm à pancronia que Neves (2001) destaca no processo de gramaticalização, o que Martellota (2003) aponta como a intensificação do processo de fixação e de regularização de elementos. No entanto, tem-se aqui um estudo diacrônico ao acompanhar o trajeto de *tanto que* como estrutura temporal até o século em que não aparece mais.

## Considerações finais

No *corpus* pesquisado dos séculos XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII e XIX, chega-se a duas funções de *tanto que*: temporal e consecutiva. Estas duas funções demonstram níveis de gramaticalização, segundo os princípios de Hopper (1991, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007) e de Lehmann (1995, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007).

Com o objetivo de identificar o que promove o uso de *tanto que* exclusivamente com o valor consecutivo e em que século isso ocorre, percebe-se que a totalidade das ocorrências temporais apresenta-se de modo adjacente, (apresentando *tanto que* sem elemento intercalado entre *tanto* e *que*, não havendo separação dessa formação) enquanto 17 ocorrências consecutivas de modo adjacente representam 15% do número total de ocorrências nesse sentido. Desse modo, ocorrem elementos intercalados entre as consecutivas, o que não ocorre com as temporais por apresentarem-se todas em adjacência. Outra particularidade das consecutivas é a ocorrência de *que* antes de *tanta*, o que por não construir sentido nas ocorrências temporais, não existe no modo temporal. A consecução apresenta, também, flexões de número e de gênero como em um adjetivo, o que não ocorre no sentido temporal, pois há a perda das características adjetivais para apresentar-se como locução conjuntiva temporal. Quanto aos gêneros textuais, como as consecutivas foram superando as temporais progressivamente com o passar dos séculos, esses auxiliam na demonstração do processo de gramaticalização; pois o último século apresentado (XIX) propicia mais a apresentação de dados temporais, mas, mesmo assim, constata-se a ausência desses já nesse século.

*Tanto que* se apresenta mais prototípico em orações temporais, o que indica maior gramaticalização, quando comparado a sua presença em orações consecutivas. Tradicionalmente, gramáticos como Almeida (1994), Cegalla (1989) e Cunha (1967) nem mencionam a questão da correlação, mas autores como Módolo (2004), Rosário (s/d), Camara Jr. (2009), Oiticica (1952) e Melo (1959 e 1970) tratam desse assunto, realçando diferenças entre a prototipia encontrada nas ocorrências temporais e nas características das consecutivas. Por meio dos *corpora* desse trabalho, podem-se afirmar, também, as diferenças demonstradas por autores que tratam da correlação, as quais correspondem ao distanciamento dos *corpora* consecutivos para com os temporais, reafirmando a existência da correlação.

Assim, esse trabalho contribui para a desmistificação da polêmica gerada entorno da correlação que deve ser, ainda, estudada e pesquisada, para que haja um futuro consenso ou, pelo menos, um posicionamento menos distanciado entre os autores. Contribui, também, para a



descrição da gramaticalização de *tanto que*, o qual é encontrado funcionando como temporal e consecutivo do século XIII ao século XVII, mas se notando o desuso de *tanto que* temporal indicado por nenhuma ocorrência no século XIX e pela citação de pesquisadores que indicam o desuso temporal desta tradicionalmente chamada locução conjuntiva.

## Referências

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1994.
- ALBERTO, C. *Descobrimento da Filipinas pelo navegador português Fernão de Magalhães*. The Project Gutenberg, June 26, 2009 [EBook #29243]. Disponível em: <www.gutenberg.org>. Acesso em: 04 maio 2011.
- ANDRADE, M. L. C. V. O. O gênero crônica e a prática escolar. *Filologia e lingüística portuguesa*, São Paulo, v. 6, 2004, p. 267-279.
- ANTONIO, J. O texto como objeto de estudo na linguística funcional. D. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (org.). *O texto: como objeto de ensino, de descrição lingüística e de análise textual discursiva*. Maringá – PR: Eduem, 2009, p. 61-80.
- AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BARBOSA, V. *Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691*, The Project Gutenberg, November 28, 2006 [EBook #19947]. Disponível em: <www.gutenberg.org>. Acesso em: 04 maio 2011.
- BARRETO, T. *Itens conjuncionais em textos do padre Antônio Vieira*. Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/theregelne.pdf>. Acesso em: 07 maio 2011.
- BYBEE, J. Phonology and language usage. *Phonetica*, Cambridge, 2004; p. 61: 252-253.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. EUA: Blackwell Publishing, 2010, p. 602-623.
- CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado: novos estudos*. v. 7. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1999, p.351-405.
- CAMARA Jr., J. M. *Dicionário de lingüística e de gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CARONE, F. B. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: ática, 2008.
- CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2002.
- CASTILHO, A. T. Diacronia das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. In: NEGRI, L. et al. (Org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 11-47.
- CASTILHO, A. T. *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo: FAFESP, Campinas: Pontes Editores, 2007.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

- CASTILHO, A. T. Um ponto de vista funcional sobre a pregação. *Alfa*, v. 38, p. 75-95, 1994.
- CASTRO, I. (Org.). *Vidas de Santos de um manuscrito Alcobacense* (Coleção mística de Fr. Hilário da Lourinha). Cód. Alc. CCLXVI/ANTT2274/ Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, I.N.I.C., 1985. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/texto.jsp?t=d&d=11798>>. Acesso em: 02 jul. 2008.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1989.
- CINTRA, L. F.L. (ed.) (1951) *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, I. N. C. M.
- COSTA, S. B. B. Funcionalismo e ensino de Língua Materna. In: CHRISTIANO, M. E. A. *et al.* (Org.) *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.
- COUTINHO, I. D. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- CUNHA, C. *Manual de português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.
- CUNHA, M. A. F. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da *et al.* (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.
- CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. *et al.* (Org.) *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 103-166.
- DIK, S. Preview of functional grammar. In: DIK, S. *The theory of functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1997a.
- DIK, S. Towards a functional grammar of discourse. In: DIK, S. *The theory of functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1997b.
- Dos costumes de Santarém*. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt>>. Acesso em: 02 jul. 2008.
- FRAZÃO DA SILVA, A. C. L. *Hagiografia*. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>>. Acesso em: 22 maio 2011.
- GIVÓN, T. *Syntax*. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- GONÇALVES, S. C. *et al.* Estudos de caso. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSES-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a, p. 91-156.
- GONÇALVES, S. C. L. *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSES-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b, p.15-66.

- GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSES-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 67-90.
- GORSKI, E. A (não) realização do sujeito e a integração de orações. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2º sem. 2001, p.161-173.
- HINTZE, A. C. J. Análise do uso de locuções conjuntivas e a complexidade das redes semântico-lexicais em dicionários do português contemporâneo. In: ANTONIO, J. D. (Org.). *Estudos descritivos do português: história, uso, variação*. São Carlos – SP: Editora Claraluz, 2008, p. 45-60.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues – volume I*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 17-35.
- HUITFELDT, C.; MARCOUX, Y.; SPERBERG-MCQUEEN, C. M. *Extension of the type/token distinction to document structure*. EUA: University of Bergen. Disponível em:<<http://www.balisage.net/Proceedings/vol5/html/Huitfeldt01/BalisageVol5Huitfeldt01.html>>. Acesso em: 28 out. 2010.
- IGNACIO DE ANDRADE, J. *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao*. The Project Gutenberg, May 17, 2011 [EBook #36163]. Disponível em: <[www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)>. Acesso em: 04 maio 2011.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I.V.; VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.
- LICHTENBERK, F. On the gradualness of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues – volume I*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 37-80.
- LIMA-HERNANDES. *Gramaticalização de estruturas X-que no Português do Brasil*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/site/images/arquivos/PDF/MCxque.pdf>. Último acesso: 15-10-11.
- LOPES, David (ed.) *Chronica dos Reis de Bisnaga*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2008.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. São Paulo: Pioneira, 1997.
- MARTELOTTA, M. E. A mudança lingüística. In: CUNHA, M. A. F. da *et al.* (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 57-71.

- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da *et al.* (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.
- MARTINS, Ana Maria (ed.) *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada, 2000.
- MATTOS e SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- MELO, G. C. *Novo Manual de Análise Sintática*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. São Paulo: UNICAMP, 2008, p. 1185-1102.
- MÓDOLO, M. *Correlacionando orações na língua portuguesa*. Campinas, SP: Unicamp/Fafesp/Estação da luz. Disponível em: <[http://museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_6.pdf](http://museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_6.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 10.
- MÓDOLO, M. *Gramaticalização das conjunções correlativas no Português*. 2004. 154 f. Tese (Área de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. A gramaticalização e a organização dos enunciados. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2º sem. 2001, p.13-22.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- OITICICA, J. *Manual de análise*. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1955.
- OITICICA, J. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.
- ORTEGA, E. F. *A Estrutura Argumental Preferida (EAP) em Diversas Sincronias do Português: Um Exercício de Análise do Verbo-Suporte Tomar no Português Arcaico*. 2010. 84 f. Dissertação (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-graduação em Letras) - UEM, Maringá, 2010.
- MALER, B. (Org.) *Orto do esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

- PAULIUKONIS, M. A. L. *A estrutura correlativa como operador discursivo na articulação de cláusulas*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2º sem. 2001, p.119-125.
- PERINI, M. A. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. N. (Org.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. V. 3. São Paulo: Cortez, 2007, p. 165-218.
- PINA, Rui (1728) *Chronica d'El-Rei D. Affonso III*, século XVIII. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em: 21 jul. 2009.
- ROSA, A. F. L. F. *O item porem em contextos diversos nos séculos XIII e XV: análise de condicionantes morfossintáticos para sua gramaticalização*. 2010. 151 f. Dissertação (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-graduação em Letras) - UEM, Maringá, 2010.
- ROSÁRIO, I. C. *Teoria da correlação revisitada*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/25.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2010.
- RODRIGUES, V. V.; ROSÁRIO, I. V. Correlação na perspectiva funcionalista. In: RODRIGUES, V. V. (Org.) *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2010.
- RODRIGUES, V. V. Correlação. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 225-235.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1971.
- SANTOS, E. C. M. *Gramaticalização da noção de conseqüência nos processos de combinação de cláusulas*. 2009. 165 f. Dissertação (Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- SOUZA, A. S. *Tempo e Espaço: A Gramaticalização do item Onde em Textos Religiosos (Séculos XIV, XVI e XXI)*. 2007. 137f. Dissertação (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-graduação em Letras) - UEM, Maringá, 2010.
- SUASSUNA, L. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. 1. Ed. Campinas, SP: Papyrus, v. 1, 1995.
- SÃ, R. *Sermão de Santo Antônio aos peixes*. Projeto Gutenberg, ISO-8859-1, 2007. Disponível em: <<http://www.esgportugues.com/docspdf/PAVPeixes.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2011.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. Introduction. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues – volume I*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 1-14.

WETZEL, L. Types and tokens. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. California: Stanford University, 2006. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/types-tokens/>>. Acesso em: 04 jan. 2010.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

## Anexos

### *Dos Costumes de Santarém (século XIII)*

[1] Costume é que molher que he en uila non sse pode chamar forçada saluo sse a tõe en logo que non possa braadar. mays quando sayr desse logo deuesse logo a carpir & braadar pela rua & dizer que foãao me forçou e irse logo aa justiça & dizer-lhj quen a forçou e en que logar & sse o assy non fezer non sse pode chamar por forçada & sse ffora da vila for forçada deue uijr carpindo & braadando & nomeando quen a forçou & ir logo aa justiça & queyxar-se & dizerlhi quen a forçou & assy sse pode dizer por forçada & se non poder esse dia per noyte que seia ou per prison que lhi façan uenha en outro dia ou **tanto que** for solta.

### *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense (séculos XIII~XIV)*

[2] E **tanto que** esto disse leixou a vistidura de molher... (*Vida de Eufrosina*)

[3] **tanto que** esto disse deu logo ho spritu a Deos. (*Vida de Eufrosina*)

[4] **Tanto que** Zozimas esto ouvio ssayo-sse daquel moesteyro. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[5] **Tanto que** chegou ao rryo de Jordam braadou-lhe hũa voz. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[6] E eu cuidey qui esto que era por rrazom da minha fraqueza porque era molher e trabalhei-me de entrar com outras molheres per muitas vezes mais todo era em vaao. ca **tanto que** eu poinha ho pee no portal logo era inpuxada per força. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[7] E eu daqui endiante nom ençugarey esta carne com maaos feytos. mais **tanto que** me outorgares que eu adore o lenho da Santa Cruz. logo eu rrenunçiarey ho ssegre e todas as ssuas cousas. (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)

[8] **tanto que** eu esto disse tive em meu coração. que a madre de Deos me ganharia todas estas cousas de Nosso Ssenhor. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[9] ...e tirey-me daquel logar en que horava e misturey-me com os outros que emtravam em o templo e **tanto que** quise entrar nom foy enpuxada como ante. (*Vida de Santa Maria Egipciaca*)

[10] E **tanto que** chegey aaquel logar ãn que fezera o prometimento aa madre de Deos ffiquey os giolhos em terra. (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)

[11] **Tanto que** eu esto disse ouvi hũa voz que dizia assy: (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)

[12] mais **tanto que** me vya teptada logo começava de chorar q(ua)ndo me lembrava daquella que ffora mínha guiador. (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)



[13] Quando ho santo homen leeo as leteras ficou mui alegre porque per aquella scriptura ssoube o nome da santa molher e ffoy çerto que **tanto que** ella rreçbeo delle ho santo sacramento em ho anno trespasado que logo sse ella ffoy aaquel logar. (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)

[14] **Tanto que** esto disse vio hũu lenho pequeno. (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)

[15] ...e eram **tantos** amadores **que** ha amavom que muitos moryam por ella... (*Vida de Tarsis*)

[16] E ao tempo de ssa morte, ffez **tam** boo tempo **que** todos seus amigos a ssoterrarom mui honrradamente. (*Vida de uma monja*)

[17] E a moça em tam pouco tempo ouve **tanta** sçiençia **que** o padre sse maravilhava muito. (*Vida de Eufrosina*)

[18] ...vio vñir gram cõpanha de dyabóós. **tantos que** a casa hu o corpo jazia era chea de dentro e de fora. (*Visão de Túndalo*)

[19] ...e arredor del estavã **tantas** almas **que** nõ ha homẽ que as podesse contar. (*Visão de Túndalo*)

[20] E **tanto** era fremoso **que** muy gram maravilha era. (*Visão de Túndalo*)

[21] E entõ começarõ de sobir per elle. e virõ outras **tantas** maravilhas. **que** nõ ha coração que as podesse pensar. (*Visão de Túndalo*)

[22] De fremosura averam **tanta que** vencerã o sol de clarydade. (*Visão de Túndalo*)

[23] E eu estendy a mão e tomey-a e meti-a en hũa piia que estava ante as portas da igreja. E como ffoy metida en na agua, logo logo a pressa leyxou e tirou de sy toda çugidade e ficou linpa e branca como a neve e voou em **tanta** alteza sobre Lo aar **que** os meos olhos perderam dela vista. (*Vida de Santa Pelágia*)

[24] ...e **tanto** foy no amor de Deos pungida e edifficada, **que** era de maravilha as lagrimas que dos seos olhos sayam. (*Vida de Santa Pelágia*)

[25] Oo piedoso senhor Jhesu Cristo a tua grandeza he **tanta que** ho nom pode dizer nenhũa creatura a qual os ceos nen a terra nem ho mar nem totalas cousas en elles contiudas non o podem receber... (*Morte de São Jerônimo*)

[26] ...e **tanto** ssabia este santo velho das tẽetaçooês e de veençer as batalhas dos pecados **que** muitos viinham a el dos houtros moesteyros. (*Visão de Santa Maria Egipciaca*)

### ***História dos Reis de Portugal in Crônica Geral de Espanha (século XV)***

[27] Depoys, el rey de Castela, dando lugar aa sua nan boa entençan, **tanto** escandalizou el rey de Portugal **que** ele ronpeo guerra con Castela

*Orto do Esposo (século XV)*

[28] E ella me promenteu que o farya. E agora, **tanto que** foy degolada, ueeo a myn hũu menino que me parece que non he mais de jdade de quatro ãnos, e chamou-me a de parte e falou-me tam perfectamente, que a min parecia seer eu rustico ante el...

[29] Aquella uirgem sancta Dorothea te anuia esto, asy como o promenteu, estas doas do orto do seu esposo. E, **tanto que** as eu tomey e comecey de braadar, logo aquelle moço non pareceu mais, e eu creo que era angeo de Deus.

[30] E, **tanto que** esto disse Sancto Aleixandre, logo o filosapho ficou mudo, com a boca çarrada...

[31] **Tanto que** esto ouuio o fillosapho, ficou espantado e disse: Creeo.

[32] E, **tanto que** esto disse, logo lhe sayo a alma e os seus seruentes leuaron-no a hũu fisico que lhes disesse que entendia daquel feito...

[33] Se algũu de uos he triste, uenha-uos ao coraçom Jhesu, e do coraçom salte emna boca, e, **tanto que** nacer este nome ãno coraçom e ãna boca, logo o lume dele afastara e derramara toda cousa escura e triste e fara toda cousa clara e lomeosa.

[34] E o diaboo, **tanto que** esto ouuiu, feze o mandado do sancto homẽm per uirtude do nome de Jhesu.

[35] **Tanto que** Sancto Agustinho esto leeo, logo foy espargida ãno seu coraçom hũa luz de segurança, que tirou delle totalas treeuas da duuida da ffe de Jhesu Christo que ante auia.

[36] ...porque non quiserom receber a ffe de Christo, non forom dignos aueren cõnosco sepultura, mas achall-os-has soterrados en outro luguar, e os seus moymentos uazios. **Tanto que** esto disse Gamaliel, desapareceu.

[37] Non come os corpos mortos nen outras cousas çuyas e esta sobre os ryos e sobre as aguas e uee de longe a sãõbra do açor, e, **tanto que** o uee, fuge e uay-se esconder dentro en sua toca.

[38] Pois assy he, eu uos leixarey de todo. E **tanto que** esto disse, deu-as todas en esmolos a pobres.

[39] E ueo contra ele hũu conde, que chamauã Marino, e feze-o fugir con spanto e menteu-se soo en hũa naue e foy-se pera a cidade de Cartago, donde ueera, e, **tanto que** chegou, logo o mataram os caualeyros.

[40] E, **tanto que** o marido tomou o uaso de uinho na mãõ, começou de cantar altas uozes...

[41] E, **tanto que** esto disse aquelle caualeyro, morreo logo e foy-se ao jnferno.

[42] Eloy, exouuydas som as tuas prezes e outorgada te he a demonstrãça que demãdaste de tanto tenpo. **Tanto que** aquele homem disse isso,...

- [43] **Tanto que** as ceruas som prenhes, logo sse partem dos machos.
- [44] E, **tanto que** elhe põe o pee, abre-sse e çarra-sse sobrelhe a trapa, ã guisa que elhe ño pode sayr da coua.
- [45] E, **tanto que** esto foy dito, tornou-se o morto pera sua coua.
- [46] E **tanto que** hũ creligo lhe deu ã presente hũ peixe que chamã esturgiom, e o bispo pregũtou-o quanto ualia...
- [47] Porẽ diz Sam Jerônimo que o senhorio e a dignidade, **tanto que** o homẽ entra em elhe, logo o leixa...
- [48] E, **tanto que** foy manhã, foy-sse seu caminho e chegou ao jrmitam muy triste e con grande coyta.
- [49] E, **tanto que** ella lançou a pedra ão poço, escondeo-se detras o poço.
- [50] Muytas sanctas molheres, contemplando en Jhesu Christo, auiam **tam** grande dulçura en suas almas **que** do fauoo do spiritual dulçor, que auiam ão coração, saya aa boca hũ dulçor de mel...
- [51] Quando Sam Paulo foy degolado, saltou logo a cabeça fora do corpo, e, depois que foy asy fora do corpo, chamou con uoz clara, per linguagem hebrayca dos judeus, o nome de Jhesu Christo, o qual nome era a elle muy doce en sua uida, e o elle nomeara **tam** ameude en suas epistolas, **ca** el nomeou o nome de Jhesu ou nome de Christo quinhentas uezes en suas epistolas.
- [52] E este Sancto Ignacio, antre os muytos tormentos que lhe fezeron, sempre muyto ameude nomeaua este nome Jhesu, e pella uirtude delle **tanta** forteleza auia em soffrer con paciencia, **que** pella dulçura do nome de Jhesu non sentia os tormentos.
- [53] E **tanto** amor auya ao nome de Jhesu, **que**, por sua reuerença, quando quer que o ouya nomear, senpre ficaua os geolhos em terra con reuerença.
- [54] E **tam** marauilhosamente me deleito ãnas uozes e ãnos doces cantares daquella celestial corte, **que** me lenbra daquello que diz o propheta Daud ão salmo:...
- [55] E **tam** fraco era per razom do estudo e da oraçom e da estêça, **que**, iazendo elle en seu estrado, tiinha hũ corda en hũ traue em que lançaua as mãos pera se alçar a conprir o officio do mosteyro.
- [56] Onde diz hũ filossafo, que chamam Plynio, que emna terra da parte do meodia ha hũ palma que, quando he **tam** uelha **que** seca e podrece, nace outra uez de sy meesma e torna a seer uerde.
- [57] E este sancto homen auia **tanta** sciencia das scripturas, de que era ensinado pellos sanctos liuros, **que** muytas uezes ão convite dos frades saya fora de ssy con uisões spirituaaes.

[58] E ajnda mais fez o nosso muy alto esposo Jhesu Christo, ca elle cercou este edificio con muro que non pode seer guerreado, mas he **tam** forte **que** se pode defender de todo auersaryo, por poderoso que seia.

[59] Hũu homen [...] achou tres donzellas estar chorando acerca dos ryos que sayam daquel castello, porque a senhora do castello estaua **tam** emferma **que** era chegada aa morte.

[60] E **tanta** foy a uirtude daquel sangue muy casto, **que** con a queentura do sangue foy tornada a aquella senhora a quẽtura natural, em guisa que sayu sã e curada daquel banho, depois que foy banhada em elle sete uezes.

[61] ...dizem os poetas que Apollo cauou hũa fonte emno seu orto, que, quando viinha o sol, era feyta **tam** frya, **que** a non podiam beuer, mais, depois que se poynha o sol, aqueecia em tal maneyra que aadur podya o homen teer as mããos em ella.

[62] ...a sancta sciencia da theologia he hũu pooço **tam** alto, **que** poucos podem tirar a agoa delle sãnõ com a ajuda da fe...

[63] Tal he este fogo todo. E entom o meestre ficou **tam** espantado do fogo, **que** pose em seu coraçom leixar o segle e emtrar en religiõm.

[64] E eu seendo assy escarnido pella serpente antiga, que he o diaboo, ãna Quaresma acerca meada ueo-me hũa enfermidade de febre **tam** forte, **que** me non daua flogança, e en tal guisa que me consumyo a carne...

[65] Aly auya **tanto** lume e **tanta** gente splandecente con claridade, **que** eu jazia en terra e non ousaua oolhar pera cima.

[66] E **tanto** he exalçada a sciencia da Sancta Scriptura, **que** della he scripto per Jhesu, filho de Sirac, falando en persoa da sabedoria:

[67] Quando nace, dorme per tres dias e per tres noytes, e enton o padre **tanto** ruge e **tanto** se asanha, **que** faz acordar e leuantar o filho que dormia.

[68] E daly se seguyo **tanta** huniam e **tanto** ajuntamento e **tanto** custume naturalmente de uiuerẽ juntamente, **que** o dooroso partimento da alma e da carnẽ he chamado o mayor e mais derradeyro de todollos spantos.

[69] E porẽm diz Sancto Anselmo que **tam** bõõ he o Senhor, **que** non pode seer cuydado outra cousa melhor nen tam boa como elle.

[70] E elle respondeo e dise: Esto non posso eu fazer per nehũa guisa, porque eu **tanto** amo Jhesu Christo, **que** o trago pintado e escolphydo ãno meu coraçom.

[71] A primeyra maneyra de uodas e de casamento he antre a carnẽ hũanal e o spiritu, e he antre elles naturalmente **tanta** amyzade e **tan** grande legamento, **que** non queriã per nehũa razom partiren-sse hũu do outro.

[72] E foy enterrado acerca da cidade de Constãtinoplo, e do seu sepulcro saae **tam** grande fedor, **que** o non podem os homêes soffrer.

[73] Os ossos do leom sam **tam** durus, **que**, se batem hũũ con outro, saae delles fogo.

[74] Asy he que Moyses foy casado con hũa raynha de hũa terra de Ethiopia, e el queria-sse partir della e hyr-sse pera sua terra, e ella **tanto** o amaua, **que** o non queria leixar per nehũa maneyra.

[75] Todos estes males uêẽ aa alma do ajuntamento da carnẽ çuya, em que he posta emno concibimento ãno uêtre da madre, enno qual he o homẽ criado e mantheudo do sangue do mestrũũ que uem aas molheres, o qual he **tam** auorrecido e **tam** çuyo e **tam** peçõnhẽto, **que**, se caae sobre as meses, faze-as que non dam fruyto e faz secar as aruores e as eruas.

[76] E o sancto homẽ escusaua-se canto podia, e os parêtes e amigos do finado o aficarõ **tanto**, **que** o ouue de fazer.

[77] A boca delle era **tam** ancha, en **que** auia longura de quatro pees e meo.

[78] **Tam** grande foy o temor que ouueron os poboos do Occidente de Alexandre, que andaua no Oryente, **que** de todo o mundo lhe mandauã subgeyçon e obediência...

[79] Este ãperador Gayo foy **tam** cruel **que** disse hũa uez alta uoz:

[80] Este ãperador fez **tanto** mal a Pillatos, **que** el meesmo se matou con suas mããos.

[81] E he **tam** pessada, **que** nõ pode uoar, e põõe ouos asy como aue.

[82] E esta animalia he **tam** quêẽte, **que** engule o fferro e mooe-o ãno estamago e consume-o, segundo diz Aristotilles.

[83] Djz hũũ doutor que cõpos o liuro da Consolaçon da Theolisya, que elle meesmo ouuyo recõtar per uerdadeyro recontamento que hũũ escodeyro auya hũa sua molher que auia **tam** grande sperança ã Deus, **que** toda cousa de noyo que acõtecia a sy ou aos seos, senpre dizia:

[84] Ca eu foy fidalgo e rico e de grande fama e foy **tam** fremoso **que** sêẽdo eu ã estudo ã Paris, aadur ou muy poucas vezes me dauõ lecença pera hir aa vila, por tal que nõ fezesse peccar as pessoas que me uissem, deseitando-me.

[85] E, dizendo esto, descobrio-se ãnos peitos e pareceo a todos **tam** mezquinho e **tam** cõsumido, **que** parecia Lazaro resuscitado do moymento, per que mostraua que a fremusura dos corpos deue seer desprezada como cousa fugidia e que dura muy pouco.

[86]...he sandeu aquelle que pode auer a sua alma fremosa e cura muyto da fealdade do corpo, que he **tam** pequẽno ã comparaçon da alma, **ca** diz Sancto Agustinho...

[87] **Tam** peçoento he o basilico, **que**, se o alguẽ tanger cõ asta, posto que seia muy longua, logo ã essa ora morre aquelle que o tange.

[88] E porẽ, se fores surdo, aueras **tanto** bem **que** nõ ouuyras as cousas vããs.

[89] E **tam** grande era a blandeza do odor ã aquella cela hu elle jazia, **que** aadur o podia elle soffrer.

[90] E estas cousas e cada hũa dellas som conpridas de **tantos** periigos **que** se nõ podem contar...

[91] **Tam** poderosa fez Deus a alma do homẽ, **que** da sua muy cõprida bemauêturãça que sera dada ãna fim aos sanctos, sobreauõdara ãno corpo o comprimento da saude e a forteleza de nõca seer cõrronpido.

[92] E era **tam** piadoso **que** nõ daua de legeiro pena aos culpados senõ pena de desesterramento.

[93] E aquelle moço [...] foy depois **tam** bõõ e de **tam** nobres condições, **que** foy depouys rey dos lonbardos e os regeio muy bem.

[94] E diz Plinio filosafo que **tam** queente he o leom, **que** senpre ha febre...

[95] Os ossos do lyon sam **tam** duros, **que**, batendo hũũ cõ ho outro, sase fogo asy como de pederneyras.

[96] E ouuerã antre asy anbos os êperadores **tanta** discordia e guerra, **que** em fim foy uẽcido o Pompeyo...

[97] ...e **tam** bem da maa andança come da boa fazia algũa cousa tal, **que** deue seer relenbrada...

[98] ...segũdo pooem os estrologos, **tam** pequena he toda a terra, **que** nõ he senõ tal come hũũ ponto ã comparaçon do ceo.

[99] Outrossy ha hi hũas gentes que chamã neruyos, que som **tam** bestiaaes, **que** nõca querem consintir que mercadores vãão a elhes...

[100] ...e esto me he **tanta** uergonça e **tanta** afliçom, **que** o nõ posso dizer.

[101] Hũũ papa, que ouue nome Johãne, natural de Margantina de Ingraterra, foy molher, ca ella, seendo moça pequena, leuou-a hũũ seu amigo aa cidade de Athenas en trayo de barõ, e aprendeo **tanto**, **que** foy sabedor ã muytas ciencias, en tal guisa que nõ auia nehũũ que fosse jqual a ella...

[102] E Sam Basilio foy assy baptizado cõ **tam** marauilhoso sinal do Spiritu Sancto, **que** fez ã elhe morada...

[103] Enna era da encarnaçon de mil e duzentos ãnos lydarom os tartaros cõ os de Ûgaria e de Pellonia, e assy forã destruydas aquellas terras, que foy a fame **tam** grande, **que** as madres comiam os filhos e muytos faziam pam de hũũ poo dhũũ monte por farinha.

[104] **Tam** grande he a cobiiça da hõrra do mũdo, **que** faz os homẽs ãtejar e auorreger a boa uida e o bõõ caminho...

[105] Assy fez hũũ rey, que avia nome Roberto, que nõ quis andar pello caminho comũũ dos outros rex mas era de **tanta** deuaçon, **que** ã todas as festas do ãno senpre estaua ã algũũ mosteyro e cantaua cõ os monjes o officio de Deus.

[106] Outrosy, hũa dona lhe trouue con deuaçom tres escudellas de paa, e elhe as louuou muyto, mas **tanto** era de cõciencia streyta e singular, **que** nõ quis tomar nehũa cousa.

[107] E a uirtude da humildade he **tam** poderosa, **que** nõ tam solamẽte faz o homẽ seer firme e estauel...mas ajnda os faz seerẽ alegres, senõ ã quanto se dooem da culpa alhea.

[108] Ca a dessõrra he aazo e razõ de buscar o nome do Senhor, s. Jhesu Christo, que he **tam** doce, **que** he remedio das desonrras...

[109] ...aquelles que erã **tam** poderosos, **que** parecia que auiã poderio sobre as estrellas...

[110] Antre mil prelados nõ he achado hũũ antre mil **tam** perfeito **que** ã estes casos e ã outros muytos se nõ moua, con temor ou cõ amor, a cõprir os rogos nõ justos.

[111] Ca eu ouuy contar a aquelles que o uirom que elhe fugio da dignidade con **tanto** prazer, **que** ãna face e ãnos olhos lhe pareciam os sinaaes da alegria spiritual.

[112] Hũũ caualeyro nobre, poderoso, sãdo rico despendeo todos seus bẽes **tam** sem descreçom, **que** cayo em muy grande pobreza.

[113] E **tam** bem sabia caçar, **que** o escudeiro andaua caçando con elle todo o dia ataa a nocte per logares periigosos...

[114] ...e deteu-sse **tanto**, **que** trespassou aquella hora em que auia de chegar ao loguar, e perdeo poren o galardom que ouuera dauar.

[115] Non he algũa molher **tam** boa **que** non aches de que te queixes.

[116] Pero ella era **tam** fraca, **que** se non podia mouer senon per outrem...

[117] E dizia que as cousas e as razões das cousas e as causas dellas eran **tantas** e **tam** jnfiindas e **tam** escondidas **que**, quanto o homen mais curyosamente e mais sotilmente ãquere en ellas, tanto meos toma, aprendendo dellas.

[118] Ca ella **tam** sagesmente falaua e **tã** discretamente conselhaua e **tam** proueytosamente emduzia e amoestaua, **que** claramente parecia que o Senhor Deus, que ensyna sciencia a todo homen, siia e moraua en ella.

[119] Eu deuo auer o regno, porque eu som **tam** priguçoso, **que**, se acontece que tenho a perna no fogo, ante o leixo queymar que a tirar do fogo.

[120] Eu deuo auer o rregno, porque, como quer que eu tenha a corda ãno collo pera me logo enforcaren e tenha o cuytello ãna mão pera a talhar, **tam** grande he a minha priguça, **que** non estendo a mão pera talhar a corda.

[121] Eu deuo auer o rregno, porque eu sobrepoyo os outros en priguça, ca eu jaço sobinho ãno leyto e cã-me as gotas dagoa ãnos olhos anbos, e **tanta** he a minha priguça **que** me non mouo daquelle loguar.

[122] E ella me promenteu que o farya. E agora, tanto que foy degolada, ueeo a myn hũũ menino que me parece que non he mais de jdade de quatro ãnos, e chamou-me a de parte e falou-me **tam** perfectamente, **que** a min parecia seer eu rustico ante el...

*Crônica dos reis de Bisnaga (século XVI)*

[123] **Tanto que** el rey acabou ho que tanto desejava, mãdou a seus capitaães destruir algũs logares e villas...

[124] e levou lho, e **tanto que** chegou as portas do paço, mamdou a el rey hũũ recado em como estava ally...

[125] mamdou lhe que entrasse, e **tanto que** entrou homde elle estava, lhe apresentou hũa batega d ouro...

[126] e com hũũ terçado seu ho matou, e **tanto que** ho fez, mamdou sellar hũũ cavallo em que lloguo cavalgou...

[127] e **tanto que** el rey chegou vyo a verdade da treyção...

[128] e este rey, **tanto que** reynou, mamdou chamar seus thesoureyros e o regedor e os scrivãees de sua fazemda, e preguntou lhe...

[129] e **tanto que** Narsenaque soube que era morto, e que ho mamdara matar, alevantou seu yrmão por Rey...

[130] e **tanto que** te virem em Chãodagary [...] vivemdo atee lly em sua liberdade, todos te ajudarão...

[131] E **tanto que** foy noute, e as oras chegadas, elrey teve cuydado de se sahir...

[132] ...o quoyal **tanto que** foy na horta, passamdo por entre dous, que erão as goardas, remeterão a elle, e o matarão...

[133] ...**tanto que** o pay foy morto, llogo toda a terra foy alevamtada pellos capitãees...

[134] e dise a Sallvatina que, **tanto que** elle morresse, alevamtase a seu filho por rey...

[135] e **tanto que** elrey d Orya soube sua vontade, lhe mandou sua filha...

[136] **Tanto que** derão as novas a elrey da fugida de cide, de como lhe levava todo o dinheiro, dise que elle escreverya ao ydallcão...

[137] **Tanto que** a carta foy llyda ao ydallcão, mamdou chamar os seus cacizes e homens do comselho...

[138] **Tanto que** foy lida dise que, sem outro mais acordo, se fizesem prestes, que elle detreminava de tomar do tall vimgamça;

[139] **tanto que** a gente da cidade soube da vimda d elles [...] cerrarão as portas com pedra...



- [140] ...asy lhe parecya a elle e aos seus que **tanto que** elrey soubesse que elle ally estava, que llogo o hiria buscar...
- [141] **Tanto que** derão nova a elrey que ho ydallcão era passado o ryo, mamdou que todos fossem prestes...
- [142] ...**tanto que** elrey asentou, elle esteve quedo, temdo sempre suas espias no campo, a ver ho que se passava, e o fim da batalha;
- [143] **tanto que** os contrayros virão que elles começãõ de deixar o campo, derão todos juntos nelles...
- [144] **tanto que** vyo da maneyra que os seus viravão [...] dise ao ydallcão...
- [145] e **tanto que** soube de como ho ydallcão hera desbaratado, tornou atras pera se meter na cidade...
- [146] ...tanto que nelle foy não parecya senão raivoso lobo antre ovelhas...
- [147] **tanto que** asy foy morto o capitão, foy na cidade grande spanto...
- [148] **Tanto que** veyo a allva do dia seguinte, elrey, depois de feytas suas orações acostumadas [...] cavalgou em companhia dos mayns principaes senhores e capitães seus...
- [149] **Tanto que** forão acabadas as festas se foy pera a cidade nova...
- [150] **Tanto que** asy foy aposentado o embaixador fez saber a elrey... Então chegara, que elle o despacharya tanto que fose tempo...
- [151] e com paixão mamdou cortar a cabeça a Salebatação, que estava em Bisnaga, ho quoaII foy lloguo feyto **tanto que** virão seu recado.
- [152] e **tanto que** soube a vymda d elrey fugio;
- [153] **tanto que** seus maridos morrem fazem pranto em sua casa com os seus parentes e de seus maridos...
- [154] e **tanto que** chega ao lugar omde ão de ser queymados...
- [155] e **tanto que** lhe tirão tudo, atee os panos bõos, lhe vestem hũs panos amarellos...
- [156] e bota se no foguo contanto esforço que he pera espantar; e **tanto que** se lamça estão os parentes prestes com lenha que logo a cobrem...
- [157] E **tanto que** chegão no lugar onde hão de queimar lamção dinheiro segumdo podem...
- [158] E **tanto que** sobimos esta serra logo temos a terra chãa...
- [159] e **tanto que** elrey ysto ouvyo mamdou loguo que [...] cortassem a cabeça a sessenta homens...
- [160]...e **tanto que** entrão, e lhe fazem a sallemã, e poem se ao longo das paredes longe d elle...
- [161] ...e na entrada d esta porta tem duas torres, de cada bamda sua, que a fazem muyto forte, he grande e fremosa; e **tanto que** sois de dentro temdes dous pagodes pequenos...

[162] **tanto que** entrão dentro nesta casa temdes de pillar a pylar sobre que ella estaa fumdada muytas covas pequenas...

[163] **tanto que** se passa esta casa entraes em outra pequena...

[164] e **tanto que** entraes dentro d ella temdes hũu gramde terreyro...

[165] e **tanto que** he dentro alção as paredes de casa, e **tanto que** acabão de matar este gado, sae se elrey fora,

[166] e **tanto que** elrey sobe omde elles estão lamção lhe a elrey dez ou doze rosas...

[167] e **tanto que** he no cabo tira a carapuça da cabeça, e põem no chão...

[168] e elle se vem por d omde deitou as flores aos cavallos, e **tanto que** esta ly ven todos aquelles capitãees e homens honrrados...

[169] e deytão nos neste terreyro que estaa antre hũa porta e outra, somente vão dentro os luctadores e molheres solteyras e allyfantes, os quoaes vão com suas cobertas e louçaynhas, e os que em cima vão armados lavodes e cofes e zagumchos, e **tanto que** são dentro põem se em torno do terreyro todos em hordem...

[170] os lutadores **tanto que** lha fazem asentão se no chão...

[171] **tanto que** elrey he assentado no tal lugar mamda assentar comsyguo tres ou coatro homens...

[172] e **tanto que** acabão d entrar este, entrão os capitãees da gente de guerra d adarga e d espada...

[173] **tanto que** esta gente he dentro começãõ loguo as molheres solteyras a bailhar...

[174] e **tanto que** o sol he posto são loguo muytas tochas acesas...

[175] e **tanto que** estão d esta maneyra sesegados saya de dentro dos paços hũu bramine...

[176] e **tanto que** são ydos recolhe se elrey por hũa porta pequena...

[177] **tanto que** elrey acabou suas cerimonias, tornou a cavalgar...

[178] **tanto que** passava por elles começãõ de aballar...

[179] **tanto que** fomos tornados a cidade de Bisnaga, o governador d ella, o quoall se chama Gamdarajo, e he irmão de Salvatinea, nos foy mostrar os paços.

[180] entramos em hũa casa pequena que tinha o que agora direy: **tanto que** sois dentro, a mão esquerda, estão duas camaras...

[181] **Tanto que** saymos d esta casa entramos em hũu pateo...

[182] ...**tanto** fizerão **que** derão outro cavallo a Salabatação;

[183] Neste tempollo Darcha estaa hũu ydollo de fegura de hũu homem ququanto ao corpo, e o rosto tem d alifante com sua tromba e dentes, e com tres braços de cada bamda, e seis mãos, dos

quoas braços dizem que tem jaa menos quootro, e que **tanto que** cahirem todos que ha de ser o mundo destroydo...

[184] **tanto que** nelle foy não parecyra senão raivoso lobo antre ovelhas...

[185] esta augoa faz **tanto** proveyto nesta cidade **que** lhe acrecentou mais de remda trezentos e cimcoenta mill pardaos...

[186] E no tempo que Crisnarao foy sobre esta cidade era ymverno, pella quoaal causa a ribeira que a cercava hia **tão** grande, e levava **tanta** augoa **que** elrey não lhe podia fazer nenhũ dapno;

[187] ...lhe achegou gente do rey de Bisnaga, e a gente de Domaar, e asy outros muytos capitães com muyta em fimda gente, **tanto que** asy forão todos juntos...

[188] no bairro de cada capitão tem sua praça, omde achaveis todas as carnes, convem a saber, carneiros, cabras, porcos, gallinhas, lebres, perdizes, e outras aves, e ysto em grande abastança, **tanto que** vos parecia estardes na cidade de Bisnaga...

[189]...**tanto** temyão os seus golpes, e cousas **que** fazião, que os deixavão hir...

[189'] [*...tanto temia os seus golpes e coisas que faziam que os deixavam ir...*]

[190] e **tanto** entrarão pella gente **que** se acharão junto com a batalha d elrey...

[191] e per todos os reys con **tanta** verdade mantida, **que** não sabe por que te demoveste a lhe fazer tamanha guerra...

[192] e **tanto** soube dizer a elrey **que** o tirou de toda hira e sanha que contra ho ydallcão tinha...

[193] e d ally fez **tanta** guerra a elrey Crisnarao, **que** lhe foy necessaryo mamdar sobre elle muita gente...

[194] atee chegar hũa legoa da cidade de Bisnaga, omde estava elrey Chetarao, con **tanta** gente e poder, **que** bem o podera tomaar as mãos...

[195] e pomdo o por hobra fez **tanta que** atravessou a ylha de Ceyllão...

[196] e em muytas ruas topaes com **tantos** delles **que** vos convem esperar que passem ou hir por outra parte.

[197] dos outros passaros dão **tantos que** se não podem contar...

[198] ...pois dos grandes dão **tantos, que** bem podereis cuydar dos pequenos que darão...

[199] ...estão feytos de madeyra hũus palamques estreytos muyto altos **tanto que** por cima dos muros erão vistos...

[200] e ha molheres antre ellas que tem terras que lhe derão, e amadores, e **tantas** cryadas **que** he espanto...

[201] ...tomando a **gente** de pee, he **tanta que** cerca os valles e montes...

[202] ...nelles vereis **tantas** louçaynhas de panos ricos, **que** não sey omde se acharão...

[203] ...vereis **tantas** emvemçõis de chapatras **que** vo llo não sey dizer...

[204] mas como quer que os seguiu **tanto** numero de gente, e allyfantes, **que** estes fazião ynnumeraveis cruizas,

[205] A gente della he bramca, e os homões de bõos corpos; o rey d ele he senhor de grande thisouro, e de muita gente, e de muytos alyfantes, porque neste reyno os ha mais, que sobem **tanto que** dizem que não ha outro mayor senhor que ele...

*Sermão de Santo António aos peixes (século XVII)*

[206] mas também diz que **tanto que** foi cortada esta árvore as aves voaram e os outros animais...

[207] Tendes todos quantos sois **tanto** parentesco e simpatia com a virtude, **que**, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe.

[208] Aqueles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto multiplicaram **tanto que** deram de comer a cinco mil homens...

[209] só ele havia de ser constante até morrer, se fosse necessário; e foi **tanto** pelo contrário **que** só ele fraqueou mais que todos...

[210] Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna **tão** parecida à de Santo António em Arimino, **que** é força segui-la em tudo.

[211] O mar está **tão** perto **que** bem me ouvirão.

[212] Mas esta dor é **tão** ordinária, **que** já pelo costume quase se não sente.

[213] Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum **tão** grande **que** se fie do homem, nem **tão** pequeno **que** não fuja dele.

[214] quatro-olhos: peixe das costas do Brasil, de olhos **tão** salientes **que**, quando se desloca à superfície da água, consegue observar o que se passa fora e dentro dela;

[215] **Tão** alheia cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, **que**, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer!

[216] Este é o estilo da divina justiça **tão** antigo e manifesto, **que** até os gentios o conheceram e celebraram:

[217] ...tinha **tão** boa espada **que** ele só avançou contra um exército inteiro de soldados romanos;

[218] Rodeia a nau o tubarão nas calmarias da Linha com os seus pegadores às costas, **tão** cerzidos com a pele **que** mais parecem remendos ou manchas naturais...

[219] Nós, os homens, fomos **tão** desgraçados, **que** outrem comeu e nós o pagamos.

[220] Não estendeu as asas para subir, encolheu-as para descer; e **tão** escondidas, **que** [...] era reputado, como já vos disse, por eigo e sem ciência.

[221] E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconsolação e sentimento para todos os habitadores de um elemento **tão** nobre, **que** mereceu dar a matéria ao primeiro sacramento?

*Compêndio da relação que veio da Índia do ano de 1691 (final do século XVII)*

[222] ...& que ao menos depois de estar algum tempo com o Damão, & Tomongûm, o deixassem ir ao Sindûm, o qual **tanto que** tivesse noticia, **logo** o viria buscar...

[223] Logo depois deste recado chegou o Angâ com o presente do Damão, que constava de huns bem curiosos cestinhos de palha, & cãna, de ervas odoríferas, & de outras cousas, entre as quaes vinhão huns bollinhos cheirosos, que **estimão tanto, que** se não concedem, senão a pessoas muito grandes...

[224] & tambem a hum seu grande bemfeitor, chamado João Vaz, o qual padecia grandes afflicções por hũa divida, & estando irremisivelmente para o prenderem, deu o Padre hũa Imagem do Padre S. Caetano, a qual o livrou daquella molestia com **tanta felicidade, que** se foi casual, por ser inopinada, a teve por milagrosa.

[225] Foraõ de **tanta admiração** estas festivas demonstrações, **que** hum Capitaõ Mouro mandou para ajuda dos gastos hum pouco de ouro...

[226] ...& nesta vista lhes cobrou o Padre **tanto amor, que** começou a idear o modo, que teria para ficar naquella terra.

[227] ...& ensinados a persignarse, o fiseraõ com **tanta facilidade, que** ficãraõ admirados os nossos, & muito mais contente o Padre...

[228] Ao segundo dia da Novena veyo hum venerando velho com hũa filha sua, hum neto mancebo, & hũa mulher de mayor idade, para ver o servo de Deos, o qual os recebeo com carinhosas demonstrações de affecto, significandolhes, que segundàra aquella jornada, só a fim de os livrar dos erros, em que foraõ criados, ensinãdolhe o unico meyo de sua salvaçaõ, o que elles ouviraõ com **tanto agrado, que** deraõ a entender seria recebido de todos cõ grãde estimaçaõ.

[229] ...& o tratavaõ com **tanta familiaridade, & carinho, que** traziaõ a sua presença as suas molheres, filhos, & filhas, casadas, & donzellas cousa que elles recataõ com grande excesso) para lhe beijarem a maõ...

[230] Entre este concurso veyo o Governador, ou Capitão de hũa daquellas povoações, que se chama Angã, acompanhado de toda sua familia, visitar ao Padre, & o trattou com **tanto decoro,** & **affecto, que** julgãrão os nossos conveniente lhe fosse pagar a visita...

[231] ...& foi **tão grande** a carga de pimenta, & outros generos, **que** não a podendo levar todaa embarcação (...) deixãrão grande parte em terra...

[232] ...casaõse com hũa só molher, a qual zelaõ em **tanto extremo, que** presumindo offensa, com a morte do offensor vingãõ o aggravo...

[233] Mas não he muito fosse **tão grande** o sentimento, de quem com tanta ânsia solicitava esta empresa, **que** chegou a affirmar em hũa carta sua estas formaes palavras:

[234] O Capitão, que conhecia por largas experiencias, ser evidentes disposições da Divina vôtade, condescendeo com os rogos daquelles Principes, de que ficãrão **tão alvoroçados, que** hum delles pedio hũa faca para tirar sangue dos braços

*Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao (século XIX)*

[235] Usaram **tão** grandes violencias, **que** os Chinezes resolveram tratalos como a piratas.

[236] O Vereador do mez tirou-o do embaraço dizendo:--Tributamos tão grande respeito a nossos maiores, que não podemos prescindir deste seu costume; e presamos **tanto** a V. S.a, **que** para não o ferir a vara da Justiça mandamo-la segurar.

[237] Deu-se **tanta** pressa á factura do brigue, **que** do momento em que se lançou a quilha no Estaleiro, até sair da barra fóra, só mediaram vinte e oito dias!

[238] **Tanto medo** tinham de Cam-pau-sai, **que** nem ao lado dos portuguezes se atreviam accommettelo.

[239] Não será digno de louvor o magistrado que usando da espada de Astrêa, por muitos annos, o fez com **tanta prudencia, que** não ferio cidadão algum?

[240] Os macaenses são **tão** zelozos das suas liberdades, **que** até na meza das sessões do Governo tiraram ao Presidente a regalia de ficar isolado no extremo della.

[241] Tributamos tão grande respeito a nossos maiores, que não podemos prescindir deste seu costume; e presamos **tanto** a V. S.a, **que** para não o ferir a vara da Justiça mandamo-la segurar.

[242] Cam-pau-sai, homem forte, ardiloso e emprehendedor, depois de ter ganhado o affecto dos seus, teve arte de dispolos a executar qualquer empreza que imaginasse. Com effeito concebeu projecto **tão** elevado, **que** bem se pode comparar com o de Afonso de Albuquerque, quando

pertendeu tirar da Meca o corpo do Profeta, e mudar a direcção do rio Nilo, fazendo-o desaguar no mar roxo para aniquilar desse modo os Turcos no Egypto!

[243] Começou a fazer guerra **tão** atroz, **que** não só paralisou o commercio marítimo nas costas meridionaes do Imperio, mas tambem fazia desembarques no continente...

[244] Assim que a julgou ao alcance da artilheria, virou sobre ella fez-lhe fogo **tão** vivo, e estrago **tão** grande, **que** todos fugiram deixando a Capitanía ás mãos com o brigue.

[245] Achou o nosso heroe **tão porfiada** resistencia, **que** todos foram mortos porém nenhum vencido, ou aprisionado.

[246] Fui testemunha das benções, que lhe lançavam os macaenses pelo muito que se occupava da sua ventura.--Fazia do merecimento dos homens estimacão **tão justa**, **que** nem á conveniencia, nem ao estado ficava devedor...

[247] Os nossos estavam já **tão praticos** nos canaes das ilhas da China, **que** os piratas apenas lhe escapavam nos pequenos rios, onde os nossos vasos não podiam entrar.

[248] Nesta occasião obrou o invicto Alcoforado **tão grandes** prodigios, **que** só poderam ser cantados antes, pelo nosso Diniz.

[249] Era **tão** sagaz e ardiloso, **que** nos encobria seus planos com extranho recato.

[250] Entrou alli a divisão rebelde em estado **tão deploravel** pelo estrago soffrido no combate, **que** levou muitos dias a concertar para ir a Cantão.

[251] Dirigio á côrte **tão** grandes recommendações ácerca do novo Almirante, **que** o imperador mandou, que fosse a Pekim, para ter o gosto de velo.

[252] Era Cam-pau-sai **tão** extremoso em ardiz, **que** não lhe escapou de enredar os seus no fanatismo para mais devotamente chegar aos fins dos seus designios.

[253] Deram passos **tão agigantados** na estrada da superstuição, **que** já não faziam guerra nem paz sem consultar o oraculo.

[254] Tomaram os mandarins calor **tão ardente**, **que** não deixavam passar um dia sem repetirem intimações para que os inglezes saíssem de Macao...

[255] Os mandarins foram motados de um ímpeto **tão ardente** **que** não deixavam passar um dia sem repetirem intimações para que os ingleses saíssem de Macau...

[256] Querendo recolher factos sobre a extincção dos piratas, a fim de completar o meu opusculo, tomeios das actas do Senado, e das pessoas conspicuas daquella cidade. Haviam em **tão pouca** conta este cavalheiro, **que** não se atreveram a confiar-lhe o governo das armas senão depois de fazerem retirar as tropas inglezas, como fica demonstrado, no officio do mandarim de Hiang-san.

[257] Magistrado que havia coração **tão** sensível e humano, **que** não se limitando em fazer a paz e a ventura de uma cidade, pretendia abranger com esses dons á maior parte do mundo?

[258] A este tempo unem se as embarcações; Barreto é o primeiro que trépa pelo Taó acima, e **tão depressa** pôde firmar os pés sobre a tolda inimiga, cantou victoria...

*Descobrimento das Filipinas pelo navegador portugues Fernão de Magalhães (final do século XIX)*

[259] N'esta guerra se **excedeu tanto** em valor **que**, a par do ferimento que recebeu em uma perna, de que ficou coxeando, lhe foi dado o posto de quadrilheiro-mór, ou capitão de uma companhia...

[260] O escudo das suas armas ia ser picado, o nome da sua familia execrando, apontado ao desprezo; e elle **estimava tanto** os pergaminhos de seus antepassados, o seu nome, a sua patria, **que**, ao apartar-se d'ella pela primeira vez, recommendara a seus herdeiros, nas desposições testamentarias, que lhe guardassem o seu escudo de armas e o transmitissem aos seus descendentes.

[261] Enorme lucta, sem duvida; mas ainda maior que essa lucta era o ideal de Fernão de Magalhães, que antesonhava o grande progresso geographico que realizaria com a sua viagem de circumnavegação do globo, prestando ao mundo um alto serviço e cobrindo o seu nome de **tanta gloria**, **que** faltando á religião da patria, ella não se deshonraria a final de o ter por filho.

[262] ...e com **tanta proficiência** discutiu os seus planos **que** conseguiu desvanecer todas as duvidas no espirito de Carlos V...

[263] Parece que a Providencia se comprazia em contrariar **tanta audacia** e dar razão aos medrosos, **que** quasi tinham por louco o chefe da temerária empreza.

[264] Esta refeição durou mais algum tempo, sendo servido mais peixe e arroz, e o companheiro de Pigaffeta bebeu **tanto vinho que** se embriagou.

[265] **Tão alta** protecção teve a sua influencia em Barboza, **que** foi elevado a commendador da ordem de S. Thiago e logar tenente do alcaide do alcaçar de Sevilha, e assim collocado, casou com a filha de uma das principaes familias de Sevilha, D. Maria Caldeira.

[266] A tempestade foi **tão violenta que** rasgou todo o panno da caravella;

[267] Segundo diz Diego Arana, onze dias gastaram os dois marinheiros para chegarem a S. Julião e **tão penosa** foi esta jornada, sem terem quasi que comer, **que** ao apresentarem-se a Magalhães, nem este nem os mais companheiros os reconheceram, tão desfigurados vinham.

[268] O frio, porém, era **tão intenso que** os operarios mal podiam fazer uso das mãos...



[269] Pigafetta descrevendo este selvagem diz: «Era este homem **tão alto que** a sua cintura dava pela nossa cabeça.

[270] Aquelle primeiro selvagem foi mandado pôr em terra depois de Magalhães lhe ter dado alguns presentes, e elle **tão contente** se foi, **que** não tardou que outros se apresentassem com a mira nas mesmas dadivas.

[271] Eram **tão extraordinarios** os habitantes d'aquellas paragens, **que** Magalhães entendeu trazer dois d'elles ao rei de Castella, quando regressasse á Europa.

[272] O tempo ia bonançoso, sem chuvas, nem vento rijo; mas já proximos do rio Santa Cruz principiou a desenvolver-se temporal e **tão violento, que** as caravellas estiveram a ponto de perder-se.

[273] Para não morrer de fome vimo-nos obrigados a roer o coiro que forrava a verga grande e que impedia que a madeira desgastasse os cabos; era, porém **tão duro** o coiro, exposto a agua, ao sol e aos ventos, **que** precisava estar de molho no mar quatro e cinco dias, para ficar um pouco mais macio, pondo-o depois ao lume, e assim o comiamos.

[274] Em volta da esteira todos se sentaram e principiam a servir-se do que havia, comendo e bebendo em boa convivencia; mas cedo reconheceram o engano, porque um bando de indigenas armados, que surdiu de emboscada, lançou-se traiçoeiramente sobre os castelhanos e logo se armou alli uma lucta braço a braço, cada vez mais terrivel, sendo os indigenas em **tão grande** numero **que** impossivel era submettel-os.

[275] Eram o brasão e timbre que deviam pertencer a Fernão de Magalhães, que **tão infeliz** foi **que** nem sequer o pôde legar a seus descendentes, como era seu desejo.

[276] A. de Humboldt, falando d'estas nuvens, diz:[15] «das duas nuvens de Magalhães que giram em volta do polo austral, d'este polo **tão despovoado** de estrellas **que** podia chamar-se uma região devastada, a maior, principalmente, parece, conforme investigações modernas, uma quantiosa accumulção de acervos esphericos de estrellas de maior ou menor grandeza e de nebulosidades irreductiveis.

[277] Muitas vezes vimo-nos na necessidade de comermos serradura de madeira; e os ratos, **tão repugnantes** ao homem, chegavam a ser o alimento mais apetitoso, pagando-se até por meio ducado cada um.

[278] **Tão bem** se entenderam, **que** o rei da ilha de Masavá veio a bordo fazer os seus cumprimentos a Magalhães...

[279] Assim entabolaram os navegantes relações com a gente da ilha de Masavá que **tão bem** os recebeu, **que** a frota ali se demorou até 4 de abril...

[280] Este piloto, que era muito entendido em cosmographia, parece que tinha seus agravos de Magalhães, e, ou por este motivo, ou porque ia doente, e **tanto que** morreu depois na viagem...

[281] Não foram as tempestades que difficultaram a marcha, porque essas felizmente não assaltaram os navegantes n'aquelle mar, e **tanto que** estes lhe chamaram mar Pacifico, que ainda hoje conserva...

[282] O rei de Masavá mostrou-se muito reconhecido a Magalhães e **tanto que**, pedindo este para com elle trocar viveres por fazendas, o rei lhe mandou arroz e do mais que tinha...

[283] O regulo que não quizera reconhecer a auctoridade dos estrangeiros, chamava-se Silapulapú; mas outro regulo da mesma ilha, chamado Lula, mostrou-se mais docil, e **tanto, que** prometteu a Magalhães o mandar-lhe presentes em troca dos que d'elle recebera.

[284] Sem navios nem meios para os adquirir e aprestar, sem nada poder esperar do rei que o despresara, tinha fatalmente que recorrer a Castella, **tanto** mais, **que** para realizar a sua viagem, não querendo abeirar-se de terras portuguezas, precisava tocar em terras sujeitas á Hespanha e onde não era permittido estabelecer trafico sem auctorisação do rei de Castella.